

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO

NAIARA FERNANDA SANTOS

**ANÁLISE DISCURSIVA DE COMENTÁRIOS JORNALÍSTICOS DOS
ESTUDANTES DE LETRAS DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA NO INTERIOR
DE MINAS GERAIS**

UBERABA – MG

2020

NAIARA FERNANDA SANTOS

**ANÁLISE DISCURSIVA DE COMENTÁRIOS JORNALÍSTICOS DOS
ESTUDANTES DE LETRAS DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA NO INTERIOR
DE MINAS GERAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro como requisito parcial para o título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Fundamentos Educacionais e formação de professores.

Orientador: Prof. Dr. Acir Mário Karwoski

UBERABA – MG

2020

**Catálogo na fonte: Biblioteca da Universidade Federal do
Triângulo Mineiro**

S236a Santos, Naiara Fernanda
Análise discursiva de comentários jornalísticos dos estudantes
de letras de uma universidade pública no interior de Minas Gerais
/ Naiara Fernanda Santos. -- 2020.
116 f. : il., tab.

Dissertação (Mestrado em Educação) -- Universidade Federal
do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2020
Orientador: Prof. Dr. Acir Mário Karwoski

1. Professores - Formação. 2. Gêneros literários. 3. Jornalis-
mo e educação. 4. Análise do discurso. I. Karwoski, Acir Mário.
II. Universidade Federal do Triângulo Mineiro. III. Título.

CDU 371.13

NAIARA FERNANDA SANTOS

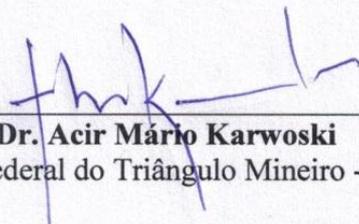
**ANÁLISE DISCURSIVA DE COMENTÁRIOS JORNALÍSTICOS DOS
ESTUDANTES DE LETRAS DE UMA UNIVERSIDADE NO INTERIOR DE MINAS
GERAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em **Fundamentos Educacionais e Formação de Professores**, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, como requisito parcial para obtenção do título de **Mestra em Educação**.

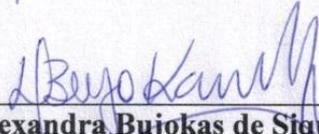
Orientador: **Prof. Dr. Acir Mário Karwoski**

Uberaba, MG, 05 de março de 2020

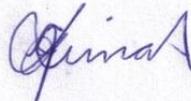
Banca Examinadora:



Prof. Dr. Acir Mário Karwoski
Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM



Profa. Dra. Alexandra Bujokas de Siqueira
Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM



Prof. Dr. Geraldo Gonçalves de Lima
Instituto Federal do Triângulo Mineiro - IFTM

RESUMO

Devido às transformações da sociedade no que diz respeito à comunicação, verifica-se que o acesso ao jornalismo digital é cada vez mais rápido por conta da velocidade com que circulam as informações. A área de concentração na qual se encontra essa pesquisa é a de fundamentos educacionais e formação de professores, cuja linha é fundamentos e práticas educacionais. O objetivo principal é compreender a percepção de estudantes do curso de Letras de uma instituição de ensino superior quanto ao comentário em jornal on-line, a fim de conduzi-los à formação como cidadãos críticos e capazes de produzir comentários sem a reprodução de preconceitos em suas mais diversas formas. O trabalho justifica-se pela necessidade de estudos relacionados aos novos gêneros textuais, em especiais os que circulam no jornalismo digital, bem como contribuir para a formação inicial de professores. Nosso problema de pesquisa buscou discutir com os alunos do curso de Letras acerca da postura do cidadão que produz comentários em jornais na internet e, posteriormente, fazer uma análise de seus comentários perante falas que emanem preconceito e discurso de ódio, possibilitando assim a formação de professores de língua portuguesa capazes de trabalhar esse gênero em sala de aula. O referencial teórico baseia-se em Alves Filho (2011), que defende o papel do usuário como responsável pela constante modificação dos gêneros textuais e Marcuschi (2011), que define os gêneros como formas culturais e cognitivas de ação social. A coleta do material empírico ocorreu nos moldes de uma pesquisa-ação, que objetiva sempre uma transformação social, tendo os sujeitos envolvidos no processo reflexivo, tanto no momento da análise quanto na produção do conhecimento. Os dados foram analisados a partir do referencial teórico da análise do discurso de linha francesa (ADLF) que observa o discurso como manifestação das ideologias dos sujeitos, levando em consideração que o sujeito enuncia a partir do lugar que ocupa na sociedade, uma vez que não escolhe o discurso, mas discursa baseado em suas convicções. Verificamos ainda que a pesquisa seguiu o referencial acerca do dialogismo explorado no círculo de Bakhtin (2011) e por Fiorin (2006). Como resultados, verificamos que os estudantes de Letras que participaram da pesquisa compreendem a importância do trabalho pedagógico com os diferentes gêneros digitais em sala de aula e, ao final da pesquisa-ação, destacamos, também, as contribuições do trabalho com gêneros do jornalismo digital (on-line) para a área de formação de professores e como estratégia de ensino da escrita na cultura digital.

Palavras-chave: Gênero textual; Comentário; Formação de professores; Texto jornalístico; Análise do discurso.

RESUMEN

Debido a las transformaciones de la sociedad en el que dice respeto a la comunicación, verificamos que el acceso al periodismo digital es cada vez más rápido por cuenta de la velocidad con que circulan las informaciones. El área de concentración en la cual se encuentra esa investigación es la de fundamentos educacionales y formación de profesores, de que la línea es fundamentos y prácticas educacionales. El objetivo principal de ella es comprender la percepción de los estudiantes de curso de Letras de una institución de enseñanza superior cuanto al comentario en periodismo on-line, para conducirlos a la formación como ciudadanos críticos y capaces de producir comentarios sin la reproducción de prejuicios en sus más diversas formas. El trabajo se justificase pela necesidad de estudios relacionados a los nuevos géneros textuales, bien como los alumnos del curso de Letras acerca de la postura del ciudadano que produce comentarios en periodismo en internet y, posteriormente, hacer un análisis de sus comentarios delante hablas que emanen prejuicios y discursos de odio, posibilitando así la formación de profesores de lengua portuguesa capaces de trabajar ese género en la clase. El referencial teórico es con base en Alves Filho (2011), que defiende el papel del usuario como responsable por la constante modificación de los géneros textuales y Marcuschi (2011), que defiende los géneros como formas culturales y cognitivas de acción social. La coleta del material empírico ocurre en los moldes de la pesquisa acción, que objetiva siempre una transformación social, teniendo como los sujetos envueltos en el proceso reflexivo, tanto en el momento del análisis cuanto en la producción de conocimiento adquirido. Los datos fueron investigados por medio del referencial teórico de análisis de discurso de línea francesa que observa el discurso como manifestación de las ideologías de los sujetos, levando en consideración que él enuncia a partir del lugar que ocupa en la sociedad, una vez que él no elige el discurso, más discursa basado en sus convicciones. Echaremos un vistazo, aunque en el concepto de dialogismo en el círculo de Bakhtin (2011) e Fiorin (2006). Al final, miramos que, los estudiantes de Letras comprenderán la importancia del trabajo pedagógico con los diferentes géneros digitales en clase y, al final de la pesquisa acción, destacamos las contribuciones del trabajo para el área de formación inicial de profesores y como estrategia de enseñanza de la escritura en la cultura digital.

Palabras-clave: Género textual; Formación de profesores; Texto periodístico; Análisis del discurso.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES (TABELAS E QUADROS)

Tabela 1 – A idade dos participantes.....	55
Tabela 2 – Ensino fundamental: escola pública ou particular?.....	56
Tabela 3 – Ensino médio: escola pública ou particular?.....	56
Tabela 4 – Estudo sobre gêneros da esfera jornalística no ensino regular.....	57
Tabela 5 – Estudo sobre gêneros da esfera jornalística no curso de Letras.....	58
Tabela 6 – Meios de comunicação mais utilizados para se informar.....	59
Tabela 7 – Acesso a informações pela internet/redes sociais.....	59
Tabela 8 – Hábito de ler a seção de comentários.....	61
Tabela 9 – Características observadas nos comentários.....	61
Tabela 10 – Hábito de produzir comentários.....	62
Quadro 1 – Comentário A.....	71
Quadro 2 – Comentário B.....	73
Quadro 3 – Comentário C.....	74
Quadro 4 – Comentário D.....	76
Quadro 5 – Comentário E.....	77
Quadro 6 – Comentário F.....	77
Quadro 7 – Comentário G.....	78
Quadro 8 – Comentário H.....	80
Quadro 9 – Comentário I.....	80
Quadro 10 – Comentário J.....	81
Quadro 11 – Comentário K.....	82
Quadro 12 – Comentário L.....	83
Quadro 13 – Comentário M.....	83
Quadro 14 – Comentário N.....	84
Quadro 15 – Comentário O.....	86

Quadro 16 – Comentário P.....	87
Quadro 17 – Comentário Q.....	88
Quadro 18 – Comentário R.....	89
Quadro 19 – Comentário S.....	90
Quadro 20 – Comentário T.....	92
Quadro 21 – Comentário U.....	92
Quadro 22 – Comentário V.....	92

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
CAPÍTULO 1 – OS GÊNEROS DO DISCURSO.....	11
1.1. Conceituando os gêneros textuais / discursivos	11
1.2. Os gêneros textuais / discursivos do jornal como facilitadores no processo de ensino e aprendizagem.....	16
1.3. Gênero textual / discursivo comentário.....	25
CAPÍTULO 2 – CONSTRUÇÃO DO PROCESSO COMUNICATIVO.....	28
2.1. Fala e escrita.....	28
2.2. Relação texto-leitor (Dialogismo).....	30
2.3. Práticas de letramento.....	34
2.4. O que diz a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)?.....	39
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA E COLETA DE MATERIAL EMPÍRICO.....	45
3.1. Pesquisa-ação.....	46
3.2. Análise do discurso como metodologia de pesquisa.....	49
3.3. Descrição do processo metodológico.....	53
CAPÍTULO 4 - DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	55
4.1. Questionário diagnóstico – primeiras impressões.....	55
4.2. Observações – descrição do desenvolvimento das aulas.....	67
4.3. Análise dos comentários dos alunos do curso de Letras.....	70
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
6. REFERÊNCIAS.....	97

APÊNDICES..... 103

ANEXOS..... 105

INTRODUÇÃO

A pesquisa¹ visa a compreender a percepção de 16 (dezesesseis) estudantes do curso de Letras de uma Instituição de ensino superior (IES) quanto ao comentário em jornalismo on-line, a fim de conduzi-los à formação como cidadãos críticos e capazes de produzir comentários sem a reprodução de preconceitos e/ou discursos de ódio diante das diversas notícias veiculadas.

O projeto do qual resulta a dissertação de mestrado teve início ao longo da graduação, no período em que fomos bolsistas de iniciação à docência no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, subprojeto Espanhol. Durante os trabalhos em escolas parceiras, desenvolvemos atividades que envolviam gêneros textuais jornalísticos, porém, trabalhando no contexto da língua espanhola. Tivemos um resultado extremamente positivo, uma aceitação muito boa perante os alunos e a escola.

Ao término da graduação, na busca por uma especialização, nos vimos novamente diante dos gêneros jornalísticos, porém, dessa vez voltamos nossos olhares para os estudantes de língua portuguesa. A pós-graduação *lato sensu* em Educação profissional e tecnológica aplicada a gestão de programas e projetos de aprendizagem foi cursada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM) na cidade de Uberaba-MG e nos trouxe muito aprendizado. No desenvolvimento do projeto, que findou na apresentação do TCC, trabalhamos com alunos do ensino fundamental II (8º ano) e levamos a eles temas relevantes e em alta na sociedade, assim como temas recorrentes do Enem. A ideia naquele momento foi apresentar aos alunos, textos com temas que faziam parte de suas realidades sociais e instigá-los a pensar mais sobre eles, sendo assim capazes de produzir conhecimento a partir daquilo que foi lido e discutido durante os encontros.

Para o desenvolvimento daquele projeto trabalhamos momentos de leituras, discussões e construção de conhecimento entre todos os envolvidos. As aulas desenvolvidas foram extremamente produtivas, de maneira que os alunos estiveram envolvidos em todo o processo e foram peças-chave para conclusão da pesquisa. O trabalho com os alunos do ensino fundamental nos fez pensar em como poderia ser

¹ Pesquisa aprovada pelo CEP da UFTM conforme protocolo 04336718.2.0000.5154.

proveitoso e importante trabalhar com os professores em formação, uma vez que eles são os mediadores em sala de aula, ou seja, na grande maioria das vezes serão eles que farão os alunos pensarem a respeito da leitura e da necessidade de se atentarem para a qualidade do que se lê.

Chegando ao mestrado, após alguns anos lendo e nos aproximando ainda mais dos estudos em gêneros textuais da esfera jornalística, optamos por trabalhar com o comentário em textos jornalísticos on-line. Ao pensar nesse gênero, gostaríamos de salientar que estes não estão presentes somente em jornais, intitulados de fato como jornais, podendo ser encontrados também nas redes sociais, em que uma diversidade de páginas e perfis de cunho jornalístico estão em constante emergência.

Na busca incessante por afunilar nosso campo de estudo, nos aproximamos desse gênero que é relativamente novo, pois só ganhou força após a explosão das redes sociais. Sendo assim, se trata de um material vasto e que a grande maioria das pessoas pode ter acesso, devido à facilidade que a internet vem proporcionando ao homem ao longo dos anos.

O objetivo principal dessa pesquisa é compreender a percepção de estudantes de letras de uma instituição de ensino superior quanto ao comentário em jornalismo on-line, buscando auxiliá-los no trabalho com esse gênero em sala de aula a fim de formar cidadãos com capacidade de leitura e escritas críticas, sendo esses capazes de produzir textos na internet sem reprodução de preconceitos. Este trabalho objetiva também fazer uma análise de comentários postados em textos jornalísticos on-line junto aos estudantes participantes da pesquisa, verificando assim os diversos tipos de preconceitos, discursos de ódio e estereótipos que podem estar presentes nesse gênero. Além disso, buscamos mostrar a importância do trabalho com esse gênero em sala de aula, que faz parte do cotidiano de todos os cidadãos.

Fizemos um breve levantamento sobre possíveis trabalhos que envolvem o gênero textual comentário em jornalismo on-line e formação de professores, mas não encontramos temática que se adequasse à mesma perspectiva de pesquisa com a qual buscamos nos enquadrar. Tomás (2019), por exemplo, trabalha com o gênero textual comentário em jornal on-line. No entanto, sua pesquisa verifica como é vista a violência sofrida pela mulher e como é a visão dos comentaristas em relação ao que é postado nos jornais. Ela analisa os estereótipos de gênero existentes na sociedade e observa como são construídas as relações dialógicas dos comentários desse tipo

de notícia no jornal Folha de S. Paulo on-line. Portanto, ela foca em somente uma espécie de preconceito e seu trabalho objetiva verificar comentaristas diversos, sem conhecimento de quem são as pessoas que elaboram os textos.

Um outro trabalho que nos parece importante é a dissertação de Silva (2017). A pesquisadora apresentou uma análise semiótica no que tange a constituição de comentários em blogs e no Facebook. Ela verificou como se constroem os comentários; apresentou que muitos comentários apresentam pouca possibilidade de interatividade, bem como divergências com o que estava sendo comentado e, por fim, verificou diferentes tipos de intolerâncias manifestadas por meio desse gênero textual.

Durante nossas pesquisas encontramos ainda uma dissertação muito interessante, de Duarte (2019), na qual o pesquisador analisa o surgimento de neologismos em comentários on-line. É importante ressaltar que o estudo analisou a formação de novas palavras numa perspectiva do ensino de língua portuguesa que faça sentido aos alunos, verificando como a mudança na grafia de algumas palavras pode refletir na escrita do aluno em sala de aula.

Após esse breve levantamento, consideramos que é grande a relevância da pesquisa que desenvolvemos, pois, conseguimos trabalhar com um gênero emergente, que é o comentário, em um curso de formação de professores. Com isso tivemos a possibilidade de atingir uma quantidade considerável de pessoas, futuros alunos dos profissionais em formação, que poderão ter um posicionamento diferente ao se deparar com a possibilidade de (re) produzir um comentário on-line.

Observamos que o uso de diferentes recursos tecnológicos como a televisão, rádio e Internet vem sendo demonstrado como um facilitador em diversos meios sociais, inclusive no que diz respeito aos processos de ensino e aprendizagem. Atualmente, é crucial que as escolas de educação básica se insiram nesse contexto de alguma maneira para ensinar aos alunos como contribuir para a formação dos cidadãos. Dessa forma, acreditamos que o trabalho com um gênero como o comentário, que se insere nesse âmbito, pode auxiliar os professores a abordarem essa temática em sala de aula, levando em consideração também o documento da BNCC de 2017 que preconiza o uso de gêneros digitais, jornalísticos e que fazem parte do cotidiano dos alunos.

Atualmente, a cultura digital está cada vez mais difundida na sociedade; no entanto, ainda é bastante complexa a questão dos diversos tipos de discursos de ódio e preconceitos de todas as formas que diariamente são lançados nas mídias digitais, sejam elas redes sociais ou jornais de grande circulação.

Ao pensar nos gêneros jornalísticos verificamos a importância, para essa pesquisa, da associação entre eles e a interatividade eletrônica. Silva (2012) conceitua o jornalismo digital como a capacidade da interação entre locutor e interlocutor. O autor afirma que há tempos existe o fornecimento de informações mediante aparatos tecnológicos como, por exemplo, o fax. No entanto, com a democratização do acesso à internet, há agora uma “[...] interdiscursividade, que não se limita aos jornais e revistas, ao contrário, nenhuma comunicação via Internet fluirá se não houver possibilidade de retorno” (SILVA, 2012, p. 254). Ela confirma ainda que marcas de seu acesso são deixadas pela rede, mesmo que alguém seja o autor de postagens ou, simplesmente resolveu interagir com o que foi dito. Ou seja, compreendemos que é importante, por parte da população, a percepção de que tudo aquilo que fazemos na rede pode ser rastreado, por isso, não é porque se encontram atrás de uma tela que essas pessoas podem se expressar de qualquer maneira, livremente, sem respeito e disseminando ódio e preconceito.

Dessa forma, para Silva (2012), o leitor pode simplesmente “passar ileso” pelas postagens, ou seja, se manter passivo perante aquilo que lê ou tem a possibilidade de se comunicar sobre isso, exercendo assim o ato de navegar e não simplesmente de ler.

Ao ler ‘matérias’ jornalísticas disponibilizadas em rede, o leitor poderá optar por sua antiga passividade frente ao relato fornecido ou entrar no circuito da interatividade, ‘falar’ com os editores ou com outros leitores, clicar sobre links oferecidos, ou simplesmente pular de site em site, à maneira das borboletas e dos beija-flores (SILVA, 2012, p. 254). [grifos no original]

Assim, acreditamos na relevância dessa pesquisa no sentido de se pensar na formação de um professor capaz de produzir comentários – gênero textual / discursivo – a partir daquilo que leu e refletiu. E, sendo professor, saber ensinar seus alunos. Consideramos que levar esse tipo de contribuição para a escola e para um programa de pós-graduação é fundamental na sociedade em que se vive atualmente, pois, com a quantidade de meios de comunicação e a velocidade com que as informações

circulam, podem ocorrer dificuldades em compreender os enunciados de maneira lúcida e perspicaz, sem levar em consideração as diferenças enunciativas existentes.

Para a construção do material empírico da pesquisa, seguimos os moldes de uma pesquisa-ação, que segundo Toledo e Jacobi (2013), é uma pesquisa que objetiva refletir coletivamente acerca de melhorias em determinadas práticas, buscando propor resoluções de problemas de cunhos sociais e educacionais, envolvendo teoria e prática na perspectiva da criação de novos saberes e conhecimentos.

A análise do material leva em consideração o modelo teórico da Análise do discurso (AD), que é a materialização do discurso ideológico pelos sujeitos. Segundo Orlandi (1999), a AD parte da ideia de que o discurso é a prática da linguagem, sendo esta uma necessidade do homem com sua realidade social, por isso é essencial que a linguagem seja observada junto à exterioridade (ao contexto social) e não de maneira isolada.

Além da compreensão em relação à percepção dos estudantes quanto a esse gênero e a formação crítica e cidadã, iremos verificar comentários realizados em jornais de grande circulação (Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de Minas), como também algumas redes sociais locais que trabalham na perspectiva jornalística (JM on-line e Boca no Trombone). A intenção aqui é levar aos alunos, participantes da pesquisa, modelos de comentários preconceituosos e com discursos de ódio para uma problematização e discussão em sala. Ressaltamos que a escolha desses meios se deu em função da localização geográfica em que nos encontramos (região Sudeste), bem como, ao que diz respeito à influência que os grandes jornais têm sobre a população.

Inicialmente, para desenvolvimento do projeto, fizemos um primeiro encontro no qual aplicamos um questionário diagnóstico (Apêndice I), feito para identificar o perfil dos estudantes de um curso de Letras de uma instituição de ensino pública quanto ao uso das redes sociais, acesso a textos jornalísticos on-line, bem como a busca de informações em diferentes meios comunicativos. Logo em seguida fizemos uma análise com base nas observações realizadas nos segundo e terceiro encontros, e, por fim, analisamos comentários feitos pelos estudantes participantes da pesquisa. Os comentários se referem às reportagens selecionadas pelos pesquisadores e postadas na plataforma Moodle da Universidade. Optamos por trabalhar com notícias

de temas que pudessem gerar alguma polêmica e selecionamos também alguns comentários já postados nas matérias.

Quando selecionamos os comentários postados na plataforma da universidade para os alunos comentarem, pensamos em apresentar alguns que trouxessem questões polêmicas, de forma a gerar uma certa discussão e os alunos pudessem comentar levando em conta sua ideologia e processo de construção de identidade. Sendo assim, buscamos alguns comentários presentes nas reportagens postadas, nos quais verificamos discursos de ódio e preconceito e, a partir disso, passamos a analisar as características do discurso presente nos comentários escritos pelos estudantes e que estavam direcionados a eles ou a matéria em si.

Salientamos que fizemos a análise dos comentários observando-os a partir de um viés crítico discursivo, ou seja, realizamos uma análise linguística de como são utilizados os argumentos na construção textual, utilizando os seguintes critérios de análise: se os comentários feitos se relacionam com a notícia apresentada; se há manifestações indelicadas nas postagens; se as pessoas se manifestam com base em estereótipos criados por parte da sociedade; se os comentaristas demonstram estar sendo influenciados por outros comentários já realizados; se há uma capacidade crítica e utilização de argumentos coerentes com o que é comentado; e, por fim, o local de fala que eles ocupam na sociedade levando em consideração o discurso de que se utilizam. Dessa maneira, afirmamos que o caráter ideológico dos participantes da pesquisa somente será analisado com base em suas manifestações discursivas.

Com isso, pensando nas modificações que a sociedade vem sofrendo ao longo dos anos, por conta do advento da internet e da rapidez com que as informações circulam, esse trabalho se justifica pela necessidade de estudos relacionados aos novos gêneros textuais, bem como contribuir para a formação de professores aptos a trabalharem com os gêneros jornalísticos em sala de aula, em especial com o gênero discursivo comentário e, além disso, que possam desenvolver em seus alunos capacidade de se valer de bons argumentos na construção textual.

Ao final do trabalho apresentamos nossas considerações finais acerca da valia de desenvolver um projeto como esse em um curso de formação de professores de língua portuguesa.

CAPÍTULO 1 – OS GÊNEROS TEXTUAIS / DISCURSIVOS

1.1. Conceituando os gêneros textuais / discursivos

Na busca recorrente por embasar melhor nossa pesquisa, acreditamos que se faz necessário conceituar os gêneros textuais / discursivos para uma melhor apropriação de suas concepções.

Mikhail Bakhtin foi um dos mais destacados pensadores de uma rede extensa de profissionais inteiramente dedicados e preocupados com a forma que eram estudadas a linguagem, a literatura e a arte. Bakhtin dedicou praticamente toda a sua vida à definição de noções, conceitos e categorias de análises da linguagem, mas sempre inserindo seus discursos em meios cotidianos, artísticos, filosóficos, científicos e institucionais.

De acordo com pesquisas realizadas em torno da obra do autor, entendemos que um dos aspectos mais importantes na trajetória do pensador, foi enxergar a linguagem como algo que não é estático, ou seja, Bakhtin tinha o poder de observar as constantes mudanças que podem ocorrer dentro da língua, independente de qual seja, entendendo-a como um processo constante de interação mediado pelo diálogo e não simplesmente como um processo autônomo. O pensador elaborou uma teoria que coloca a linguagem como uma ferramenta capaz de modificar a realidade sócio histórica e crítica dos indivíduos, sendo ela o principal agente de transformação de sua condição.

Bakhtin (2011) a princípio afirma que os círculos das atividades humanas estão sempre ligados ao uso da língua e que ela está sempre nos fornecendo meios de efetuar de forma concreta, enunciados tanto orais como escritos. O estudioso apresenta que esses campos de conteúdo têm um tipo de construção composicional em que são tomados como os principais elementos o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional.

O autor confirma que os gêneros são enunciados tipicamente elaborados em diferentes campos da língua. Dessa forma, cada gênero difere de acordo com as condições em que estão inseridos e também com a finalidade de cada um desses

enunciados. Assim, cada conteúdo, estilo e composição formam um dado enunciado dentro do campo da comunicação e, assim, caracterizam-se os gêneros textuais / discursivos.

Além disso, Bakhtin (2011) corrobora que os conceitos de língua, enunciados e gêneros do discurso estão intimamente relacionados e são fundamentais para que a comunicação funcione bem, acrescentando, além da importância dos gêneros na comunicação, o fato de fazerem parte do cotidiano de todos os falantes.

O estudioso destaca a dificuldade que se tem em definir, de forma concisa, a heterogeneidade dos gêneros do discurso e destaca que deve ser levado em conta, nesses casos, o caráter genérico do enunciado, ou seja, é necessário observar as diferenças essenciais entre gêneros primários e gêneros secundários.

O teórico conceitua que os gêneros são divididos em primários (simples) e secundários (complexos), sendo os primários temas do cotidiano como cartas, diálogos, e-mails, entre outros. Já os gêneros secundários aparecem em circunstância de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída. Os gêneros secundários, que são os mais complexos, absorvem e transmitem os primários, ou seja, os gêneros primários acabam se tornando componentes dos secundários, assim como uma carta inserida em um romance, ela perde sua relação imediata com a realidade para se tornar parte do enunciado alheio.

Nesse contexto acreditamos que o gênero textual / discursivo comentário possui características dos gêneros secundários, uma vez que é produzido com base em outros já existentes, no caso, textos jornalísticos.

Ou seja, cada enunciado é descrito de acordo com as necessidades apresentadas por ele e pelo interlocutor alvo. Assim, esses enunciados seriam produzidos em uma situação específica, com público alvo já selecionado e uma intenção comunicativa pré-estabelecida. Por isso, compreendemos que, para Bakhtin (2011), toda e qualquer comunicação feita pelos sujeitos se dá por meio da linguagem verbal e/ou não-verbal.

Sendo assim, para o estudioso, o enunciado acontece a partir das condições reais de uso da língua e, mesmo que os gêneros possuam diferentes formas, o enunciado não é fixo, uma vez que depende do outro para se estabelecer. Dessa

forma, compreendemos que, na teoria bakhtiniana, o texto é o resultado da interação entre os falantes. “O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana” (BAKHTIN, 2011, p. 261).

Nesse contexto, é essencial tratarmos de terminologias importantes como o discurso de ódio, por exemplo. Recuero (2009) afirma que as redes sociais são formadas por grupos de pessoas, ou seja, são atores sociais que estabelecem relação por meio da interação que possuem. Nesse sentido, a autora reitera, assim como já afirmamos anteriormente, que a internet possibilitou que a difusão das informações ocorresse de maneira mais rápida e que diferentes pessoas pudessem interagir. Por isso “tal mudança criou novos canais e, ao mesmo tempo, uma pluralidade de novas informações de forma mais rápida circulando nos grupos sociais” (RECUERO, 2009, p. 116).

Segundo Stein, Nodari e Salvagni (2018), os sujeitos constituem sua identidade com base nos padrões culturais com os quais tiveram contato, ou seja, com os grupos nos quais nasceram e viveram. Sendo assim, o desenvolvimento dos sujeitos se dá baseado na intersubjetividade, em qualquer âmbito que seja, relações pessoais, profissionais, amorosas, jurídicas, entre outras. A partir daí toda e qualquer situação vivenciada pelo sujeito será capaz de moldar a forma como ele irá se comportar perante determinadas situações de conflito, dando origem, assim, às tensões sociais. As autoras confirmam que o instrumento dessa interação social tem os símbolos como instrumentos, sendo o ódio vinculado por seu discurso parte desses símbolos, uma vez que ele é oriundo da opressão pelas quais os sujeitos passaram e por situações às quais foram expostos.

Logo, observamos aqui também um conceito importante para composição dessa pesquisa que é o surgimento dos “haters”. Ainda baseados nas autoras mencionadas acima, esse é o nome que se dá aos atores disseminadores de discursos preconceituosos e expressões pejorativas na internet. Assim, são conhecidos como os “odiadores” ou “trolls”, uma vez que acessam a internet facilmente e sua especialidade é espalhar ódio pela rede.

Segundo Rebs e Ernst (2017) já existem sites/blogs especializados para disseminação de ódio e preconceito na internet, sendo assim, esses odiadores veem ali locais de incentivo a atos de violência como “[...] estupro, a pedofilia, a execução

de homossexuais ou mesmo o assassinato de mulheres por serem consideradas (pelo autor) ‘seres inferiores’” (REBS; ERNST, 2017, p. 25). As autoras afirmam que, a partir desses sites, muitos desses “trolls” saem daquele local para as redes sociais e continuam disseminando o ódio ali incentivado.

Rebs e Ernst (2017) afirmam que as redes sociais, os jornais on-line e todas as plataformas em que a interação possa ocorrer, atuam como um local de conversação e de manifestação de diferentes formações discursivas. “Tal possibilidade faz circular e disseminar saberes entre os usuários, dada a potencialidade proporcionada pelo espaço que permite grande visibilidade” (REBS; ERNST, 2017, p. 25). Devido à capacidade de viralização dos comentários pela rede, alguns comentários passam a ser evidenciados por carregarem consigo uma pluralidade de dizeres.

Assim, uma simples postagem de caráter polêmico é capaz de mobilizar um número infindável de pessoas que passam a discutir e a expor seus diferentes pontos de vista em discursos que, por vezes, emanam o ódio relacionado à discordância de pensamentos / ideologias. (REBS; ERNST, 2017, p. 25)

Entendemos que os gêneros são manifestações socioculturais que se dão por meio da linguagem e são materializados nas diversas situações comunicativas entre os falantes. Os gêneros surgem, então, de acordo com a necessidade dos indivíduos, ou seja, variam de acordo com os falantes e as situações de comunicação. “Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais” (MARCUSCHI, 2005, p. 20).

Julgamos importante apresentar também a concepção de Bazerman (1994, *apud* MARCUSCHI, 2011) acerca da necessidade que temos em identificar e classificar os gêneros textuais. Para o estudioso, os gêneros, por estarem em constante modificação, ao receberem classificações, acabam por ter reduzidas suas possibilidades. Sendo assim, ele confirma que “gêneros são o que as pessoas reconhecem como gêneros a cada momento do tempo, seja pela denominação, institucionalização ou regularização. Os gêneros são rotinas sociais de nosso dia a dia” (BAZERMAN, 1994, *apud* MARCUSCHI, 2011, p. 18).

Segundo Bakhtin (2011), a heterogeneidade dos gêneros do discurso há muito não era considerada. Estudava-se os gêneros literários da antiguidade, os gêneros

retóricos e até mesmo os gêneros discursivos do cotidiano, mas não era levado em consideração as modificações ocasionadas pelos diferentes enunciados nos diferentes campos.

Reafirma-se assim o caráter heterogêneo dos gêneros do discurso, sejam eles orais ou escritos, uma vez que sua diversidade é um caráter quase inesgotável, pois, depende da interação humana. Portanto, como a linguagem é resultado dessa relação interativa dos falantes, o indivíduo possui aqui um papel de notoriedade.

Marcuschi (2005) afirma que, nos dois últimos séculos, devido às novas tecnologias, surgiram também novos gêneros textuais, mas que esses não são “totalmente novos”, pois carregam em si características que eram possíveis de serem observadas em gêneros anteriores, que já estavam difundidos na sociedade. O estudioso corrobora, segundo Bakhtin (1997), o conceito de transmutação dos gêneros, baseia-se na apropriação de características de gêneros já existentes para gerar novos gêneros textuais.

Dessa maneira, o autor afirma que “todas as nossas manifestações verbais mediante a língua se dão como textos e não como elementos linguísticos isolados. Esses textos são enunciados no plano das ações sociais situadas e históricas” (MARCUSCHI, 2010, p. 20). Sendo assim, o gênero é algo vivo e por ser constituído com base nas manifestações dos seres sociais, está em constante modificação.

Ele afirma ainda que, as marcas de autoria de determinados gêneros são menos visíveis, por isso os considera como relativamente estáveis. São aqueles textos mais genéricos e criados com o objetivo de instruir ou de normatizar determinados conteúdos, uma vez que a possibilidade de serem modificados é menor, é o caso, por exemplo, de leis, manuais, documentos, formulários. Posto isso, existem também os gêneros textuais / discursivos, que, como já dito, são variáveis e podem sofrer modificações com base na interação que os sujeitos exercem entre eles mesmos e com a comunidade em que estão inseridos.

Baseados em Marchuschi (2011) compreendemos também que, mesmo tendo um caráter dinâmico e de constante modificação, alguns “padrões” devem ser observados, mas que eles acabam limitando os indivíduos no momento da construção do enunciado. No entanto, reforçamos que, algumas “regras” seguem e devem ser respeitadas, pois, o que determina sua utilização são a situação e intenção

comunicativa. Assim, as situações de formalidade ou informalidade são fatores que precisam ser observados na construção verbal, seja esta oral ou escrita.

Sem deixar isso de lado, Marcuschi (2011) corrobora que, as teorias em que o gênero é considerado como um modelo estanque e sem possibilidade de mudança e interação estão em queda, uma vez que “[...] a tendência é observar os gêneros pelo seu lado dinâmico, processual, social, interativo, cognitivo, evitando a classificação e a postura estruturais” (MARCUSCHI, 2011, p. 19).

Dessa forma, o gênero textual / discursivo é reconhecido pela ação social em que é utilizado. Elaborar uma espécie de classificação dos gêneros sem observar a situação, a intenção e o momento histórico em que é posto, é integrar aos gêneros a concepção de que a interação humana e as mudanças no tempo e na sociedade, não podem alterá-lo.

Os gêneros não são superestruturas canônicas e deterministas, mas também não são amorfos e simplesmente determinados por pressões externas. São formações interativas, multimodalizadas e flexíveis de organização social e de produção de sentidos (MARCUSCHI, 2011, p. 20).

Portanto, a grande maioria dos gêneros é desenvolvida por conta da sua dinamicidade, por isso se modificam e se adequam às necessidades dos falantes. É justamente sobre esse caráter de estar em constante modificação que paira a presente pesquisa, observando como a tecnologia vem influenciando o surgimento dos novos gêneros textuais / discursivos.

1.2. Os gêneros textuais do jornal como facilitadores no processo de ensino e aprendizagem.

O jornal é um suporte de gêneros jornalísticos de suma importância para os indivíduos, pois, além de ser de fácil acesso, mantém as pessoas informadas acerca de todos os assuntos que envolvem a sociedade. Levando em consideração que a informação é essencial a todos, devido ao mundo globalizado no qual vivemos e em constante modificação, há uma extrema necessidade de se manter atualizado. No

entanto, acreditamos que se faz necessário que as pessoas atentem para a qualidade dessas informações e para sua capacidade de leitura, principalmente pela rapidez com que elas são divulgadas pelos meios de comunicação. Entendemos que, por meio delas, os indivíduos se comunicam com o mundo e é a partir disso que se possibilita formar cidadãos capazes de desenvolver capacidade crítica para se comunicar na sociedade.

Pensando nisso, compreendemos a importância de destacar em quais categorias se apresenta o material disponibilizado pela imprensa, refletindo especialmente a imprensa brasileira. Ancorados por Medina (2001), acreditamos que se faz necessário realizar uma classificação dos gêneros jornalísticos para que possamos elucidar questões importantes - referentes ao gênero comentário - que foram observadas ao longo da pesquisa.

Medina (2001) nos apresenta que Luiz Beltrão realizou a classificação dos gêneros jornalísticos em: informativo, interpretativo e opinativo “[...] com as funções de informar, explicar e orientar o público leitor” (MEDINA, 2001, p. 49); porém, ele afirma que o estudioso não levou em consideração aspectos importantes nela; dessa maneira, apresenta também a classificação desenvolvida por Melo (1985), da qual falaremos a seguir.

O autor informa que o agrupamento realizado pelo estudioso é feito de acordo com a intencionalidade da produção jornalística. Com isso, inicialmente são divididos em dois grandes grupos, sendo o primeiro o jornalismo informativo que parte da premissa de que o autor da nota, notícia, reportagem ou entrevista apenas comunica os fatos; e o segundo, o jornalismo opinativo, dentre os quais podemos citar o editorial, a resenha, a carta, o artigo, entre outros, no qual o autor analisa a realidade encontrada e apresenta a sua versão dos fatos.

1) a reprodução do real, através da qual o jornalista comunica os fatos noticiosos (jornalismo informativo), o que significa descrevê-los jornalisticamente a partir de dois parâmetros – o atual e o novo, ou seja, a observação da realidade e a descrição do que é apreensível à instituição jornalística. 2) leitura do real (jornalismo opinativo), que significa identificar o valor do atual e do novo na conjuntura que nutre e transforma os processos jornalísticos, ou seja, a análise da realidade e a sua avaliação dentro dos padrões jornalísticos, ou em outras palavras, a versão dos fatos construída por meio de argumentações, em favor de determinadas ideias e valores (MEDINA, 2001, p. 49-50).

A partir dessas duas definições, Medina (2001) faz uma crítica ao que é considerado real, uma vez que a realidade é colocada e surte diferentes efeitos dependendo de cada um. Pensando na nossa pesquisa, voltamos os olhares para a formação discursiva de cada sujeito, que se expressa por meio de tudo aquilo que o constitui, sendo o jornalista um sujeito, tem uma formação discursiva que não será a mesma de todos os leitores que seu texto atingir.

Levando em consideração que os textos do gênero jornalístico estão disponibilizados em plataformas digitais e podem receber comentários, compreendemos que haverá discordância em boa parte deles. Por isso, reiteramos a importância da consciência discursiva na formação dos sujeitos, leitores e produtores de comentários, para que a possibilidade de argumentação seja um fator a ser levado em conta na hora da escrita e para que, a reprodução de discursos de ódio e preconceito não seja cada vez mais disseminada nas redes.

Para concluir a divisão dos gêneros jornalísticos, posteriormente Medina (2001) evidencia os quatro grupos dentre os quais é feita essa segmentação:

[...] informativo, com a preocupação de relatar os fatos de uma forma mais objetiva possível; interpretativo, que, além de informar, procura interpretar os fatos; opinativo, expressa um ponto de vista a respeito de um fato; entretenimento, que são informações que visam à distração dos leitores (MEDINA, 2001, p. 51).

Considerando tudo o que foi dito em relação aos gêneros jornalísticos, observamos que, assim como os novos meios de comunicação estão em constante surgimento, com eles novos gêneros textuais emergem. Com o advento e o uso constante das redes sociais, compreendemos que os comentários disseminados constantemente pela sociedade como um todo, sejam eles nas redes sociais, jornais ou sites, tem sido um grande problema e que vem afetando a sociedade de maneira geral. Baseados em nossa vivência em sociedade, observamos que, atualmente, as telas encorajam os seres a reproduzirem uma infinidade de discursos preconceituosos e violentos, uma vez que muito ainda se vê a impunidade desse tipo de crime. Por isso, vemos a importância de trabalhar com esse gênero em sala de aula, pois, nossos alunos são parte desse público, assim como a grande maioria dos cidadãos participante ativos da sociedade em que vivemos.

Baseado em Alves Filho (2011), compreende-se que a nova concepção de gênero leva em conta que o usuário é o responsável pela constante modificação dos gêneros textuais, uma vez que é ele que os utiliza diariamente. Assim, observamos que o uso da língua faz com que ela esteja em constante transformação, por isso podemos dizer que os gêneros textuais não são estáticos, são maleáveis, portanto, se modificam. Por esse motivo, cabe aos estudiosos buscar novos conceitos, observar e compreender seus usos e mudanças. “Os gêneros são como os grupos sociais e os seres humanos que os usam: mutáveis, variáveis, dinâmicos, às vezes até mesmo contraditórios e irregulares” (ALVES FILHO, 2011, p. 20).

Verificamos esse conceito de mutação também na fala de Marcuschi (2011), ao afirmar que os gêneros textuais são eventos textuais altamente plásticos, maleáveis e dinâmicos. Surgem de acordo com as necessidades socioculturais, além de estarem relacionados a inovações na área de tecnologia. Ou seja, não podemos contemplar “os gêneros como modelos estanques nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social” (MARCUSCHI, 2011, p. 18).

A utilização dos gêneros no ensino tem sua importância explicitada também por Marcuschi (2005, p. 6) ao afirmar “[...] é através dos gêneros que as práticas de linguagem encarnam-se nas atividades dos aprendizes”. Para o autor, todas as interações acabam se caracterizando em gênero, seja ele escrito ou oral, por isso é importante mostrar aos alunos como os gêneros do jornal fazem parte do nosso cotidiano e, principalmente, que as pessoas, ao interagirem, também estão associadas a algum. E continua a afirmar que “[...] o trabalho com gêneros textuais é uma extraordinária maneira de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia-a-dia. Pois nada que fizermos linguisticamente estará fora de seu feito em algum gênero textual” (MARCUSCHI, 2005, p. 35).

Seguindo essa linha de pensamento na qual apresentamos os autores acima mencionados, verificamos que o indivíduo é o ator principal desse cenário, pois, é por meio dele que as interações ocorrem, os gêneros surgem e constantemente se modificam. Por isso, entendemos como é essencial que a informação veiculada por esses indivíduos seja de qualidade, pois quanto mais pessoas forem condicionadas a pesquisar sobre aquilo que se lê, buscar outras fontes antes de repassar determinadas coisas e ter consciência de que aquilo que se diz nas redes de

comunicação on-line podem afetar tanto positivamente quanto negativamente a vida de outras pessoas, menos comentários preconceituosos poderão surgir.

Segundo Costa e colaboradores (2006), a interação com diferentes textos propicia aos sujeitos criticidade, construção de conhecimentos e auxilia as crianças, jovens e adultos no desenvolvimento da fala e da escrita.

O ensino da língua materna deve fundamentar-se em uma concepção de linguagem como fruto da interação entre sujeitos, “processo em que os interlocutores vão construindo sentidos e significados ao longo de suas trocas linguísticas, orais ou escritas”. É a qualidade das oportunidades de convivência entre a criança e as pessoas ao seu redor que propicia a elaboração da fala interior e do pensamento reflexivo ou abstrato (COSTA et al, 2006, p. 35).

Consoante os estudiosos, o usuário da língua torna-se capaz de exercer sua organização de ideias, transmissão de informações e opiniões críticas por meio da interação com os diferentes textos; dessa maneira, entende-se que o uso do jornal de maneira contextualizada com o cotidiano e a cultura de cada ambiente escolar proporcionará aos leitores diferentes possibilidades de interação oral e escrita.

A eleição do texto – e não palavras, frases, classes ou funções – como unidade de ensino decorre da constatação de que é no texto que o usuário da língua exercita sua capacidade de organizar e transmitir ideias, informações, opiniões em situações de interação. O texto, considerado como espaço de construção de sentido, é o lugar em que se dá a interação entre sujeitos, tendo como cenário o contexto sociocognitivo (COSTA et al, 2006, p. 36).

Acredita-se que para o desenvolvimento da leitura e escrita críticas, o texto jornalístico é um excelente recurso, pois proporciona aos seus leitores um conhecimento de mundo diverso que somente a leitura de textos acadêmicos não satisfaz. Acreditamos que o sujeito capaz de fazer leitura e escrita críticas é aquele que lê e escreve sobre assuntos diversos sem levar em consideração somente o senso comum. Compreendemos que o sujeito crítico deve questionar de maneira racional o que é dito e o que é vinculado sem se pautar somente no que a grande mídia diz, questionando, pesquisando e sem aceitar imposições que a sociedade dominante, representada pela grande mídia, coloca.

Consoante Alves Filho (2011), nos últimos anos houve algumas mudanças no que se convém chamar de gênero; dessa maneira eles deixaram de ser formais e toda estrutura comunicativa capaz de representar qualquer significado é chamada assim, uma vez que eles são dinâmicos e flexíveis, como a capacidade humana de se relacionar. Com isso, o comentário – que é um gênero que surgiu recentemente – estabeleceu-se devido às mudanças na sociedade associadas às inovações tecnológicas.

Pensando nessa flexibilidade dos gêneros, ao observarmos a afirmação de Bazerman (2006) acerca das constantes modificações ocasionadas pelos novos gêneros que surgem, verificamos que o comentário é justamente um dos que emergiu por conta das mudanças existentes na própria sociedade. “Como leitores e escritores, frequentemente sentimos a necessidade de nos rebelar contra as aparentes restrições conservadoras do gênero sobre a criatividade, a novidade, a imaginação e o realinhamento sociopolítico” (BAZERMAN, 2006, p. 47).

Dessa maneira, o autor afirma que os indivíduos têm a necessidade de romper com o que é conservador, ou seja, há a necessidade da mudança e com ela, eles também se modificam. Segundo o estudioso, por ter um caráter dinâmico, o gênero acompanha as mudanças da sociedade; com isso, como os meios de comunicação on-line são atualmente um grande espaço de relações, o gênero comentário é amplamente utilizado por grande parte das pessoas que tem acesso à internet. “Chamamentos para rupturas de gênero são historicamente recorrentes, acompanhando momentos de mudança de gênero, quando formas de comunicação anteriores não parecem ser mais adequadas às novas situações e aos novos propósitos” (BAZERMAN, 2006, p. 48).

Para Fernandes (2010), formar cidadãos capazes de se apropriarem de determinados conhecimentos e responderem criticamente a essas exigências é um processo que está em constante mudança. O autor ressalta que para que os jovens possam ser capazes de fazer esse tipo de leitura e a partir dela possam se desenvolver criticamente, há necessidade de uma dose de referência e informações que possam ser comparadas a grandes obras e clássicos da literatura; no entanto, não é só isso. Essas ferramentas de leitura do mundo precisam ser exploradas também dentro da escola, pois é preciso sair do lugar comum e se valer de outros

meios de comunicação para a promoção de uma leitura crítica no ambiente escolar, afinal é dali que sairão os leitores e pessoas capazes de emitir opiniões.

O professor corrobora que, diferente do que o senso comum projeta sobre a importância da leitura para a escrita, o fato de se debruçar sobre obras que causam prazer aos leitores não faz com que esse leitor seja menos capaz de opinar de maneira crítica comparado àquele que só lê textos complexos, os quais não lhe causam nenhum deleite. Ele compreende que a leitura é de fato um capacitador para a criticidade, uma vez que as pessoas, de maneira geral, são afetadas por aquilo que leem. “São muitos os indícios de que aquele que lê dispõe de mais mediações e recursos para responder a demandas da vida como ela é” (FERNANDES, 2010, p. 39).

Sendo assim, para o estudioso, a escola, maior detentora e incentivadora da leitura de crianças e jovens, precisa ser capaz de observar as diferentes leituras que podem ser realizadas nos diversos contextos e meios comunicativos disponibilizados atualmente. Infelizmente, como entidade antiga que é, ainda tem muita dificuldade em enxergar e verificar que esse tipo de leitura, prazerosa e que muitas vezes abriga a realidade do aluno é capaz de promover uma capacidade argumentativa importante e poderá fazer dele um leitor crítico na sociedade.

Fernandes (2010) afirma que, muitos professores têm utilizado a leitura do jornal como um recurso para auxiliar os alunos no processo de leitura; no entanto, é preciso tomar cuidado para que o jornal não se torne o mesmo que os grandes clássicos, que exclusivamente determinados gêneros mais tradicionais sejam vistos como únicos capazes de promover uma formação leitora. O autor destaca que é preciso levar em conta o leitor, seja ele quem for, uma vez que cada um tem determinados tipos de preferência.

A comunicação em si é algo que faz parte do dia-a-dia e muitas vezes não paramos para pensar em sua estruturação e de como a convenção se encontra em suas entranhas. Os gêneros que a compõem “são formas de dizer mais ou menos estáveis em nossa sociedade” (ROJO, 2015, p. 86). De acordo com a estudiosa, na organização dos gêneros discursivos há três categorias que não se separam e trabalham em harmonia: tema, forma de composição e estilo. Uma não caminha sem a outra e nunca as categorias se contradizem.

Segundo a autora, tema é construção de sentido, é o todo do texto, e o texto é construído de maneira que o tema ressoe por ele e a ideologia circule. A autora afirma, segundo Bakhtin, que “o texto é o conteúdo inferido com base na apreciação de valor, na avaliação, no acento valorativo que o falante lhe dá [...]” (ROJO, 2015, p. 47). A forma, segundo a estudiosa, é a organização e o acabamento do texto como um todo, ou seja, o padrão utilizado naquele texto para sua composição. Assim, o estilo são os recursos linguísticos utilizados para dar sentido a determinado texto “[...] o estilo são as escolhas linguísticas que fazemos para dizer o que queremos dizer (‘vontade enunciativa’) [...]” (ROJO, 2015, p. 93).

Precisamos enfatizar que esses três elementos não são dissociáveis uns dos outros: os temas de um texto ou enunciado se realizam somente a partir de certo estilo e de uma forma de composição específica. Fazemos a separação entre os três elementos apenas para efeito de análise dos textos nos gêneros (ROJO, 2015, p. 87).

Entendemos também que é essencial tratarmos aqui um pouco sobre o conceito de letramento. No que tange à concepção de letramento, Bueno, Barricelli e Pereira (2017) afirmam que “[...] o letramento é plural, construído sócio historicamente e, portanto, gerador de conflitos” (p. 216). Dessa maneira, a concepção de linguagem, como dito anteriormente, se dá a partir do contato, das relações sociais que os falantes têm entre si e com o meio em que estão inseridos. A interação com diferentes textos faz com o que o aluno possa ir se tornando um leitor mais seletivo e capaz de fazer leituras mais complexas ao longo do tempo.

Assim, levando em conta que o jornal é um meio comunicativo que abarca uma diversidade de gêneros e é uma das mídias mais presentes na casa das pessoas, se faz necessário levar em conta aquilo que de fato é mais relevante dentro de cada realidade. Atualmente, essa ferramenta on-line é de acesso mais fácil, pois basta ter internet disponível para poder verificar as informações veiculadas diariamente. Por isso, o jornal é exposto a mais pessoas de várias classes sociais e com diversas formações diferentes. Dessa forma, ao levar esse meio de comunicação para a sala de aula, seja na graduação ou no ensino básico, observa-se uma infinidade de informações que formam um entrelaçamento de conhecimento entre os alunos.

Dessa maneira, corroboram-se as ideias apresentadas por Caldas (2006), de que os diferentes meios de comunicação estão diretamente ligados à construção do saber e do conhecimento, sendo assim grandes responsáveis pela formação das pessoas que vivem em sociedade e que estão cada vez mais ligadas a esses meios / tecnologias. Com isso, compreende-se a importância da inserção de gêneros desse tipo no processo de ensino / aprendizagem.

Nas sociedades modernas, em que os meios de comunicação interferem diretamente na formação/deformação das pessoas, sejam elas crianças, jovens ou adultos, não há mais como negar a importância de pesquisas integradas entre esses dois campos de estudo para resultados mais eficazes nos procedimentos pedagógicos das escolas (CALDAS, 2006, p. 118).

Assim, além de observar o usuário que comenta os jornais, entende-se que é fundamental ao professor saber como orientar os alunos quanto ao que ler e mostrar a eles a importância da leitura também para a escrita, pois essas são algumas das principais tarefas da escola, práticas necessárias para a construção do ambiente escolar que se busca atualmente, ou seja, formadora de cidadãos adeptos às práticas sociais de leitura e da escrita.

Porém, é importante deixar “[...] de conceber a leitura e a escrita como meras habilidades de decodificar e codificar em uma língua para vê-las como práticas sociais relacionadas a diferentes contextos sociais” (VARGENS; FREITAS, 2010, p. 194). Com isso, a articulação de saberes contribui para que o estudante compreenda que a leitura e a escrita são essenciais para as pessoas exercerem seus direitos, adquirirem novos conhecimentos e participarem de forma efetiva da sociedade em que estão inseridas, exercendo a cidadania.

Grubler (2012) afirma que, “[...] o aluno, através da leitura poderá participar ativamente do ambiente social como cidadão crítico e participativo, sendo capaz de atuar de forma consciente e responsável na sociedade em que vive [...]” (GRUBLER, 2012, p.13). Segundo ele, o professor tem um papel fundamental nesse processo, uma vez que em sala de aula é possível atuar com diversas ferramentas capazes de levar para dentro da escola tudo aquilo que acontece no mundo.

Para o estudioso, os textos jornalísticos podem ser uma dessas ferramentas, uma vez que proporcionar o contato dos alunos com esse gênero textual garante a

eles a possibilidade de interação com diferentes assuntos. “[...] as notícias publicadas nos diferentes jornais são fatores que auxiliam o aluno a interagir com assuntos diversos, adquirindo informações que vão sendo armazenadas em sua memória” (GRUBLER, 2012, p. 13).

Por isso, o texto jornalístico pode ser utilizado como uma porta para estreitar os conhecimentos dos alunos em relação ao que é disposto na sociedade de maneira geral. Por conta de seu fácil acesso é um recurso que os profissionais podem alcançar mais facilmente, sendo assim um facilitador no trabalho com os diferentes gêneros. Segundo o autor, “[...] o jornal aparece como um importante recurso de fontes de informações, pois além de ser um material de baixo custo, aborda os mais diversos assuntos [...]” (GRUBLER, 2012, p. 21).

Percebemos assim que a leitura de comentários em jornalismo digital amplia a visão do aluno sobre o que acontece à sua volta, fazendo com que ele seja capaz de desenvolver seus próprios argumentos e ideias acerca de diversos assuntos, tendo consciência de que uma opinião solta, sem estar baseada em algo, sem estudo, análise e qualquer tipo de capacidade argumentativa, não é uma construção textual que irá acrescentar conhecimento a ele e aos que estão à sua volta. Por isso, a leitura é capaz de auxiliar o cidadão a se expressar de maneira crítica e bem fundamentada, pois “[...] a leitura expande os horizontes dos alunos e lhes dá a oportunidade de expressar a opinião como uma forma de fazer democracia [...]” (GRUBLER, 2012, p. 23).

Compreendemos assim que a partir dessa interação, os alunos são capazes de conhecer os fatos e refletir sobre eles, uma vez que a leitura é a principal fonte de conhecimento do indivíduo e é fundamental para sua formação, não só como estudante, mas como ser no mundo e cidadão participativo perante a sociedade.

1.3. Gênero textual / discursivo comentário

Apresentando um pouco mais sobre a constituição do gênero textual / discursivo comentário, nos embasamos em alguns estudiosos que já realizaram pesquisas acerca desse assunto. Corroboramos as ideias apresentadas por Forechi (2018), ao considerar que o comentário poderia ser considerado um gênero híbrido

ao mesclar oralidade e escrita, pois à medida que a tecnologia avança e as pessoas têm acesso a redes sociais, jornais on-line, blogs e diversos outros locais de interação, acabam combinando formas orais de dizer com recursos escritos repletos de significado. É o caso, por exemplo, das *hashtags*, que “[...] como marcadores digitais, atuam como amálgamas de um novo modo de comunicar, de expressar-se, de participar e de interagir” (FORECHI, 2018, p. 62).

A autora afirma que já existem alguns estudos que buscam compreender o que leva as pessoas a fazer comentários repletos de preconceitos e discursos de ódio na internet e compreende ainda que eles “[...] podem ser considerados termômetros, uma vez que eles se multiplicam quando o assunto se torna uma polêmica na internet” (FORECHI, 2018, p. 62). Dessa maneira, observamos que uma maior quantidade de comentários trazendo determinada “opinião” pode se multiplicar não só pela ideologia que cada um carrega consigo, mas também pela simples verificação do que o senso comum sustenta. Não nos esquecendo de que essa questão envolve os “haters”, já mencionados anteriormente, os quais têm como único desígnio destilar ódio pelas publicações na rede.

Pensando ainda na ideia de hibridismo, presente nos gêneros textuais / discursivos online, concordamos com Santaella (2016) ao afirmar que, conforme a cultura digital vai emergindo, estamos cada vez mais embebidos por uma interação dialógica presente nos diversos locais e situações comunicativas. Compreendemos assim que o comentário pode ser considerado a junção desses dois, uma vez que as redes sociais e, conseqüentemente, os sites informativos e jornais, são uma extensão e fazem parte da rotina dos indivíduos. Concordando assim com a autora ao reiterar ser possível batizar:

[...] esse gênero de híbrido, dado o fato de que, nas redes, a discursividade estritamente verbal vaza as fronteiras não só da linearidade típica do verbo, no hipertexto, quanto também da exclusividade do discurso verbal nas misturas que este estabelece com todas as formas das imagens fixas e em movimento e com as linguagens sonoras, do ruído, à oralidade e à música, na multimídia (SANTAELLA, 2016, p. 209).

A estudiosa apresenta também uma ideia, baseada na obra bakhtiniana, ao afirmar que, como o gênero textual discursivo acontece pela prática comunicativa e

enunciativa, ela é extremamente rica e diversa, pois, os seres humanos são mutáveis e estão em constante movimento e interação.

Portanto, verifica-se que o gênero textual discursivo comentário pode ser considerado de caráter opinativo, uma vez que advém da necessidade que as pessoas têm em explicar algo que sentem e observam a partir do que é postado.

Considerando ainda o conceito de dialogismo de Bakhtin discutido anteriormente, entendemos que o comentário, em grande parte das situações, pode ser feito de maneira inconsciente, uma vez que o indivíduo não escolhe o que irá enunciar, pois ele sempre fala por meio da posição de um sujeito social, local que ocupa na sociedade. Sendo assim, as manifestações dos comentários podem ser consideradas modelos ideológicos pessoais de cada sujeito, pois ele é sempre levado a dizer algo e de determinada maneira.

Com isso, podemos entender também o caráter difusivo que determinados comentários podem causar nas pessoas que, muitas vezes, passam boa parte do seu tempo livre buscando essa interação por meio desses canais de comunicação, que, atualmente, são imprescindíveis na vida dos sujeitos por conta da necessidade de estarem sempre atualizados.

No capítulo seguinte, serão apresentados os conceitos e as relações entre fala e escrita; um pouco sobre o dialogismo explicitado por Fiorin (2006) ancorado pela obra bakhtiniana; práticas de letramento; e, por fim, algumas recomendações apontadas pela BNCC (2017).

CAPÍTULO 2 – CONSTRUÇÃO DO PROCESSO COMUNICATIVO

2.1. Fala e escrita

Para que possamos compreender as considerações teóricas apresentadas neste trabalho, é necessário também discutir algumas concepções sobre “fala” e “escrita”. Segundo Marcuschi (2010), para fazer uma análise sobre oralidade e letramento e apontar semelhanças e diferenças entre fala e escrita, é preciso verificar como essas duas práticas são atribuídas e como são utilizadas no cotidiano das sociedades. O autor afirma que antes dos anos 80, os estudos desses conceitos eram feitos separadamente e em oposição; assim, a prática da escrita predominava cognitivamente sobre a fala e as duas não eram consideradas práticas sociais; no entanto, atualmente o que se vê é que fala e escrita interagem e complementam uma a outra, social e culturalmente.

Marcuschi (2010) aponta ainda que, as duas modalidades, a fala e a escrita, devem ser analisadas como objeto de comunicação, assim o que mais importa para observar as variações linguísticas não são as regras gramaticais, mas sim o uso da língua em meios diversos de interação social.

Uma vez adotada a posição de que lidamos com práticas de letramentos e oralidade, será fundamental considerar que as línguas se fundam em usos e não o contrário. Assim, não serão primeiramente as regras da língua nem a morfologia os mercedores de nossa atenção, mas os *usos da língua*, pois o que determina a variação linguística em todas as suas manifestações são os usos que fazemos da língua (MARCUSCHI, 2010, p. 16).

Dessa maneira, ele assegura que as questões entre fala e escrita são bastante complexas e com muitas variações. Para tal autor, oralidade e escrita “são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia” (MARCUSCHI, 2010, p. 17).

De acordo com o estudioso, a escrita é hoje indispensável para o uso social, mas em relação à fala pode caracterizar o uso do poder sociopolítico e ser observada como símbolo de educação e desenvolvimento. No entanto, o autor afirma que a escrita não pode ser considerada como um objeto de representação da fala, pois esta possui artifícios característicos da oralidade que não são possíveis de serem representados na escrita, como gestos, movimentos do corpo e dos olhos, entre outros.

O teórico evidencia ainda que, a escrita está presente em praticamente todos os meios sociais e mesmo pessoas analfabetas têm contato com a escrita em algum momento da vida, o que ele chama de “letramentos sociais”. Assim, paralelamente à fala, a escrita é utilizada em diversos meios sociais e faz parte do cotidiano, da vida dos indivíduos “trabalho, escola, dia-a-dia, família, vida burocrática, atividade intelectual” (MARCUSCHI, 2010, p. 19). Segundo Marcuschi (2010), a escrita é utilizada nesses contextos de acordo com interesses e a necessidade comunicativa imposta por determinada situação.

Com isso, o autor corrobora que a oralidade é uma prática social com finalidade comunicativa atuando com base em diversos gêneros textuais sonoros e pode ser mais formal ou menos formal de acordo com a situação comunicativa exigida pelo contexto. Segundo o autor, letramento é uma prática social de escrita independente se o indivíduo é ou não letrado, pois mesmo se for analfabeto, à medida que identifica o ônibus que deve tomar, conta o troco e distingue produtos pela marca, está conseguindo interagir via linguagem; portanto, não pode ser considerado iletrado.

Ele destaca ainda que, a fala é a maneira como o indivíduo (re)produz os sons para comunicação, exclusivamente por si próprio, sem nenhum sistema tecnológico necessário e que envolve os artifícios de oralidade já apresentados anteriormente – aspectos prosódicos – enquanto que a escrita, como modalidade de uso da língua se caracteriza por constituir graficamente, com a ajuda de materiais, a situação de comunicação em determinado contexto. Segundo o autor, “pode manifestar-se, do ponto de vista de sua tecnologia, por unidades iconográficas, sendo que no geral não temos uma dessas escritas puras. Trata-se de uma modalidade de uso da língua complementar à fala” (MARCUSCHI, 2010, p. 26).

Sendo assim, com base nas afirmações de Marcuschi, fala e escritas são as modalidades de usos da língua. Dessa forma, não podem ser estudadas

separadamente e não se separam também nos usos dos meios sociais e contextos em que se inserem.

2.2. Relação texto-leitor (dialogismo)

O conceito de dialogismo delineado pelo teórico Mikhail Bakhtin compreende que todo discurso vivo, em algum momento se encontra com outro, ou seja, em seu uso real, a língua estabelece um caráter dialógico.

Fiorin (2006) corrobora, ao analisar o conceito de dialogismo bakhtiniano, que todo processo comunicativo é dialógico e que todo enunciado possui traços de outros que, em algum momento, perpassaram o enunciador. “O dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados” (FIORIN, 2006, p. 19).

Aprofundando essa discussão, entendemos que qualquer objeto existente possui uma carga emocional repleta de sentidos que perpassam os diferentes discursos. Segundo o estudioso, carregam consigo sentidos que dialogam com outras palavras e, por conseguinte, estão rodeadas por outras. “Por isso, todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para discursos que o circundam” (FIORIN, 2006, p. 19).

Com isso, é preciso trazer um esclarecimento importante à teoria bakhtiniana acerca do dialogismo. Fiorin (2006) afirma que é necessário observar o enunciado como um todo, pois a análise de suas unidades linguísticas não conseguiria explicá-lo. Consideramos assim que o enunciado é algo único, pois a maneira, o *ethos*, a entonação, se apresentam de formas distintas em cada situação de fala. O que faz com que o enunciado ganhe cada vez mais caráter dialógico, ou seja, seu sentido varie e obtenha diferentes cargas semânticas conforme o sujeito social que o enuncia.

Já que as palavras são sempre as palavras dos outros, os enunciados seguem carregados de emoção, enquanto as unidades linguísticas não, podendo assim ser utilizadas por qualquer um, sem necessidade de estar em uma situação comunicativa. Fiorin (2006) compreende que um mesmo discurso nunca pode ser dito da mesma maneira por dois enunciadores, uma vez que, para cada um deles, bem como para os que fazem parte da comunicação estabelecida, os sentidos são distintos. O

enunciado, esse que traz consigo um sentimento, é produzido por um enunciador que o procura em determinado momento e situação. O estudioso apresenta um exemplo categórico para representar essas diferenças e que julgamos pertinente exprimir para auxiliar na compreensão desse conceito:

A frase “Ele é gay”, enquanto unidade da língua, é absolutamente neutra. Já quando se converte em enunciado está impregnada de respeito ou zombaria, de desdém ou de indiferença, de raiva ou de amor e assim sucessivamente (FIORIN, 2006, p. 23).

Outra característica essencial para compreensão do conceito de dialogismo de Bakhtin é a percepção de que, para a concepção de determinado enunciado, não basta haver a apreensão das unidades linguísticas de maneira isolada; é preciso a interação dialógica com outros cenários ao qual o enunciado representa para que haja clareza no entendimento sobre o que é falado.

Portanto, verifica-se que todo enunciado se dá por meio do dialogismo, ou seja, é dialógico, pois se constitui com base em outro e no compilado de sentidos que já existem sobre ele. Assim, os enunciados compõem-se de sentidos a partir do momento em que os espaços de luta compostos pelos sujeitos sociais se manifestam, seja em caráter de objeção ou de concordância com aquilo que se discute.

As relações dialógicas tanto podem ser contratuais ou polêmicas, de divergência ou de convergência, de aceitação ou de recusa, de acordo ou de desacordo, de entendimento ou de desinteligência, de avença ou de desavença, de conciliação ou de luta, de concerto ou de desconcerto (FIORIN, 2006, p. 24).

Fiorin (2006) segue fazendo considerações sobre o conceito de dialogismo de Bakhtin e demonstra que faz parte da enunciação a conscientização do grupo social e do local de fala que cada falante reproduz. Dessa maneira, o sujeito não é assujeitado ao discurso, ele possui sua liberdade, é inacabado e não submetido aos discursos sociais, mas sim ator participante dessa construção dialógica. Dessa forma, a ideologia trazida por cada um, baseada em suas vivências e experiências são principais influenciadoras no processo enunciativo.

Julgamos necessário apresentar aqui também o conceito de ideologia no Círculo de Bakhtin, para uma melhor apropriação acerca do que o autor compreende por dialogismo. Compreendemos, baseados em Faraco (2009), que a palavra

ideologia possui uma diversificação muito grande de significações sociais, mas levamos em consideração o significado apreendido por Medvedev, em sua obra de meados do século 20, e também em todo o círculo de Bakhtin. Sendo assim, ideologia é tudo aquilo que constitui os seres humanos espiritualmente, ou seja, todo o capital cultural imaterial que este sujeito adquiriu ao longo de sua existência. “Ideologia é o nome que o Círculo costuma dar, então, para o universo que engloba a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a ética, a política, ou seja, todas as manifestações superestruturais” (FARACO, 2009, p. 46).

A partir disso, esclarece-se então a questão da enunciação, a qual, com base na teoria bakhtiniana, é produzida sempre a partir de um papel ocupado na sociedade. Lembrando que o sujeito ocupa posições distintas e enuncia sempre baseado na qual ele ocupa em determinado momento, local e situação a que é exposto. Ele afirma ainda que não há enunciado neutro, uma vez que a manutenção da neutralidade por um sujeito também se dá por um caráter ideológico. Com isso, um mesmo sujeito pode apoderar-se de diferentes posicionamentos “[...] qualquer enunciado é, na concepção do Círculo, sempre ideológico – para eles, não existe enunciado não-ideológico” (FARACO, 2009, p. 47).

Faraco (2009) nos esclarece que, Medvedev “[...] considera inadequadas todas as abordagens positivistas e idealistas da criação ideológica” (FARACO, 2009, p. 48). Para ele, as abordagens positivistas somente consideravam os objetos como responsáveis pela ideologia dos seres. Como exemplo, o autor apresenta as obras de arte; e a abordagem idealista ficava somente no campo da consciência, das ideias e valores. Assim, para o estudioso, o processo de criação de ideologia dos seres vai muito além desse individualismo dos objetos e/ou simplesmente do campo da consciência, não pode ser considerado tão superficial, pois é constituído histórica e socialmente.

Faraco (2009) discute, também baseado na obra de Medvedev, que toda manifestação de caráter ideológico resulta na criação de algo materializado e, com isso, o termo que designa tal produto é um signo. O autor explana ainda que, como essa materialização do discurso ideológico compõe um signo, estes podem compor diferentes discursos que variam conforme o contexto social dos sujeitos. Levamos em consideração assim que, nem sempre as palavras utilizadas por uma pessoa significarão o mesmo ou farão o mesmo sentido se ditas por outra, uma vez que a

ideologia que circula nesse discurso é intrínseca a cada ser, ou seja, é algo individualizado de cada um.

Essa é justamente a discussão do teórico ao considerar o que é real e irreal, uma vez que cada manifestação linguística é realizada a partir do posicionamento do sujeito em relação a determinado objeto, expressão ou situação representada. “[...] qualquer enunciado concreto encontra o objeto a que ele se refere já recoberto de qualificações, envolto por uma atmosfera social de discursos, por uma espécie de aura heteroglósica” (FARACO, 2009, p. 49).

Sobre a questão da realidade e irrealidade, o autor nos leva a pensar que o sentido estabelecido pelos signos que nos rodeiam é dado por nós mesmos e está sempre carregado de questões ideológicas; por isso, tudo o que enunciamos representa um papel na sociedade em que vivemos. “É nesse sentido que os textos do Círculo vão dizer recorrentemente, que os signos não apenas refletem o mundo (não são apenas um decalque do mundo); os signos também (e principalmente) refratam o mundo” (FARACO, 2009, p. 50).

O autor reflete ainda sobre o caráter de refração dos signos no mundo. Refratar seria, portanto, o poder que os seres têm de descrever o mundo de maneira divergente, com diferentes vivências, experiências, julgamentos e interpretações acerca dele. “A refração é, desse modo, uma condição necessária do signo na concepção do Círculo de Bakhtin. Em outros termos, para o Círculo, não é possível significar sem refratar” (FARACO, 2009, p. 51).

Finalmente, Faraco (2009, p. 57) corrobora que, a língua é um agrupamento de “vozes sociais”, ou seja, a constituição dos diálogos, realizados linguisticamente e levam em conta o caráter social, histórico e temporal.

Por isso, finalizamos esse tópico afirmando que toda e qualquer manifestação realizada por meio da linguagem nunca é neutra e está sempre pautada nas diversas relações que os seres possuem com o código linguístico, com as cargas de sentido que as palavras (enunciados) produzem.

2.3. Práticas de letramento

Soares (1999) afirma que o termo letramento começou a ser utilizado pelos especialistas em meados dos anos 80. Mary Kato é apontada como umas das primeiras a utilizá-lo. No ano de 1986, Leda Verdiani Tfouni faz uma distinção entre os termos alfabetização e letramento. Com isso, a partir desses acontecimentos, é que o termo passou a ser utilizado de maneira técnica nas áreas de educação e linguística.

Entendemos, segundo Soares (1999), que a alfabetização considera a apreensão dos códigos linguísticos, ou seja, é alfabetizado aquele que é capaz de ler e de escrever segundo as normas de cada língua. Já o termo letramento considera aquele que domina a língua em seus mais diferentes usos, não é apenas resultado do sistema de escrita, mas se dá pela capacidade de interação social.

Letramento é, na argumentação desenvolvida neste texto, o estado ou condição de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita, participam competentemente de eventos de letramento (SOARES, 2002, p. 145).

Soares (2004) confirma que as práticas de alfabetização e letramento não devem ser vistas de maneira separadas. Sendo assim, entendemos que a escola deve ser capaz de reuni-las e apresentá-las aos alunos conjuntamente, observando que, mesmo que sejam práticas distintas, levam ao mesmo objetivo, que é a prática da linguagem em uso. Dessa maneira, uma sem a outra não consegue formar cidadãos críticos e conscientes de seus direitos e deveres diante da sociedade em que se inserem, posto que não basta decodificar o código linguístico, mas sim ser capaz de compreender o contexto ao qual ele é exposto, ou seja, o uso da linguagem para a comunicação.

A autora confronta sobre o que é discutido em relação à prática de letramento em países de primeiro mundo como, França e Estados Unidos. Ela compreende que a não associação entre letramento e alfabetização faz com que a aprendizagem se torne cada vez mais defasada.

[...] as práticas sociais de leitura e de escrita assumem a natureza de problema relevante no contexto da constatação de que a população,

embora alfabetizada, não dominava as habilidades de leitura e escrita necessárias para uma participação efetiva e competente nas práticas sociais e profissionais que envolvem a língua escrita (SOARES, 2004, p. 6).

No entanto, Kleiman (1995 *apud* Fiorelli, 2009) aponta que os indivíduos podem ser considerados não letrados, mesmo que não alfabetizados, uma vez que há interação por meio da linguagem. Dessa maneira, segundo a estudiosa, as práticas de letramento não ocorrem somente em locais formais de aprendizagem, mas também em diversos contextos comunicativos. Portanto, ela confirma que, além de acontecer em locais informais de aprendizagem, a prática de letramento não irá depender da escolaridade das pessoas envolvidas. Sendo assim, entendemos que qualquer situação em que a comunicação e a interação são desenvolvidas, percebem-se eventos de letramento.

Segundo Fiorelli (2009), o termo letramento é muito mais amplo que, simplesmente pensar no domínio dos códigos de leitura e escrita. A estudiosa afirma que ele não se relaciona somente ao fato de dominação de escrita e leitura, mas sim à maneira como as pessoas se utilizam desses códigos para comunicação e vivência em sociedade. “[...] letramento vai comportar o modo como as pessoas fazem uso, nos mais variados contextos políticos e sociais, desses meios” (FIORELLI, 2009, p. 41).

Segundo Street (2001), citado por Fiorelli (2009, p. 42), existem dois modelos de letramento, “[...] modelo autônomo e modelo ideológico”. O primeiro está diretamente ligado à escola e não considera o processo de interação oral entre os sujeitos. Assim, ele considera a escrita como uma modalidade superior, ou seja, entende-a como a única forma de letramento existente. Com isso, nesse modelo, o sujeito é considerado iletrado caso não domine os códigos da língua escrita; sendo assim, sua capacidade de comunicação não é vista como um evento de letramento.

Silva e Araújo (2012) compreendem que, esse modelo é o mais parecido com que se pode observar na escola atual, uma vez que as atividades se desenvolvem sem levar em consideração situações de interação e de comunicação. Elas confirmam que “[...] um dos objetivos das atividades desenvolvidas na esfera escolar é despertar a capacidade dos aprendizes de interpretar e escreverem textos abstratos, descontextualizados” (SILVA; ARAÚJO, 2012, p. 682).

Para elas, a escola não trabalha o letramento como forma de interação, pois, mesmo quando situações de comunicação são simuladas, o estudante tem consciência que aquele texto tem outra finalidade que não uma situação de fato comunicativa. “[...] os textos dificilmente circularão socialmente, até porque esse não é objetivo da escola” (SILVA; ARAÚJO, 2012, p. 682).

Compreendemos o modelo ideológico de letramento como, de certa forma, oposto ao autônomo. Para Fiorelli (2009), o letramento não é considerado apenas pelo domínio dos códigos de escrita de determinada língua, mas contempla os aspectos sociais, históricos e culturais dos indivíduos envolvidos. Dessa forma, as estudiosas Silva e Araújo (2012) corroboram, em relação às atividades humanas, tanto as de escrita quanto as de leitura “[...] inseparáveis das pessoas e dos lugares onde se configura” (SILVA; ARAÚJO, 2012, p. 683).

Assim, as autoras confirmam que o letramento deve ser observado com base no contexto em que cada indivíduo está inserido, pois as questões culturais, históricas e sociais variam. Por isso, para elas, o conceito de letramento não contempla todos os povos de uma única maneira, ele se modifica conforme as situações de uso e finalidade comunicativa.

Fiorelli (2009) aponta que, para pensar o letramento digital, por exemplo, é necessário pensar nesse modelo de letramento ideológico, uma vez que ele leva em consideração a relação dele com seu meio, seu cotidiano e sua comunidade. Confirmando assim que, além de considerar esses distintos contextos de comunicação, esse modelo abrange os diferentes indivíduos que, mesmo que não dominem os códigos linguísticos, são agentes de comunicação, por isso devem ser considerados letrados.

Ao pensar em letramento digital, a autora compreende, segundo Street (1995) que, pensar as questões ideológicas é necessário, pois “qualquer prática de letramento está inserida dentro de um contexto político e econômico” (FIORELLI, 2009, p. 43). Fator importante a ser levado em consideração quando pensamos em análise de comentários de jornais on-line e redes sociais, uma vez que os comentaristas se baseiam em diferentes contextos ideológicos em que os sujeitos se inserem para se manifestar.

Ainda nessa perspectiva digital, os sujeitos que, antes praticavam o letramento com base em informações disponibilizadas em revistas ou jornais impressos, por exemplo, hoje o fazem digitalmente, acessando os jornais on-line e/ou as redes sociais para obter determinada informação. Com base nas ideias de Fiorelli (2009), pensando nesses meios diferenciados de acesso que a internet proporciona ao indivíduo, é possível observar que muitas das práticas de letramento que os indivíduos exercem digitalmente, são relacionados às suas vivências, refletem seu cotidiano e são realizadas por sujeitos que “[...] possuem diferentes graus de letramento e, ao mesmo tempo, fazem uso de dispositivos de maneira igual, seja em *lan houses*, em bancos, ou outros espaços (FIORELLI, 2009, p. 43).

Silva e Araújo (2012) discorrem sobre os conceitos de evento e agência de letramento ao afirmarem sobre os diferentes locais e circunstâncias em que essas práticas podem acontecer. Os diferentes indivíduos se comunicam de diferentes maneiras de acordo com a situação e local de comunicação. Por isso, as autoras afirmam que não podemos colocar em questão sujeitos iletrados e sujeitos letrados, uma vez que essa prática deverá levar em conta todo o contexto social, cultural e histórico do qual eles fazem parte.

Pensando nesses conceitos, o sujeito que possui práticas de letramentos em determinadas situações e locais de comunicação, pode não ter domínio em outros; no entanto, isso não significa que são iletrados, mas sim que a constituição de sua prática de letramento se deu de maneira distinta do outro, pois cada um possui uma história e se comunica conforme o seu local de fala.

Outra coisa a qual julgamos importante tratar nesse sentido e que as autoras também discutem é, mesmo um sujeito capaz de se comunicar pelos meios digitais, não necessariamente irá dominar outras práticas de letramento. Não estamos tratando esse sujeito como um iletrado por não conseguir utilizar as normas linguísticas em sua totalidade, mas sim afirmando que nem todos aqueles aptos a se comunicar pelas redes sociais e/ou aplicativos de mensagens, conseguem produzir textos cobrados pelas escolas e academias.

Como exemplo é possível citar alguns alunos, que ao produzirem um resumo, uma resenha, um artigo de opinião ou qualquer texto acadêmico que seja, tem imensas dificuldades de se expressar, mas publicam no Facebook, comentam em

jornais e blogs e ainda se comunicam por aplicativos de mensagens sem encontrarem problemas ou dificuldades.

Silva e Araújo (2012) reiteram que, nesse sentido, as agências e os eventos de letramento presentes no “mundo digital” são diferentes das que as escolas e universidades apresentam e, por serem parte integrante de sua vivência, de seu meio e de seu cotidiano, o indivíduo consegue dominar melhor. “Tal fato acontece porque algumas práticas letradas requeridas nos eventos que se configuram na agência digital são distintas das exigidas nos eventos presentes na agência acadêmica” (SILVA; ARAÚJO, 2012, p. 684).

Sendo assim, Soares (2002) compreende o conceito de sujeitos multiletrados, ou seja, como existem diferentes tipos de letramentos e devido à dinamicidade do mundo em que vivemos, um mesmo sujeito pode possuir vários. Por isso, esses sujeitos, que dominam essas práticas, são capazes de participar de maneira efetiva na sociedade em que estão inseridos.

Isso nos leva a pensar que, se estamos imersos em uma sociedade cada vez mais dinâmica e complexa e, em consequência disso, temos a possibilidade de acesso a diferentes tipos de letramentos, há sujeitos, diríamos, não apenas letrados em uma dada agência, mas multiletrados (SOARES, 2002, p. 145).

Dessa maneira, compreendemos que, diferentemente do processo de alfabetização que é algo temporário, dura o tempo determinante para que o sujeito apreenda o código linguístico, o letramento é contínuo “concebido como um processo constante e dinâmico” (SILVA; ARAÚJO, 2012, p. 684). Assim, o sujeito, ao longo de sua existência, segue apreendendo diferentes formas de interação que acabam configurando práticas letradas.

Atualmente podemos verificar isso mais de perto pelo meio digital, pois, observamos sujeitos dentro da nossa própria família, pessoas que fazem parte de nossa convivência, ampliando sua capacidade comunicativa com o auxílio da internet e dos dispositivos de comunicação digital.

2.4. O que diz a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)?

Além do que foi apresentado, julgamos importante dissertar aqui um pouco sobre o documento que norteia as aprendizagens importantes aos alunos de todo o Brasil. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresenta aos profissionais da área de educação, as competências e habilidades que devem ser levadas aos educandos em todas as disciplinas do currículo das escolas regulares.

Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (BNCC, 2017, p. 6).

Segundo o próprio documento, sua função é assegurar que todos os alunos recebam de maneira igualitária os conteúdos das disciplinas curriculares, para que a educação possa ser feita de maneira democrática.

Não só com o objetivo de nortear professores e coordenadores pedagógicos, a BNCC vem ainda com a proposta de contribuir para a formação de “[...] professores, à avaliação, à elaboração de conteúdos educacionais e aos critérios para a oferta de infraestrutura adequada para o pleno desenvolvimento da educação” (BNCC, 2017, p. 6). O documento reafirma ainda seu caráter orientador, ao apresentar as dez competências gerais que devem guiar os profissionais para o exercício de uma educação que proporcione ao aprendiz uma articulação do conhecimento com sua realidade, para formação de habilidades e valores essenciais na construção do conhecimento.

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva;
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas;
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural;

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo;
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva;
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade;
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta;
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas;
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza;
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários (BNCC, 2017, p. 7-8).

Ao analisar as dez competências apresentadas no documento norteador, verificamos que a questão da tecnologia envolvida em diversos ambientes está bastante presente. Fala-se aqui em valorização dos conhecimentos digitais dos alunos; soluções tecnológicas para resolução de problemas; diversos tipos de linguagem, dentre elas a digital; criação de tecnologias digitais; enfim, está evidente para nós que as competências apresentadas pelo documento valorizam as questões tecnológicas e que este sugere aos profissionais a eficiência desse trabalho para construção do conhecimento na escola.

Sendo assim, com base no documento, compreendemos que a BNCC se faz necessária para que os profissionais tenham uma visão mais clara sobre o que ensinar em cada fase em que o estudante se encontrar. As orientações apresentadas na BNCC visam, portanto, criar para o aluno um ambiente em que aquilo que ele vê na escola possa de alguma forma ser utilizado no seu cotidiano, em sua vida e/ou em seu trabalho, para que assim ele possa exercer seu papel como cidadão atuante na sociedade em que vive.

A área de linguagens compreende: língua portuguesa, arte, educação física e língua inglesa. No que diz respeito aos anos finais do ensino fundamental, o documento aponta que a finalidade da área de linguagens é ofertar ao aluno a possibilidade de se expressar de diferentes maneiras para assim poder manifestar suas capacidades e seu desenvolvimento.

A BNCC aponta que, nesse momento, o aluno deve desenvolver aquilo que já apreendeu na educação infantil e passa a observar as diferentes manifestações (artísticas, culturais, corporais, linguísticas) de maneira separada e estas passam a ser um instrumento escolar em suas vidas. Dessa maneira, o documento aponta que o aluno deve ter essa visão particular das manifestações (aqui divididas em disciplinas), mas sem perder a noção de que todas elas estão inseridas em um todo e são parte da construção do conhecimento.

O documento normativo apresenta ainda que, nos anos finais do ensino fundamental, o aluno passa a ter autonomia maior em sua vida de maneira geral; por isso, na área de linguagens, são cobradas habilidades que busquem desenvolver nos alunos essa capacidade. Nesse caso, o texto informa que, nessa fase, o aluno tem uma participação mais ativa na sociedade, por isso a necessidade de melhorar e ampliar sua capacidade comunicativa.

É exposto ainda que nessa etapa – anos finais do ensino fundamental – é o momento no qual o estudante irá se aprofundar em tudo aquilo que já vivenciou anteriormente. Dessa forma, há aqui uma ampliação em relação ao contato que ele já teve com os gêneros textuais nos anos iniciais, sendo acrescido de outros com os quais ele pode ainda não ter tido contato; com isso, ele irá desenvolver as práticas de linguagem já vivenciadas, porém, amplificando sua visão e sua participação como sujeito.

Baseados no texto da BNCC (2017), compreendemos ainda que é essencial que os alunos dessa fase escolar tenham contato com os gêneros de esfera jornalística-midiática e, principalmente, os que estão disponibilizados on-line, uma vez que, atualmente, a internet é uma das maiores propagadoras de informações. “Aprofunda-se, nessa etapa, o tratamento dos gêneros que circulam na esfera pública, nos campos jornalístico-midiático e de atuação na vida pública” (BNCC, 2017, p. 134).

Além disso, ainda baseados no texto da BNCC, verificamos que nas habilidades que devem ser assimiladas pelos estudantes, configura-se a importância de que o aluno possa ser capaz de verificar e filtrar as informações encontradas, uma vez que a reprodução de informações falsas está cada vez mais recorrente. Ademais, as redes sociais e as informações vinculadas na mídia possuem uma capacidade muito grande de manipulação, tanto dos fatos como um todo, quanto das próprias opiniões geradas pela sociedade.

Entendemos ainda que, com base no que o documento aponta, o trabalho com o gênero textual / discursivo comentário é relevante, no sentido de que as universidades, com os cursos de licenciatura, estão formando os profissionais que irão trabalhar com estudantes, os quais devem ser contemplados com as habilidades voltadas para os gêneros jornalísticos on-line e que visam a não proliferação de discursos preconceituosos, discriminatórios e desprovidos de ética. “A proliferação do discurso de ódio também é tematizada em todos os anos e habilidades relativas ao trato e respeito com o diferente e com a participação ética e respeitosa em discussões e debates de ideias são consideradas” (BNCC, 2017, p. 134-135).

Já no que diz respeito ao Ensino Médio, compreende-se que os jovens, nessa idade, já sejam capazes de manifestar seus desejos e reflexões em relação ao mundo do trabalho, a sua própria vida, seus sentimentos e os interesses que possuem. Dessa maneira, a área de linguagens vem com o objetivo de auxiliar o jovem a desenvolver os diferentes tipos de manifestações (artísticas, culturais, corporais, linguísticas), de forma que ele seja capaz de refletir sobre o mundo, sobre as diferentes informações que o rodeiam, sobre si mesmo e assim possa se posicionar diante de diversos temas sociais e culturais.

Dessa maneira, o documento define que, nessa fase, o papel da língua portuguesa na escola é ajudar o aluno a desenvolver habilidades que o auxiliem no aprofundamento das linguagens. Sendo assim, esse aprofundamento deve dar ao

aluno capacidade de ampliar sua visão em relação aos discursos observados na sociedade como um todo. O aluno do Ensino Médio, por já ter uma vivência escolar maior e, conseqüentemente, contato com mais gêneros textuais, deverá, por meio das habilidades apresentadas no documento, ter a possibilidade de visualizar os diferentes discursos com capacidade crítica e argumentativa suficientes para compreender as práticas dos diferentes discursos fora da escola. “[...] ampliando as possibilidades de fruição, de construção e produção de conhecimentos, de compreensão crítica e intervenção na realidade e de participação social dos jovens, nos âmbitos da cidadania, do trabalho e dos estudos” (BNCC, 2017, p. 490).

Assim como foi apresentado no texto do ensino fundamental – anos finais, o documento norteia que, no ensino médio, os gêneros disponibilizados digitalmente são destaques, uma vez que fazem parte da realidade e do cotidiano dos alunos. O documento compreende então que, nessa fase escolar, os profissionais da educação devem dar continuidade ao trabalho com esses gêneros, ressaltando as interações sociais entre os indivíduos e a diversidade como um todo. “Tal desenvolvimento deve ser pautado pelo respeito, pela ética e pela rejeição aos discursos de ódio” (BNCC, 2017, p. 490). Assim, é proposto que as habilidades voltadas para verificação de informações verídicas, argumentação e produção crítica de sentidos continuem sendo desenvolvidas.

Um ponto importante a ser tratado de acordo com a BNCC é de que, a exploração desses gêneros textuais discursivos deve ser realizada não só para diminuir os problemas ocasionados por seu uso indiscriminado, mas também para mostrar que estes meios têm muitas virtudes, pois, são uma fonte de informação rápida e a qual grande parte das pessoas possui acesso. Firma-se ainda que, “todos esses fatores requerem aprendizagens e desenvolvimento de habilidade que precisam ser contempladas pelos currículos” (BNCC, 2017, p. 490).

Com isso, ancorados pela leitura do documento normativo, verificamos que o trabalho com os gêneros textuais jornalísticos, principalmente os disponibilizados digitalmente, estão em voga, uma vez que são parte integrante da vida dos alunos. Por isso, acreditamos na importância do trabalho com o gênero textual/discursivo comentário e entendemos que essa discussão faz parte do que hoje deve ser considerado prioritário no trabalho com a língua portuguesa e as outras linguagens.

No capítulo 3 apresentamos como se constituiu a metodologia desta pesquisa e a coleta do material empírico. Descrevemos um pouco sobre a pesquisa-ação, a qual utilizamos nessa investigação; discutimos sobre a análise do discurso sendo utilizada como metodologia de pesquisa; e, ao fim do capítulo evidenciamos como foi o processo de desenvolvimento metodológico, ou seja, como se instituiu esta pesquisa.

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA E COLETA DE MATERIAL EMPÍRICO

A metodologia utilizada para constituição do material empírico possui uma abordagem qualitativa e seguiu os moldes de uma pesquisa-ação que, segundo Toledo e Jacobi (2013), tem como objetivo o envolvimento direto com a sociedade na qual a investigação acontece. Ademais, a pesquisa-ação está sempre em busca de propor soluções para resolução de um problema, estabelecendo assim uma relação entre teoria e a prática na constituição de novos conhecimentos.

Inicialmente fizemos um levantamento de comentários em jornais de grande circulação nacional – *Folha de S. Paulo*, *Estado de São Paulo*, *O Globo* e *O Estado de Minas* – e também em duas redes sociais com viés jornalístico da cidade de Uberaba-MG – *JM On-line* e *Boca no Trombone*. A escolha dos meios se deu por conta da localização geográfica em que estamos e também devido à influência que esses meios de comunicação possuem na sociedade brasileira e uberabense.

No primeiro encontro com os estudantes de Letras participantes da pesquisa, aplicamos um questionário diagnóstico que buscou verificar o perfil dos estudantes. Logo, desenvolvemos uma sequência didática com os alunos que teve como principal objeto de estudo o gênero textual / discursivo comentário.

Durante as aulas realizaram-se discussões sobre os gêneros textuais / discursivos de maneira geral, e, em especial, sobre os comentários em jornais on-line, apresentando definições e estratégias de escrita; logo, apresentamos aos alunos alguns comentários que tinham algum grau de preconceito enraizado, encontrados em meios jornalísticos e propusemos uma discussão sobre sua viabilidade, sobre o perfil dos comentaristas e a capacidade crítica e argumentativa que possuíam. Por fim, a partir da plataforma de estudos EaD da universidade, apresentamos algumas notícias reais, para que eles pudessem realizar seus comentários, com base em tudo que foi discutido e apreendido ao longo das aulas e de nossas discussões.

Com todas essas informações constituídas, analisamos os comentários baseando-nos nos aportes teóricos da Análise do discurso (AD) como metodologia de pesquisa, que verifica o entendimento de um plano discursivo fazendo uma articulação entre linguagem e sociedade, influenciadas pelo contexto ideológico.

Os critérios de análise foram: verificar se os comentários feitos têm relação com a notícia apresentada; se nas postagens há alguma manifestação grosseira – no intuito de atacar o outro; se há algum discurso preconceituoso; se as pessoas se manifestam com base em estereótipos criados pela sociedade; se os comentaristas demonstram estar sendo influenciados por outros comentários já realizados; capacidade argumentativa; local de fala. O caráter ideológico dos manifestantes foi analisado com base em suas manifestações discursivas.

Assim, a verificação foi feita a partir de um olhar analítico discursivo, fazendo a análise da utilização dos argumentos na construção textual.

3.1. Pesquisa-ação

As metodologias de pesquisas participativas ganharam notoriedade a partir do Primeiro Simpósio Mundial, ocorrido em Cartagena, em 1977, pautadas no envolvimento dos grupos sociais no processo da tomada de decisões, característica fundamental das pesquisas de caráter participativo, emergentes a partir do descontentamento dos métodos clássicos de pesquisa, e da sua, por vezes, ineficácia na articulação da teoria e prática e dos impactos da produção do conhecimento científico nas soluções de problemas. Visando à transformação social, não se dá apenas como uma consulta popular, uma pesquisa de campo, mas tem o envolvimento dos sujeitos pesquisados no processo de reflexão, análise da realidade e produção do conhecimento apontando para o enfrentamento de problemas.

Em um breve histórico, podemos citar Kurt Lewin como uma das principais referências para a metodologia, a partir de sua busca em intervir no cenário pós-guerra do resgate da autoestima dos grupos, a partir da comunicação e cooperação entre pares. Entretanto, estudos apontam que as primeiras delineações da pesquisa participativa são anteriores a Lewin, com Dewey, nos anos de 1929, tentando entender a melhoria nos resultados nas pesquisas sobre prática escolar quando ocorreria o envolvimento dos sujeitos no processo. No campo educacional destaca-se Stephen Corey, 1950, que experimentou implementar no currículo práticas educativas identificadas a partir da pesquisa.

No contexto brasileiro, as pesquisas participantes surgem entre as décadas de 1960 e 1970 com Freire, Brandão e Strech, em uma perspectiva bem politizada na

qual se preocupavam com o envolvimento dos grupos considerados excluídos nas tomadas de decisões, ambicionando a solução de problemas coletivos, bem como durante as décadas de 1980 e 1990 com Barbier e Thiollent, legitimando a eficácia das pesquisas não convencionais que estudam temas, em suas transversalidades, conflitantes com vários interesses e que perpassam várias esferas sociais.

Em virtude de sua metodologia aberta, do uso de instrumentos dialético e não dialético, as pesquisas participativas promovem certa facilitação para a busca de respostas das questões problemas pesquisadas, uma vez que é um instrumento de investigação e de ação à disposição da sociedade, possibilitando transformações de representações e mobilizações dos sujeitos para a prática a partir da relação entre pesquisador e ator social pesquisado.

Por ser uma inter-relação entre produção de conhecimento e de intervenções nos meios sociais estudados, a pesquisa ação demanda um certo equilíbrio nas definições de objetivos – entre os práticos (instrumentais), que incidem sobre a resolução de um problema prático e os de conhecimento (educacionais) que se dão para além da importância para o grupo em si pesquisado – e ambos devem ser alcançados simultaneamente e com a participação de todos envolvidos (pesquisados e pesquisador) nas tomadas de decisões para a ação, uma vez que todos os envolvidos, no contexto metodológico da pesquisa ação, se tornam pesquisadores e comungam de objetivos comuns, abordando temáticas de interesses mútuos.

A ação que resulta do processo da pesquisa-ação pode ser de caráter prático, educativo, comunicativo, político, cultural etc., e ser aplicada ao longo do processo, ou ao seu final, dialogando com as necessidades encontradas, criando uma outra relação entre atores (pesquisados) e pesquisadores, extrapolando o campo da mera experimentação ou investigação, possibilitando uma retroalimentação entre ação e pesquisa, teoria e prática, que culminam em uma possível alteração social.

Por conseguinte, a pesquisa participativa possibilita uma relação de ensino e aprendizagem para ambos, assim como de ensino e pesquisa. Uma valorização e complementação do conhecimento científico e do popular, buscando a autonomia dos sujeitos enquanto agentes sociais que, a partir da reflexão crítica, acarretam ressignificações de valores e transformações das situações indesejadas.

Dessa forma, na academia, o pesquisador é quem garante o rigor metodológico, ou seja, o cumprimento dos objetivos, assim como quem subsidia a participação de todos os atores sociais envolvidos, tornando-o, assim, também, um

ator social para o grupo. Ao passo que para Zuñiga (1981 *apud* Toledo e Jacobi, 2013), o caráter científico da pesquisa-ação é assegurado na sua função política e social, a partir da ótica sociopolítica, na qual gera uma aprendizagem coletiva, assim como uma tomada de consciência e de comportamento que culmina na ação coletiva, outrossim, deve ser denunciada quando se torna instrumento para o poder vigente.

Identifica-se assim que na metodologia da pesquisa-ação ambas (pesquisa e ação) tem igual peso, e que essa não se caracteriza em uma única abordagem, pois imbricado à pesquisa estará o modelo, ou os modelos, de ação impressa, a intencionalidade da pesquisa, o nível de envolvimento dos sujeitos pesquisados, entre outros aspectos, que podem apresentar-se de formas distintas, como: pesquisa-ação emancipatória, pesquisa-ação crítico colaborativa, pesquisa-ação existencial, pesquisa-ação colaborativa / comunicacional, pesquisa-ação colaborativa, pesquisa-ação integral e sistêmica e a pesquisa-ação participante.

Com o intuito de definir pesquisa-ação, Tripp (2005) afirma que ela é um processo natural de investigação, mas que suas formas de aplicação podem variar com as diferentes áreas do conhecimento. Pensando na metodologia em âmbito educacional, ela é utilizada para melhorar as práticas de ensino dos professores aprimorando assim o ensino para os alunos. Assim, defini-la é algo difícil; no entanto, é salutar ressaltar que ela é mais um dos tipos de investigação-ação que segue um ciclo natural à maioria das práticas humanas que sugerem a melhoria de algo.

A pesquisa-ação era utilizada por diferentes campos de estudos, como administração e política, mas foi na educação que se tornou uma grande estratégia, pois ajudou na formação e desenvolvimento dos professores e pesquisadores. Temos um diagrama que explica claramente as quatro fases do ciclo básico da pesquisa-ação e esclarece que para a solução de problemas é necessário iniciar com a identificação do problema, o planejamento para uma possível solução, a implementação, monitoramento e, por fim, a avaliação de sua eficácia. Durante esse processo o pesquisador pode observar e aprender mais a respeito da sua prática e da própria pesquisa. No entanto, cada ciclo sugere um tipo de investigação-ação diferente variando de acordo com o que se pesquisa e o diferente público para o qual a pesquisa está destinada.

No decorrer de sua narrativa, Tripp (2005) explicita os amplos caminhos para o desenvolvimento da investigação-ação tendo como escolha a partir dos objetivos e

circunstâncias de cada situação sendo ponto importante que estes estejam adequados aos objetivos e participantes. Conceitua pesquisa-ação como “uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática” (TRIPP, 2005, p. 447). Com isso, a pesquisa-ação se dá a partir da ação do pesquisador, tanto na prática da atividade realizada quando na pesquisa científica.

No que diz respeito ao fato de associar prática e teoria em pesquisa-ação, Elliot (1994 *apud* Tripp, 2005) afirma que, existem recursos teóricos nos quais se basear, mas que é importante que os pesquisadores em sua prática não fiquem presos a essas teorias e sim dinamizem os fatos de acordo com suas necessidades.

Caríssima em pesquisas na área de educação, mas utilizada enquanto abordagem metodológica em vários outros campos, a pesquisa-ação propõe a construção dialógica do saber e se dá como uma metodologia de enfrentamento de problemas, pois aproxima os atores sociais, desenvolve práticas cidadãs, busca a solução de problemas de forma participativa e contribui para ações que impactam na mudança social, contribuindo para a implementação de políticas públicas que repercutem em vários campos, inclusive na própria educação, bem como possibilita a articulação da pesquisa, do ensino e da extensão.

3.2. Análise do discurso como referencial teórico e metodologia de pesquisa

Antes de iniciarmos a análise proposta dos comentários que constituem o corpus de nossa pesquisa-ação, faz-se necessário apresentar alguns dos conceitos estudados pela Análise do Discurso (AD).

Sobre a concepção de discurso, Orlandi (1999) o define:

E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si uma ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, 1999, p. 15).

É a partir desse conceito que podemos observar como se deram os discursos que perpassam as diversas vias midiáticas, que caracterizam e dão força enunciativa ao que é tratado. Ademais, a pesquisadora afirma que a AD concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. “Essa

mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive” (ORLANDI, 1999, p. 15).

Observa-se, assim, que o objeto de estudo da análise do discurso, a língua, leva em consideração não somente aquilo que está dito, mas um conjunto de signos (significado + significante), ou seja, observa o funcionamento da língua a partir do discurso, sendo este algo coletivo e externo à enunciação.

Existem variedades de abordagens na AD. No entanto, levaremos em consideração nessa pesquisa a AD de linha francesa. Segundo Santos (2013), Michel Pêcheux, fundador da Escola Francesa de Análise do Discurso, entendia que linguagem e ideologia são indissociáveis. Por meio do discurso do falante, as ideologias emergem, assim “o discurso é, então, entendido como um efeito de sentidos dentro da relação entre linguagem e ideologia” (SANTOS, 2013, p. 209).

Dessa forma, a AD é a materialização do discurso ideológico do sujeito que decorre dos modelos de produção social ao qual foi exposto. Segundo Mussalim (2003), o sujeito do discurso não escolhe os sentidos que apresenta por meio da linguagem, mas sim enuncia a partir do lugar que ele ocupa na sociedade. Para a autora, esse indivíduo enuncia de maneira inconsciente, ele é levado a dizer de tal maneira devido ao contexto histórico e social que o envolve.

Diante de tais concepções, para a AD, é importante que o analista do discurso relacione a linguagem à sua exterioridade, ou seja, que ele busque depreender quais as condições de produção de discurso (histórica, social e ideológica) em que se produzem os textos. A partir disso, embasamo-nos no que Pêcheux (1975 *apud* Orlandi, 1999) afirma: “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia; o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido”. Assim, podemos observar que em quaisquer discursos, sejam eles “imparciais” ou taxativos, é possível observar a relação entre língua, discurso, ideologia.

O conceito de dialogismo do círculo de Bakhtin, como já apresentado anteriormente, vai ao encontro dos conceitos da AD, uma vez que, para o círculo, nesse conceito há uma dialogização interna do discurso, isto é, “as palavras são, sempre e inevitavelmente, ‘as palavras dos outros’”. (BAKHTIN *apud* AUTHIER-REVUZ, 1990). Ou seja, não há palavra neutra, imparcial; as palavras são “carregadas”, “ocupadas” pelos discursos.

Dependendo da formação discursiva (FD) que o sujeito adere, ele se expõe a favor ou contra um certo tipo de situação. Segundo Pêcheux e Fuchs (1993):

O sentido de uma palavra, expressão, proposição não existe em si mesmo, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo histórico em que essas palavras, expressões ou proposições são produzidas (PÊCHEUX; FUCHS, 1993 apud MELO, 2002, p. 253).

O conceito de FD implica a relação com o interdiscurso, que corresponde “ao espaço de troca entre vários discursos convenientemente escolhidos”. (MAINGUENEAU, 1997).

Possenti (2009, p. 381), discutindo tal conceito, discorre também sobre o primado do interdiscurso, “que implica que uma FD produz o assujeitamento do sujeito na medida em que cada uma delas é dominada pelo interdiscurso e exclui que sejam colocadas em contraste FDs consideradas independentemente uma das outras.” A unidade de análise pertinente é um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos.

O caráter polêmico faz com que a interação entre os distintos discursos seja um processo de *interincompreensão* em que cada discurso, a partir de uma leitura, introduz o outro em seus dizeres. E nessas “reciprocidades”, percebemos as diversas marcas de *heterogeneidades enunciativas* presentes ao longo do discurso. O sujeito falante, então, marca a presença do outro explicitamente e/ou implicitamente.

Em seu artigo, Authier-Revuz (1990), delinea claramente duas concepções que demarcam algumas noções discursivas/enunciativas. Assim, a autora apresenta a *heterogeneidade mostrada marcada*; a *mostrada e não marcada* e a *heterogeneidade constitutiva*. A primeira está inscrita sob uma ótica de que esse “outro” estaria demarcado/inscrito na sequência do discurso, (por exemplo, com o uso de aspas, itálico, discurso direto, glosa) isto é, estaria marcada textualmente; a segunda apresenta uma heterogeneidade que não está no texto, não aparece de forma explícita, como, por exemplo, a ironia, o discurso indireto livre, etc., que conta com o “outro dizer”, sem explicitá-lo textualmente. Essas noções são importantes no momento de observar os diversos comentários analisados nesta dissertação, uma vez que o discurso desse gênero textual é marcado por ideologias constituídas das FDs de cada um dos falantes e, subentende-se que seja uma heterogeneidade marcada, pois cada sujeito fala por si.

Vale ressaltar que o sujeito que adere (inconscientemente) a uma formação discursiva está assujeitado e, com isso, agirá conforme as condições de produção em que está inserido. Ou seja, cada sujeito enuncia a partir de posições que são historicamente constituídas.

Entretantes, cada uma das FDs do espaço discursivo só pode traduzir, segundo Maingueneau (1997), como “negativas”, inaceitáveis, as unidades de sentido construídas por seu outro, já que é a partir dessa rejeição que cada uma define sua identidade. Nesse sentido, diante de duas FDs que se opõem, temos uma relação polêmica.

Acreditamos que se faz necessário apresentar algumas categorias propostas por Bakhtin, uma vez que nossas análises seguirão os modelos por ele apresentados.

Fiorin (2010), ao apresentar as categorias de análise em Bakhtin afirma que, por mais que diversos pesquisadores tenham afirmado que o teórico russo não as desenvolveu, esse conceito não é verdadeiro. O autor corrobora que para Bakhtin, mais que considerar a necessidade do estudo das unidades linguísticas possíveis por meio dos sistemas de língua, a linguística deve se ocupar em verificar a língua em funcionamento, ou seja, compreendendo as situações interativas entre os falantes com a língua em seu uso no cotidiano.

Dessa maneira, Fiorin (2010) apresenta o que Bakhtin chamou de translinguística, que objetiva o estudo da composição dos diálogos. Assim, confirmando o conceito de dialogismo verifica-se nesse “estudo” os discursos dos falantes que, apoiados pela teoria bakhtiniana não se repetem, diferente das palavras, frases e orações soltas que podem ser ditas mais de uma vez “[...] o que significa, no caso da translinguística, estudar os aspectos e as formas da relação dialógica que se estabelece entre os enunciados e entre suas formas tipológicas” (FIORIN, 2010, p. 34).

Dessa maneira, ao fazer análise de um texto (oral ou escrito), baseados na obra bakhtiniana, deve-se analisar o aglomerado de significados que compõem esse enunciado e não as unidades da língua de maneira isolada e, a partir disso, considerar o que é externo a ele. Ainda ancorados em Fiorin (2010), considerando que nossa relação com o texto é sempre por meio da linguagem, o autor, ratifica novamente o caráter dialógico de Bakhtin, em que um enunciado sempre se constrói a partir de outro.

3.3. Descrição dos procedimentos metodológicos

Como já apresentado, nossa constituição do material empírico deu-se por meio de uma pesquisa-ação e as análises seguiram o modelo da Análise do discurso.

Os participantes da pesquisa são alunos do segundo período do curso de Letras de uma universidade pública do interior de Minas Gerais. A escolha desse público deu-se em virtude da necessidade de formar professores de língua portuguesa que saibam trabalhar com o caráter dinâmico que exigem os gêneros textuais do discurso. Essa escolha deu-se, também, devido à dificuldade que os professores de português têm em se adequarem ao que preza a BNCC, uma vez que é uma máxima no documento a necessidade do trabalho com os gêneros presentes nos jornais e também da esfera digital.

Iniciamos a pesquisa aplicando um questionário diagnóstico (Apêndice I) que tinha como objetivo conhecer os participantes da pesquisa. Nesse questionário buscamos fazer um levantamento dos participantes da pesquisa. Fizemos perguntas simples como a idade, se estudou em escola pública ou particular, questionamos sobre seus hábitos de leitura e de acesso à informação como um todo e, por fim, quisemos saber a relação e a vivência deles com os gêneros textuais em toda sua vida acadêmica. Fizemos, ao longo dessa dissertação, a tabulação e análise desses dados observados como uma primeira impressão que tivemos dos participantes da pesquisa.

O segundo contato com os alunos foi uma discussão realizada em sala de aula, a partir do conhecimento que eles tinham acerca dos gêneros textuais discursivos e também do que alguns teóricos explanam sobre o tema. A discussão foi dividida em três partes: a primeira, sobre os gêneros de maneira geral, o contato que eles já haviam tido com esse estudo, a ocorrência dessa temática nas aulas no próprio curso de letras e a concepção da dinamicidade dos gêneros textuais / discursivos; a segunda, que abordou uma breve definição sobre a constituição do gênero textual / discursivo comentário; e a terceira que observou um pequeno texto no qual um tema polêmico foi apresentado e um comentário trivial realizado por um leitor. Salientamos que nesse primeiro encontro, apesar de já termos apresentado o gênero comentário, não nos preocupamos em fazer uma análise mais pontual do que era descrito, mas em observar a forma apresentada.

O terceiro encontro contou mais uma vez com a participação dos alunos no quesito discussão. Montamos uma apresentação de slides que continha algumas reportagens com temas polêmicos e apresentamos os comentários realizados pelos leitores. Para montagem dessa aula, selecionamos alguns comentários e fomos analisando junto com os alunos, em uma discussão. O objetivo era auxiliá-los a enxergarem os “problemas” encontrados nesses comentários. Como já mencionado, verificamos a relação dos textos sobre o que era comentado; manifestações de grosseria e discursos preconceituosos existentes ali; manifestações que levavam em conta somente estereótipos criados pela sociedade; e a influência dos enunciadores baseados em comentários anteriores; capacidade crítica e argumentativa.

Posto isso, propusemos uma atividade que foi desenvolvida dentro da plataforma EaD da Universidade, na qual os alunos foram expostos a reportagens e notícias sobre as quais eles deveriam escrever os comentários que posteriormente foram analisados a partir do referencial teórico da AD, apresentado anteriormente. Compartilhamos duas reportagens e, junto a elas selecionamos comentários postados por leitores diversos. O fórum funcionou como um espaço para que o aluno fizesse seus comentários acerca daquele material disponibilizado, lembrando que eles poderiam comentar sobre as reportagens em si, ou também interagir com os comentários já existentes.

Ao longo do quarto capítulo fizemos a análise do material empírico coletado. Inicialmente analisamos os questionários diagnósticos preenchidos pelos estudantes no primeiro encontro; logo, analisamos os comentários com base em nossa fundamentação teórica e levando em consideração tudo o que foi estudado e observado durante os encontros com os estudantes que participaram da pesquisa.

CAPÍTULO 4 - DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

4.1. Questionário diagnóstico – primeiras impressões

No primeiro encontro realizado com os alunos participantes da pesquisa, explicamos sobre como seria realizada a pesquisa e, em seguida, desenvolvemos a primeira atividade com eles, que chamamos de questionário diagnóstico. Como o próprio nome já diz, esse primeiro contato foi uma espécie de reconhecimento dos sujeitos com os quais desenvolvemos a pesquisa. Assim, esse questionário nos ajudou e serviu como base para o desenvolvimento das atividades subsequentes. Apresentamos aqui uma breve análise de cada uma das questões disponibilizadas do questionário diagnóstico. Nessa pesquisa, contamos com a participação de 16 (dezesesseis) estudantes do curso de Letras.

Tabela 1: A idade dos participantes

Questão n.º 1	17 a 23 anos	24 a 30 anos	31 a 40 anos	Acima de 40 anos
N.º de informantes	10	5	0	1
Porcentagem	62,5%	31,25%	0%	6,25%

Fonte: Da pesquisadora, 2020.

O primeiro dado que buscamos em relação aos estudantes participantes da pesquisa foi a idade. Como é possível verificar na tabela anterior, a maioria dos alunos possui faixa etária entre 17 e 23 anos, seguida pelos que estão entre os 24 e 30 anos. Julgamos importante a observação desse dado, uma vez que os jovens possuem mais facilidade para utilização da internet, conseqüentemente, mais facilidade em acessar as informações disponibilizadas nesse meio de comunicação.

No entanto, devemos considerar que a tecnologia está cada vez mais presente na vida das pessoas de maneira geral, pois, como afirmam Barton e Lee (2015, p. 12),

“[...] as mudanças tecnológicas estão afetando as pessoas em todos os lugares e transformando todos os domínios da vida”. Entendemos, assim, que todos os grupos sociais são afetados por essas mudanças de alguma forma. Assim, os autores discorrem também que a tecnologia por si só não é capaz de fazer nenhuma transformação social, mas sim as pessoas envolvidas nesse processo é que as determinam.

Tabela 2: Ensino fundamental: escola pública ou particular?

Questão n.º 2	Todo em escola pública	Todo em escola particular	Parte em pública e parte em particular
N.º de informantes	12	3	1
Porcentagem	75%	18,75%	6,25%

Fonte: Da pesquisadora, 2020.

Tabela 3: Ensino médio: escola pública ou particular?

Questão n.º 3	Todo em escola pública	Todo em escola particular	Parte em pública e parte em particular
N.º de informantes	12	3	1
Porcentagem	75%	18,75%	6,25%

Fonte: Da pesquisadora, 2020.

Tabela 4: Estudo sobre gêneros da esfera jornalística no ensino regular

Questão n.º 4	Sim	Não	Não me recordo
N.º de informantes	5	10	1
Porcentagem	31,25%	62,5%	6,25%

Fonte: Da pesquisadora, 2020.

A segunda e terceira questões buscaram verificar se os estudantes cursaram o ensino regular (ensino fundamental e médio) em instituições públicas ou particulares. O objetivo aqui era observar como ficaria a proporção das porcentagens observadas entre elas e a questão número quatro, que visa a diagnosticar se os gêneros da esfera jornalística são apresentados a eles no ensino regular.

Observamos que 75% dos estudantes participantes dessa pesquisa cursaram tanto o ensino fundamental quanto o ensino médio em escolas públicas e, somente 18,75% o fizeram em escola particular. Ao observarmos as porcentagens na questão quatro, verificamos que somente 31,25% dos estudantes disseram ter estudado sobre os gêneros de esfera jornalística no ensino regular.

Por meio desses dados verificamos que a maioria dos estudantes disse nunca ter tido contato com os gêneros de esfera jornalística durante o ensino regular. Apesar da alta porcentagem de estudantes que cursaram o ensino fundamental e médio em escolas públicas, verificamos que, mesmo os que cursaram em particulares podem também não ter tido esse contato, uma vez que as porcentagens obtidas nas questões não condizem.

Do mesmo modo que não podemos dizer que somente os que estudaram em escolas públicas não tiveram esse contato. O que, de toda forma, a nosso ver, parece grave, uma vez que esses gêneros fazem parte do cotidiano de todos. Barton e Lee (2015) confirmam, ancorados por McLuhan (1967), que a tecnologia e todas as inovações que vêm junto a elas, transformam a sociedade em diversos aspectos. Com isso, a internet que hoje é um dos principais meios de comunicação que utilizamos é responsável por essas transformações, fato que, segundo os autores, já ocorreu

anteriormente com outros meios de comunicação, como por exemplo, a televisão “[...] Tudo está mudando – você, sua família, sua educação, sua comunidade, seu trabalho, seu governo, suas relações com “os outros”. E está mudando dramaticamente” (MCLUHAN, 1967, p. 8 *apud* BARTON; LEE, 2015, p. 11).

Com base em tudo que estudamos, compreendemos que não só conhecer o funcionamento estrutural dos gêneros da esfera jornalística é importante, mas também que, é por meio das informações que podemos nos posicionar como cidadãos no mundo e participantes de nossa sociedade. É com base nas informações que recebemos, e na ideologia que constituímos ao longo de nossa existência, que nos comunicamos com o outro. Portanto, é preciso que os estudantes tenham contato com informações que façam parte de seu dia-a-dia, para que possam desenvolver consciência crítica de que também fazem parte da sociedade e de que a sua participação é muito importante quando se trata de comentar assuntos relacionados ao dia a dia. Corroborando as concepções de Barton e Lee (2015), as atividades que exercemos todos os dias vêm, a cada dia mais, sendo influenciadas pelas tecnologias digitais; portanto, é urgente que saibamos lidar com elas.

Tabela 5: Estudo sobre gêneros da esfera jornalística no curso de Letras

Questão n.º 5	Sim	Não	Não me recordo
N.º de informantes	0	16	0
Porcentagem	0%	100%	0%

Fonte: Da pesquisadora, 2020.

A questão apresentada na tabela acima poderia até mesmo ter sido discutida junto as anteriores; no entanto, fizemos questão de analisá-la separadamente das outras, justamente pela importância que essa informação apresenta.

Os estudantes foram unânimes ao responderem que no curso de Letras ainda não estudaram sobre os gêneros textuais da esfera jornalística. São professores de português em formação inicial, mas que ainda não tiveram contato com esses gêneros textuais que, como já apresentamos anteriormente, na BNCC tanto do ensino

fundamental quanto do ensino médio, apresenta-se como umas das principais orientações.

Acreditamos que, ao longo do curso, os discentes terão mais esclarecimento sobre esse assunto; porém, acreditamos também que o contato logo no início da graduação poderia ser um diferencial, uma vez que o trabalho com os gêneros da esfera jornalística é tão importante, pois, segundo os próprios documentos norteadores, são essenciais para a formação dos alunos, “[...] promover uma sensibilidade para com os fatos que afetam drasticamente a vida das pessoas e prever um trato ético com o debate de ideias” (BNCC, 2017, p. 135). Ou seja, entendemos que o trabalho com esses diferentes gêneros pode propiciar uma formação de sujeitos conscientes de seu papel no mundo.

Tabela 6: Meios de comunicação mais utilizados para se informar

Questão n.º 6	Jornal on-line	Televisão	Redes sociais	Rádio
Citado (n.º)	8	8	15	3
Porcentagem	23,53%	23,53%	44,12%	8,82%

Fonte: Da pesquisadora, 2020.

Tabela 7: Acesso de informações pela internet/redes sociais

Questão n.º 7	Só pelas redes sociais	Acessa, mas busca outras fontes	Não acessa as redes sociais
N.º de alunos	3	13	0
Porcentagem	18,75%	81,25%	0%

Fonte: Da pesquisadora, 2020.

Fazendo uma breve análise das questões seis e sete, colocadas no questionário diagnóstico, observamos que ao serem questionados sobre os locais em que buscam informações – questão seis – as redes sociais foram apontadas mais vezes, em 15 dos 16 questionários analisados elas apareceram, seguidas pelos jornais on-line e televisão, mencionados em oito dos questionários analisados.

Já a questão número sete, que observa se os estudantes buscavam outras fontes de informações que não somente as redes sociais, verificamos que mais de 80% dos estudantes disseram que se baseiam também em outros locais e que, somente 18,75% só se informa por esse meio.

Esses dois questionamentos objetivavam justamente verificar a qualidade das informações que os estudantes têm acesso. Compreendemos que atualmente as redes sociais são, para a maioria das pessoas, sua principal referência. No entanto, entendemos que nem sempre o que é veiculado nessas mídias transmite todas as informações referentes aos fatos. Por isso, a questão sete foi pensada para verificar se, mesmo aqueles que têm como principal fonte as redes sociais, tem o hábito de buscar em outras fontes se o que se lê não foi, de alguma forma, distorcido e se não há nenhuma informação faltando para a compreensão daquilo que está sendo divulgado.

A BNCC apresenta que é importante verificar se a fonte de informação que está sendo observada não trata de uma informação falsa e, sendo assim, afirma a necessidade de buscar diferentes fontes. O documento norteador reitera isso também como parte das habilidades a serem trabalhadas pelos profissionais de educação nas escolas.

A questão da confiabilidade da informação, da proliferação de fake news, da manipulação de fatos e opiniões têm destaque e muitas das habilidades se relacionam com a comparação e análise de notícias em diferentes fontes e mídias [...] (BNCC, 2017, p. 134).

No entanto, o que verificamos ao longo de nosso estudo, é que, para um leitor comum, é quase impossível diferenciar sites e separá-los em confiáveis ou não, uma vez que apresentam todas as características que o colocam como fonte de informação confiável. Nesse caso, concluímos que, mesmo que muitos estudantes tenham apontado as redes sociais como fonte de informações, a grande maioria tem o cuidado

de verificar sobre aquilo que se lê, ou seja, mesmo que não consigam diferenciar sites falsos ou não, estão buscando outras fontes de informação para confirmar aquilo que eventualmente foi postado em uma página de rede social. Todavia, ainda há uma pequena parcela que aponta as redes como única fonte, o que acreditamos ser perigoso, devido a tudo que já foi apontado antes; porém, acreditamos que ao longo do desenvolvimento do projeto, esse hábito pode ser modificado.

Tabela 8: Hábito de ler a seção de comentários

Questão n.º 8	Sim	Não	Não acesso
N.º de alunos	13	3	0
Porcentagem	81,25%	18,75%	0%

Fonte: Da pesquisadora, 2020.

Tabela 9: Características observadas nos comentários

Questão n.º 9	Citado (nº)	Porcentagem
Embasados em fatos reais	6	13,63%
Preconceito	11	25%
Sem relação com o noticiado	2	4,54%
Senso comum	15	34,10%
Agressivo	6	13,63%
Compreensivo	4	9,10%

Fonte: Da pesquisadora, 2020.

As questões oito e nove, respectivamente, indagam os estudantes sobre o hábito de ler a seção de comentários, tanto nas redes sociais quanto nos jornais on-line e quais as características que eles observam nos comentários.

Quando questionados sobre o hábito de ler a seção de comentários, uma grande maioria, mais precisamente 81,25% dos estudantes disseram que sim, que eles têm o hábito de verificar o que é comentado em notícias, postagens e outros. Somente 3 dos pesquisados, 18,75% afirmaram que não o fazem. Observamos, assim que os comentários possuem grande relevância na busca por informações, uma vez que a maioria busca fazer essa leitura, dado relevante para a nossa pesquisa que, quer justamente analisar esse gênero, que causa atualmente impacto na sociedade.

Pensando ainda nessa perspectiva do comentário on-line, verificamos, com base em Silva (2014), que pela teoria proposta por Bakhtin, o processo de interação entre os sujeitos do discurso não se dá somente entre aqueles que participam da interação, uma vez que as vozes que emergem de outros discursos também são fatores que influenciam e fazem parte do processo dialógico. Por isso, vemos a necessidade de trabalhar com esse gênero, uma vez que, segundo o estudioso “[...] os leitores dirigem seus comentários sobre notícia retratada ou sobre outros comentários feitos sobre essa mesma notícia, o que se configura como um processo discursivo interativo [...]” (SILVA, 2014, p. 47). Com isso, as relações dialógicas acontecem, em seus mais diversos contextos, pois os sujeitos se apropriam de outros discursos que lhes parecem coerentes com o que acreditam.

Tabela 10: Hábito de produzir comentários

Questão n.º 10	Sim	Não
N.º de participantes	6	10
Porcentagem	37,5%	62,5%

Fonte: Da pesquisadora, 2020.

A penúltima questão do nosso questionário quis diagnosticar se os participantes da pesquisa tinham o costume de escrever comentários na internet e,

dos 16, somente 6 afirmaram que o fazem. Portanto, a maioria, 62,5% dos estudantes afirmam que não têm o hábito de produzir comentários.

A maioria lê os comentários, conforme vimos anteriormente, mas somente uma minoria afirma que escreve comentários. Uma hipótese levantada por nós é que, nesse caso, o que podemos deduzir é de que ainda há, na sociedade, dificuldades com a prática da escrita. Sendo assim, julgamos que a maioria das pessoas têm dificuldades em expressar suas opiniões, justamente porque muitas vezes lhes faltam argumentos e capacidade crítica para expor por escrito aquilo que pensam, o que acaba gerando insegurança no momento de escrever, fazendo com que elas acabem desistindo de escrever determinados textos.

Essa questão foi pensada como forma de verificar a frequência de manifestações que os participantes possuem na internet e também para introduzir a última que queria averiguar como os estudantes faziam os comentários (para aqueles que responderam sim à questão anterior). O objetivo aqui era conhecer um pouco mais sobre esses estudantes e sobre a natureza do processo dialógico dos comentários produzidos por eles e o que levavam em consideração na hora de comentar e, ainda, como organizavam seus comentários.

Os estudantes que responderam a essa pergunta foram os mesmos que disseram sim à questão anterior; portanto, o material não é tão vasto, pois temos somente seis respostas. No entanto, faremos uma análise breve sobre o que escreveram. Trataremos os informantes como Estudante A, B, C, D, E e F, com a finalidade de preservar suas identidades.

O estudante A respondeu que os comentários que realiza *“Na maioria das vezes são baseados em notícias que parecem relevantes em minha vida. Costumo observar outros comentários para ver se não estou falando besteira”*. Analisando essa resposta reiteramos o caráter dialógico, já mencionado tantas vezes ao longo desse trabalho, mas que não pode ser desconsiderado aqui. No discurso do estudante A percebemos que, por mais que ele leia diferentes notícias, ele produz comentários somente sobre aquilo que é relevante em sua vida, ou seja, leva em consideração sua vivência, a cultura carregada consigo e, mais ainda, seu entorno social. Além disso, ele confirma ainda que lê os outros comentários para *“não dizer besteiras”*, ou seja, ele interage com os demais discursos para depois produzir o seu, configurando, mesmo que involuntariamente, certa influência em sua escrita.

Nesse momento compreendemos as afirmações de Silva (2014) ao apontar que o gênero textual comentário on-line é “[...] constituído por uma cadeia de enunciados que pertence a um domínio maior: O discurso às várias esferas de comunicação, as quais, por meio de relações dialógicas, são ligadas aos interlocutores e ao gênero” (SILVA, 2014, p. 48). Ou seja, as relações dialógicas se dão em todo o entorno da notícia veiculada/postada, não somente no contexto verbal ali descrito, mas também externo a ele, ligado à sociedade como um todo.

Ao responder à pergunta número onze, o estudante B escreve: *“Documentários e pesquisa eu os acho muito importantes. São organizados de acordo com as disciplinas, nas disciplinas do curso de Letras”*. Acreditamos que aqui o aluno quis exteriorizar quais são as leituras que costuma fazer na internet, mas ele não nos respondeu sobre os comentários que reproduz, por isso, observamos que o aluno possui os hábitos de leitura apresentados acima, porém, sobre os comentários que este produz, não conseguimos maiores informações. Podemos sugerir, a partir da resposta desse estudante, que quando produz comentários, busca algo relacionado com o meio ao qual está inserido e algo que de alguma maneira agregue em seu conhecimento acadêmico, uma vez que seus hábitos de leitura estão voltados para isso.

O estudante C nos deu a seguinte resposta: *“Os comentários que escrevo na internet, normalmente, são sobre alguma consideração, congruente ou positiva, á posições de meus amigos acerca de política, torcida de futebol e algum tipo de comicidade para entretenimento”*. Consideramos o estudante C como o comentarista nato, aquele que sempre participa e comenta sobre diversos assuntos. Ele afirma que escreve favorável ou não a comentários feitos por amigos em relação a diversos temas, como política, futebol e entretenimento; portanto, verificamos aqui a relação que os outros discursos exercem sobre aquele que está enunciando num dado momento. Observamos ainda que esse estudante passa uma ideia de que está sempre atualizado e participa ativamente da sociedade em que se insere, uma vez que é capaz de opinar sobre os diferentes temas, porém podemos também sugerir que os comentários que produz possuem somente caráter de entretenimento, pois podem ser voltados apenas para seu interesse pessoal.

Assim, corroboramos novamente as concepções de Silva (2014) ao tratar sobre o conceito de cadeia discursiva na obra bakhtiniana, pois, segundo ele, o comentário

on-line poderia ser caracterizado dentro do conceito de microcadeia, uma vez que, apesar da amplitude do processo dialógico que existe em sua constituição, dando a ideia de macrocadeia discursiva, [...] em que o enunciado estaria relacionado a outros já ditos [...] (SILVA, 2014, p. 49), ele possui uma estrutura que é possível de ser demarcada, dado que um comentário se dá com base em outro e assim subsequentemente.

Entrementes, ao considerarmos o comentário on-line, por se tratar de um gênero (portanto, detentor de limites mais ou menos definidos), adota-se a ideia de microcadeia, em que cada enunciado funciona como um elo no interior desse encadeamento, fato que nos permite verificar as marcas da alternância de sujeitos em uma rede discursiva demarcada pelo primeiro e último enunciado (SILVA, 2014, p. 49).

Já o estudante D foi categórico e sucinto ao afirmar que faz comentários “*Conforme meu interesse*”. O que podemos dizer nesse caso é que, o estudante se baseia em sua vivência e naquilo que realmente importa para sua vida e para produção de seus comentários. O que não deixa de ser uma questão interessante, pois, pela lógica, quando temos interesse em algo, automaticamente buscamos maiores informações sobre aquilo; portanto, temos mais propriedade e conhecimento para falar sobre determinado assunto. Com isso, a partir da resposta do estudantes, acreditamos que ele somente produziria comentários sustentando boa argumentação ao longo de sua escrita, uma vez que teria vasto conhecimento por se tratar de algo do seu interesse, no entanto isto não passa de uma hipótese que gostaríamos de sugerir.

Para responder a nosso questionamento, o estudante E afirma que “*Tento pelo menos saber sobre o conteúdo que estou discutindo, procuro me organizar através de pesquisas relacionadas ao assunto e também ser respeitosa com os outros. Argumento, sem que prejudique ou ofenda*”. Verificamos aqui um informante consciente de seu papel como cidadão e da importância de verificar outras fontes de informação, uma vez que, como já dissemos anteriormente, ela circula muito rápido pelas mídias; portanto, é muito fácil que uma informação falsa chegue até nós e, sem o devido conhecimento, acabamos também repassando a outras pessoas as famosas *fake news*. Outro ponto mencionado pelo estudante é o fato de construir uma argumentação ao se posicionar mediante os assuntos tratados e do respeito às

peessoas, fatores que a BNCC aponta como habilidades que devem ser desenvolvidas com os alunos ao longo do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

Assim, se o informante possui essa consciência no seu processo de formação, acreditamos que o trabalho com os gêneros na escola, quando este estiver atuando na profissão docente, poderá ser melhor desenvolvido, posto que, também com base na BNCC, gêneros jornalísticos devem ser desenvolvidos com os alunos com o objetivo de formar cidadãos participantes e ativos em seu meio social. Além disso, o documento nos informa que devem ser desenvolvidas as habilidades mencionadas acima e que também foram trazidas pelo estudante pesquisado, como, verificação de fontes de informação, construção de argumentação e respeito mútuo.

O último estudante que respondeu a nossa pergunta, chamaremos de estudante F: *“Faço comentários quando quero expressar minha opinião acerca de determinado assunto. Organizo-os de acordo com a ordem de relevância para sustentar minha argumentação”*. Enxergamos, nessa resposta, características muito parecidas com as anteriores, dado que o participante da pesquisa informa que, escreve comentários sobre aquilo que é de seu interesse, ou seja, sobre aquilo que possui determinado conhecimento. Ele confirma que constrói uma argumentação sobre aquilo que fala, o que nos faz pensar que ele buscou fontes extras de informação e se preocupa com a veracidade daquilo que está reproduzindo. Porém, compreendemos que ele pode ter feito algum tipo de pesquisa a priori ou simplesmente ter expressado uma opinião pessoal. Assim, acreditamos que ele também poderá ter mais facilidade quando for lidar com o gênero comentário em sala de aula, de forma a atender o que a BNCC recomenda aos profissionais da educação.

Após a análise dos questionários e perfis, verificamos que temos um público bastante diverso, por mais que a maioria deles seja extremamente jovem, pela idade, acabam de sair do ensino médio, contamos também com estudantes de até 30 anos, e um acima de 40 anos. Pensando na faixa etária, podemos dizer que os dois últimos fizeram o ensino básico em período diferente da maioria, ou seja, muita coisa para eles pode ter sido bem diferente no que se refere à metodologia de ensino de gêneros textuais.

Além disso, concluímos que a maioria dos participantes de nossa pesquisa estudou em escola pública durante toda a educação básica e também que a maior parte não teve contato com os gêneros textuais do jornal durante esse período da vida estudantil. O que nos parece grave, mas compreensível, uma vez que a busca por

trabalhar com textos on-line e gêneros jornalísticos, como o documento norteador – BNCC – por exemplo, é relativamente novo, pois foi criado em 2017.

Concluimos, assim, que a maioria dos participantes afirma estar sempre verificando outras fontes de informações antes de fazer seus comentários na internet, além disso, busca construir uma argumentação ao escrever seus comentários, o que demonstra que são conscientes de seu papel na sociedade e que entendem a importância de apresentar e justificar tudo aquilo que informam e também quanto ao modo respeitoso em relação a todos dos demais interlocutores.

4.2. Observações – descrição do desenvolvimento das aulas

Após a aplicação desse questionário e da conversa inicial que tivemos com os alunos do curso de Letras participantes da pesquisa, tivemos um segundo contato que foi mais uma discussão em relação aos gêneros textuais como um todo e a importância de se trabalhar com eles nas aulas de língua portuguesa na educação básica.

Durante essa “aula” buscamos apresentar aos estudantes a heterogeneidade dos gêneros textuais, posto que, baseado em Marcuschi (2011), os gêneros se modificam com base nas manifestações linguísticas dos sujeitos. É um processo dinâmico, maleável, portanto, quando a sociedade se modifica o gênero textual / discursivo também está sujeito a sofrer alterações. Apresentamos a eles, de maneira discursiva, alguns teóricos que abordam essa temática, como por exemplo, Alves Filho (2011), já citado anteriormente nessa pesquisa, que confirma a modificação dos gêneros com base nos grupos sociais que o utilizam.

Outro ponto que julgamos importante apresentar aos alunos durante essa conversa é que os gêneros textuais discursivos estão muito mais relacionados às funções que exercem dentro da sociedade, na linguagem como um todo, do que a sua forma e estrutura, como apontado por Marcuschi (2005). Isso se dá justamente por esse caráter heterogêneo que os sujeitos possuem e que influenciam para o surgimento de novos gêneros.

Marcuschi (2011) afirma, ainda, que como os gêneros não são rígidos, são maleáveis como já falamos diversas vezes, os alunos sempre estarão interagindo

inseridos num gênero, seja ele oral ou escrito. Por isso é tão importante que ele tenha contato com enunciados que façam parte de sua vivência, de seu cotidiano. Dessa maneira, entendemos que, os gêneros da esfera jornalística disponibilizados on-line, têm um papel fundamental no que diz respeito a esse quesito.

De maneira geral, pudemos observar na pesquisa que os alunos se mostraram muito interessados em aprender um pouco mais sobre os gêneros, interagiram bastante durante a aula e falaram sobre suas experiências ao longo da educação básica. Nesse encontro, conversamos sobre os contatos anteriores que eles tiveram com os gêneros textuais e se confirmou o observado no questionário de diagnóstico, posto que grande parte afirmou não ter contato com gêneros jornalísticos, muito menos os disponibilizados na internet. Eles confirmaram que, os gêneros mais abordados nas aulas de língua portuguesa eram os mais comuns, como romance, conto, fábula, entre outros, no máximo, quando havia algum tipo de interação era para escrever uma carta para um amigo ou para alguma autoridade governamental.

Em mais um momento de interação que tivemos com os estudantes, apresentamos duas notícias retiradas de uma rede social jornalística do Facebook – *Boca no Trombone*; duas retiradas da *Folha de São Paulo*; uma retirada do jornal *Estado de Minas*; e uma do jornal *O Globo*. Junto a essas reportagens fizemos questão de selecionar alguns comentários realizados por leitores aleatórios. O objetivo desse momento de interação era justamente que os alunos tivessem a oportunidade de ver ali diferentes tipos de comentários encontrados na internet, sejam de cunho preconceituoso, ódio gratuito ou simplesmente comentários sem nenhuma relação com que era representado ali.

O momento compartilhado com os estudantes foi realmente muito rico. Observamos a lucidez com que estudantes, a maioria jovens, como vimos no questionário analisado no item anterior, tratavam sobre o tema. O respeito predominou nas falas dos jovens, pois apesar de alguns absurdos que aparecem nos comentários, foi uma discussão muito saudável e enriquecedora.

Os estudantes ficaram livres para discutir sobre os temas apresentados e verificamos que mesmo ao se verem ali, sofrendo parte do ódio disseminado na rede ao apresentar uma reportagem que tratava sobre a manifestação de estudantes e professores (Anexo I), relataram que esses leitores, capazes de realizar determinados

tipos de comentários, são na verdade uma representação do que um senso comum da sociedade aponta.

Uma das alunas afirmou com muita propriedade que a sociedade de maneira geral tem o hábito de julgar mal aquilo que não conhece e que, estando por trás de uma tela, seja de um celular ou de um computador, faz julgamentos com uma facilidade absurda. É interessante a fala da aluna ao relatar que o senso comum é o grande responsável por determinados comentários e que a falta de informação atrelada a ele cria determinados rótulos. Como exemplo, a informante fala da reportagem sobre a greve do setor educacional apoiada pelos estudantes. É possível ver nos comentários dessa reportagem que muitos leitores da página tratam os manifestantes pejorativamente como vagabundos, elevando assim a rotulação de que profissionais da educação são privilegiados em alguns aspectos, não trabalham e possuem muitos direitos.

Além disso, a estudante pontuou nos comentários da mesma reportagem sobre questões envolvendo intolerância política. Ao mencionar as palavras mortadela, bozo e gado verifica-se preconceito dos dois lados, tanto em relação à esquerda, quanto à direita. Verifica-se, ainda, atrelado ao termo mortadela e esquerda, preconceito linguístico com uma das pessoas que comete um erro ortográfico na escrita da palavra “faça”.

Um outro comentário que foi discutido nessa aula refere-se à reportagem sobre Jean Wyllys (Anexo II). Em um contexto que trata de um possível processo que o ex-deputado iria mover contra o secretário do atual presidente Jair Messias Bolsonaro. Completamente fora do contexto, um dos comentaristas escreve a seguinte frase “Esse via do ainda está vivo?”. Discutiu-se primeiramente a questão da separação da palavra “viado”, a qual chegamos à conclusão de que se deu dessa maneira devido ao comentário estar dentro da plataforma do jornal, sendo assim há algum tipo de controle e, caso a palavra tivesse sido escrita normalmente, provavelmente o comentário teria sido inviabilizado, conforme a política e princípios éticos descritos aos usuários do portal do jornalismo. Posto isso, os alunos criticaram a questão de a sexualidade ainda ser utilizada com o intuito de ofender uma pessoa, sendo isso uma justificativa para uma agressão gratuita na rede.

Enfim, após o período de observação das aulas em que estivemos juntos, pudemos perceber um crescimento dos alunos em relação aos primeiros e ao último

encontro. Inicialmente havia um certo receio em apresentar as ideias que traziam consigo, tanto que no questionário tivemos apenas seis que descreveram os critérios que utilizam para realização de comentários na internet. Já no último encontro, antes da produção dos comentários, muitos falaram e expuseram suas opiniões e foi um momento muito rico de troca de informações, discussão e compartilhamento de experiências, conforme relatamos acima.

Entendemos, assim, que o trabalho com os comentários poderá ser bem aproveitado por eles, uma vez que é uma oportunidade de vivenciar o que futuramente poderão desenvolver com seus alunos, quando estiverem no papel de professores de língua portuguesa, auxiliando-os na construção do conhecimento não somente da forma e estrutura, mas principalmente da constituição da comunicação verbal por meio desses gêneros, que são essenciais, dado que fazem parte da vida dos sujeitos.

4.3. Análise dos comentários dos alunos do curso de Letras

Como mencionamos anteriormente, os alunos do curso de Letras foram direcionados à plataforma EaD da universidade na qual realizamos postagens de notícias com alguns comentários retirados de jornais e redes sociais. Fizemos a postagem de duas reportagens, sendo que a primeira (Anexo III) tratava sobre a ascensão de mulheres negras. Constam nessa reportagem depoimentos das mulheres contando as dificuldades pelas quais passaram para chegar onde chegaram, bem como as conquistas que obtiveram. Selecionamos alguns comentários que constam no link da reportagem na página do jornal de uma rede social e expusemos aos alunos logo abaixo da reportagem.

A segunda notícia (Anexo IV), trata de um jovem negro que estava fotografando a paisagem e casas de João de barro em um bairro do interior de São Paulo, mas foi tido como suspeito pelos moradores dali. As pessoas disseram acreditar que o rapaz estava fotografando suas casas e foi vítima de diversos olhares preconceituosos por onde passou. O jovem chegou a recorrer à polícia para se precaver de possíveis problemas com a justiça. Também junto a essa notícia apresentamos comentários que constavam na página do jornal do qual foi retirada a notícia.

Os estudantes ficaram livres para fazer seus comentários da maneira que julgassem melhor. Apenas orientamos que ficassem à vontade naquele espaço e usassem a plataforma EaD como se de fato estivessem nos sites dos jornais ou em suas redes sociais. Sendo assim, os participantes da pesquisa poderiam comentar as reportagens em si ou até mesmo direcionar sua fala para os comentários anteriores.

Abaixo fizemos uma análise dos comentários dos alunos do curso. Observamos, com base na análise do discurso, o local de fala de cada um dos estudantes, bem como a argumentação apresentada, o conhecimento que eles trazem consigo e também possíveis preconceitos e discursos de ódio que possam ter reproduzido. Levando em consideração nossa metodologia de pesquisa, buscamos apresentar os comentários dos alunos do curso de letras observando a construção discursiva de cada um desses estudantes sem nos preocupar com questões gramaticais e/ou lexicais, porém sem deixar de observar como esses fatores contribuem com a formação discursiva dos falantes, pois, segundo Orlandi (1999) essas áreas da linguística não competem à análise do discurso, todavia interessam em alguns aspectos.

Conforme Orlandi (1999, p. 15), “a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento”. Sendo assim, buscamos verificar o percurso dos estudantes - ao longo do desenvolvimento desse projeto - bem como as vivências que trazem consigo, refletem em seus discursos manifestados por meio dos comentários analisados.

Por fim, antes de iniciar a análise dos comentários, gostaríamos de salientar que ao afirmarmos que determinado estudante ocupa determinado local de fala, as concepções as quais chegamos se deram unicamente com base nos discursos analisados. É necessário reiterar que em nenhum momento a identificação desses sujeitos foi feita e nenhum dos comentaristas classificado como tal por outro meio de análise que não pelo discurso produzido.

Quadro 1 – Comentário A

<p>É impressionante a forma como as pessoas ainda insistem em defender a meritocracia. Mesmo em meio a tantos relatos, mesmo com a realidade da luta negra estampada, ainda querem retirar argumentos de não sei onde para se opor aos negros</p>

e a qualquer oportunidade que eles possam ter de alcançar lugares antes alcançados apenas por uma massa branca. O mais repugnante de tudo é observar o quão indignada essa massa fica quando negros conquistam o que eles consideram ser “espaço de branco” e é nesse instante que eles resumem todas as conquistas em benefícios e “mi mi mi”. Vale lembrar que muitos, mesmo gritando pros quatro ventos que são contra cotas, na primeira oportunidade tentam se aproveitar desse “benefício” para aproveitamento próprio. É vergonhoso, em pleno século XXI, ainda observar situações como essa.

Fonte: Da autora, 2020.

No comentário A, o estudante, assim como a maioria dos outros que analisamos neste tópico, direciona sua fala para os outros comentários já postos. Observamos que esse sujeito demonstra um respeito muito grande pela população negra, principalmente pela mulher negra e que se indigna com tudo que é dito nos comentários. Verificamos que o estudante demonstra respeito não só pela população negra, a qual ele defende, mas até mesmo pelos outros comentaristas, pois apesar de haver uma relação dialógica contrária ao que é dito por eles, em nenhum momento vemos que o estudante ofende de qualquer maneira os falantes aos quais se refere. Apesar de a linguagem ser um espaço de luta, em que cada indivíduo manifesta suas concepções à sua maneira, “se a sociedade é dividida em grupos sociais, com interesses divergentes, então os enunciados são sempre o espaço de luta entre vozes sociais, o que significa que são inevitavelmente o lugar da contradição” (FIORIN, 2006, p. 25). Parte desta pesquisa visava justamente levar aos estudantes que é possível haver manifestação, argumentação e fala, sem que nenhuma das partes seja ofendida de alguma maneira.

Fiorin (2006) afirma que todo discurso é perpassado por outros, ou seja, cada falante irá exteriorizar conforme suas experiências e vivências. Podemos dizer, assim, que a estudante abaixo ocupa, na sociedade, um lugar de fala favorável a reportagem postada, ou seja, que compartilha de alguma forma dos mesmos ideais e/ou problemáticas pelas quais as mulheres entrevistadas passaram.

Quadro 2 – Comentário B

Se a entrada da mulher no espaço acadêmico ainda é uma novidade em vários tipos de profissões classificadas como "profissões masculinas", a mulher negra baixa renda torna-se mais ainda, a questão racial se torna latente ao olhar em volta e perceber que em muitos casos, mesmo com a existência das cotas, menos da metade de uma sala de aula é composta por pessoas negras que, historicamente, são maioria na linha da pobreza, sem contar que a própria condição financeira, não apenas de mulheres negras, torna a realidade acadêmica algo distante, ainda mais no momento vivido em que muitas bolsas científicas, que foram e são às vezes a única forma de ter alguma chance de melhoria de futuro, sofreram cortes muito significativos. Eu, como uma estudante negra, mesmo que em meio a muitas dificuldades, tenho o privilégio de estar estudando em uma universidade pública que recentemente abriu um curso de capacitação para identificar se pessoas que tentam se inscrever por cotas de fato têm esse direito, vejo como uma boa iniciativa tendo vista das dificuldades que uma pessoa cotista precisa passar para ter acesso à educação que é um direito coletivo e sonho com o dia em que todos poderão ter acesso à educação de qualidade sem precisar se preocupar em mudar o cabelo, mentir sobre a própria origem ou, simplesmente, por não ser de uma classe social elevada.

Fonte: Da autora, 2020.

Acima verificamos um dos comentários que, em nossa visão nos parece extremamente bem construído, com uma boa argumentação e trazendo para a discussão fatores importantes e extremamente relevantes na temática abordada, como a questão da análise de estudantes que entram na universidade por meio de cotas raciais.

Verificamos que a estudante se identifica como negra, ou seja, o local de fala dela sugere toda uma vivência, uma formação discursiva em cima do preconceito pelo qual ela pode ter passado ao longo de sua existência, bem como todas as dificuldades que ela possa ter encontrado para estar estudando em uma universidade pública, conforme ela mesma relata no texto. Orlandi (1999) afirma que é preciso pensar o discurso não somente como uma forma de transmitir informações, uma vez que ele é muito mais que isso, pois, o sujeito se constitui por meio dele.

Desse modo, diremos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação (ORLANDI, 1999, p. 21).

Diferente do comentário A e da maioria dos outros, essa estudante não direciona sua fala para os outros comentaristas, mas para a reportagem em si, que trata da ascensão de mulheres negras na universidade, fator que nos parece importante relatar também, uma vez que, apesar de todo o preconceito mencionado nos comentários apresentados na reportagem, ela preferiu usar seu texto para “dar uma aula” sobre a entrada e permanência da mulher negra nas universidades brasileiras.

Como já apontamos na análise anterior, a relação dialógica se estabelece, uma vez que o comentário é produzido para dialogar com outro texto já apresentado. Diferente do caso anterior, vemos aqui ideias que estão do mesmo lado, porém observadas por uma outra perspectiva. O que gostaríamos de salientar é que a escrita desse texto levou em conta toda uma construção de conhecimento e uma busca por informações, ou seja, a estudante, antes de fazer seu comentário buscou se informar para que sua escrita não parecesse rasa e pouco crítica, o que fez parte das nossas discussões ao longo das aulas que tivemos antes desse momento.

Poder formar professores capazes de ensinar seus alunos que antes de sair pela internet produzindo comentários, saibam do que estão falando e tenham uma boa capacidade argumentativa para sustentar os fatos apresentados foi um dos principais pontos que tratamos ao longo de nossos encontros.

Quadro 3: Comentário C

Resposta aos comentários:

Queridos, existem muitos pontos que poderiam ser aqui discutidos, mas vamos por partes: a falta de presença da vírgula não impediu a compreensão do que “x” disse. Acéfalos, geralmente, são aqueles que não entendem que o limite da língua é o entendimento e as redes sociais não exigem que a norma culta da língua escrita seja exercida. Ainda, acredito que, as únicas pessoas que podem ter propriedade para falar

sobre isso são as MULHERES NEGRAS. Para terminar: cor não determina caráter. Empatia, plis.

Fonte: Da autora, 2020.

O estudante acima inicia seu comentário trazendo uma tonalidade na escrita que podemos considerar como ironia. Ao utilizar a palavra “queridos” como pronome de tratamento, ele se posiciona ironicamente e passa a tentar explicar aos comentaristas fatores externos ao conteúdo da reportagem. A ironia é, sob o ponto de vista discursivo, um fator de heterogeneidade, de polifonia, de dialogismo. Instaure-se no discurso a ironia para sustentar um posicionamento discursivo que não se manifesta explicita, mas implicitamente por meio da ironia. Numa perspectiva polifônica, a ironia é representativa do dialogismo. Verificamos que o estudante apresenta em seu comentário conhecimentos obtidos por meio do estudo da língua, posto que afirma que o local em que se encontram discutindo não exige o uso da norma culta, que com base no que aponta a sociolinguística, preza pela comunicação e não pelo uso de regras gramaticais e da norma padrão.

Nesse comentário, o estudante acaba tratando por “acéfalo” os comentaristas aos quais se refere, pelo fato de não compreenderem questões de preconceito linguístico e entendemos que, na verdade, esse foi apenas um recurso utilizado por ele para refutar um comentário maldoso dito anteriormente. Percebemos com isso que, apesar de apresentar argumentação significativa para responder ao comentário, o estudante se utilizou dos mesmos meios que ele, trazendo um termo pejorativo ao diálogo apresentado. Não há condenação de nossa parte, no entanto, o que buscamos aqui é mostrar que é possível comentar e defender seus pontos de vista sem que haja desrespeito. É um discurso preconceituoso que se manifesta de maneira polifônica pela ironia.

Verificamos, também, nesse comentário, que o estudante coloca em letras maiúsculas, para dar ênfase ao que é dito, que as únicas pessoas capazes de discutir a temática ali apresentada seriam as mulheres negras, pois elas vivenciam na pele as dificuldades e o preconceito relatados. Portanto, não é possível saber seu exato lugar de fala, mas é possível perceber a consciência de que a construção do sujeito e do seu discurso se dá por intermédio do meio social em que vive e da sua vivência.

Com isso, para chegarmos à análise desse comentário, corroboramos Orlandi (1999) ao afirmar que, a análise do discurso ultrapassa os limites da interpretação do texto. Não há um manual, um certo, um errado, uma verdade absoluta, há sim um enunciado, tons, gestos e interpretações feitos pelo analista daquilo que analisa. “A compreensão procura a explicitação dos processos de significação presentes no texto e permite que se possam “escutar” outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem.” (ORLANDI, 1999, p. 26).[destaque no original]

Quadro 4: Comentário D

Resposta aos comentários:

De acordo com certos aspectos da linguística variacionista, como se trata de uma linguagem informal (internet), você não precisa utilizar ou seguir cegamente as regras gramaticais. Tente ler sobre.

Fonte: Da autora, 2020.

O comentário D está direcionado ao mesmo que o estudante do comentário C discorreu acima. No entanto, nesse caso, ele se limitou a explicar ao comentarista um pouco mais sobre linguística. Seria uma réplica ou tréplica ao dito anteriormente. Podemos ver que ao final ele pede que as pessoas leiam mais sobre o assunto o que acreditamos ser também de teor deôntico e irônico, ao modalizar por meio de um verbo injuntivo uma vez que, provavelmente aquelas pessoas não tem nenhum interesse sobre questões linguísticas e, a não ser que fossem estudantes ou pesquisadores envolvidos nessa área, não o fariam; portanto, a dica foi dada com a simples função de instigar os envolvidos.

Com isso, reiteramos as concepções de Silva (2014) ao afirmar, “[...] a proficiência da palavra não está contida em seu enunciado, mas no enunciador e no poder que ele representa para o seu público (SILVA, 2014, p. 31)”.

Assim, para que a construção de argumentos em um discurso possa fazer sentido dependerá não só de quem diz, mas principalmente de quem ouve, ou seja, se de fato estivesse havendo uma interação on-line entre o estudante que reproduziu o comentário analisado e o interlocutor ao qual ele se refere, é possível que a

compreensão não se estabelecesse totalmente, visto que os comentaristas possivelmente não estão interessados nos aspectos linguísticos aos quais o estudante se refere.

Quadro 5: Comentário E

Resposta ao comentário 7:

A maioria dos serial killers é branca. E pelo visto, você também sabe pouco sobre a história do Japão. Eles lutaram ao lado de Hitler durante a 2ª guerra mundial, além de possuírem uma das maiores máfias do mundo, conhecida globalmente, a Yacusa. Mas não vim para denegrir uma raça, mas para mostrar que os defeitos não pertencem a uma raça, mas a toda a espécie humana. Existem bandidos de todas as raças, estupradores de todas as raças, enfim. Se informa mais antes de tomar partido sobre algo.

Fonte: Da autora, 2020.

Seguindo com nossas análises verificamos que o comentário E apresenta algumas informações as quais não nos aprofundamos para sabermos se são verdadeiras ou não. No entanto, percebemos a segurança do comentarista ao falar sobre elas, o que sugere que ele de fato tenha buscado essas informações em alguma outra fonte.

Achamos interessante que o estudante, apesar de se mostrar indignado com o comentário lido, o qual trata sobre a superioridade dos japoneses em relação a outras raças, demonstra respeito, uma vez que em nenhum momento agride verbalmente ou faz qualquer tipo de injúria sobre o interlocutor que pretende alcançar. Ao final do seu texto, ele orienta para que a pessoa busque informações antes de produzir um comentário e se posicionar sobre algo estabelecendo, mais uma vez, o diálogo, uma vez que, mesmo que eles não estejam interagindo diretamente esse processo dialógico acontece, pois segundo Silva (2014), o dialogismo acontece na prática e no interior do texto.

Quadro 6: Comentário F

Resposta ao comentário “Os japoneses nunca foram escravizados ou considerados inferiores”

Em que mundo você vive? Não importa se eles foram ou não, o que importa, na questão atual, é que os negros SIM foram e negar isso é continuar propagando uma ideia romântica da sociedade brasileira formada apenas pelo ventre de Iracema, desconsiderando o sangue africano derramado que para você tivesse a vidinha que tem! Nunca foi privilégio, sempre foi dívida.

Fonte: Da autora, 2020.

Seguindo a mesma linha de pensamento do comentário anterior, o estudante acima decidiu voltar suas observações para os japoneses, citados nos comentários colocados junto à reportagem. Diferente do analisado antes, este não trouxe informações externas sobre esse povo. No entanto, buscou fazer uma defesa em relação à população negra como um todo.

Nesse comentário é possível verificar claramente uma contrariedade à forma como os comentaristas se posicionaram e determinado teor irônico ao usar a palavra “vidinha” no diminutivo, para se referir aos privilégios que os brancos possuem sobre os negros na nossa sociedade. Podemos dizer ainda que o autor do comentário acima ocupa um lugar favorável às cotas raciais, por exemplo, pois ao final ele conclui “nunca foi privilégio, sempre foi dívida”, ou seja, todas as políticas criadas em direito à população negra são vistas como obrigação e não como benefícios.

Posto isso, confirmamos mais uma vez as ponderações de Silva (2014) ao afirmar, “[...] todo discurso é perpassado por outros discursos, compondo várias linhas melódicas que se intercalam entre si” (SILVA, 2014, p. 46). Dessa forma, devido ao discurso utilizado, verifica-se que em algum momento de sua vida, enunciados favoráveis a esse tipo de política o interpelaram, o que auxilia na construção do seu pensamento e, conseqüentemente, ajuda na formação de seu discurso.

Quadro 7: Comentário G

Eu acredito que não existe uma “raça superior ou inferior”, sim, isso que estou falando é clichê, mas acreditar nessa “visão de mundo” é simples, e, sim, parar de falar “negros, asiáticos ou brancos” é uma maneira de incluir todos os povos conectando o respeito e a igualdade.

Fonte: Da autora, 2020.

Ao fazermos a leitura do comentário G verificamos que há questões de senso comum bastante enraizadas em seu discurso do cotidiano. Ao dizer que nenhuma raça deve ser priorizada em favor de outra o comentarista aborda uma temática bastante discutida que é justamente o fato de que negros, brancos, indígenas, entre outros, são iguais e, nenhum desses povos precisa ser beneficiado em favor de outro.

Para exemplificar o senso comum presente nesse comentário, podemos pensar, por exemplo, em uma questão amplamente divulgada nas redes sociais, como o 20 de novembro (Dia da consciência negra), data importante para a comunidade negra, quando muitas pessoas fazem postagens de que é preciso consciência humana e de que esta não tem cor.

Novamente vemos aqui, implicitamente, a questão das cotas raciais, porém por uma outra perspectiva da que foi abordada no comentário F. Ao colocar que é preciso respeitar todas as raças, compreendemos que o estudante quis retaliar os comentários postados junto à reportagem; porém, como o discurso não é imparcial, a maneira que ele se coloca nos faz pensar que, de alguma forma ele acredita que deve haver uma certa igualdade entre as raças, ou seja, nenhuma delas deve ser beneficiada com qualquer tipo de “privilégio” em favor de outra. Pensando no sistema de cotas para negros, acreditamos então que o comentarista não é favorável, pois não entende que deve haver diferenças entre as raças, mesmo que uma delas tenha conquistado esse direito há muitos anos.

Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e como o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele (ORLANDI, 1999, p. 30).

Posto isso, analisando o discurso do estudante, podemos dizer que o seu lugar de fala provavelmente não é de pessoa negra, ou de luta pelos direitos dos negros, por isso ele se coloca de maneira distante, na tentativa de não se posicionar diante

do que está sendo dito. Além disso, não faz nenhuma menção a reportagem em si, trazendo somente uma opinião aleatória sobre uma temática secundária, todavia que não deixa de ser importante na construção do diálogo.

Quadro 8: Comentário H

Saiba que a realidade dos japoneses, a história e a cultura são totalmente diferentes, não há como comparar um ovo e um melão. Então...

Fonte: Da autora, 2020.

Quadro 9: Comentário I

Quanta estupidez! Desmerecer um povo, uma luta, em favor de outros.

Fonte: Da autora, 2020.

Os comentários H e I também estão direcionados aos comentários postados na reportagem e não à própria matéria em si, assim como boa parte do que vimos até agora. Decidimos analisá-los juntos, pois não há muitos argumentos a serem discutidos e tanto um quanto o outro possui um mesmo posicionamento e locais de fala parecidos. Discursivamente, há explicitação de preconceito e ou de resistência ao declarar a tamanha estupidez e o desmerecimento de um povo e sua luta. Trata-se de dialogismo entre discursos conflitantes ideologicamente, que se interpenetram pelo interdiscurso, pelos não ditos.

Baseados nos discursos acima, compreendemos que os estudantes que escreveram esses comentários, assim como o que analisamos antes, tentam não se posicionar sobre a questão racial que envolve a temática discutida. No entanto, deixam pistas no interdiscurso que nos fazem acreditar que, apesar da tentativa do não posicionamento, tendem a defender o lado da população negra, uma vez que não concordam com os comentários postados e reprovam a necessidade de exaltar uma raça em favor de outra.

Segundo Charaudeau e Maingueneau (2004), interdiscurso é toda situação de fala que vem antes, ou seja, ancorados por uma memória discursiva, os sujeitos

enunciam com base em uma formação discursiva que tem como alicerce todo discurso proferido anteriormente. Assim, para os estudiosos, o interdiscurso faz parte de um espaço discursivo e possui relação com outros discursos. Sendo assim, entendemos que os comentaristas, por meio do interdiscurso, implicitamente deixam as pistas de suas formações discursivas e locais de fala.

Chegamos a essa conclusão, pois, como os comentários são extremamente racistas e reproduzem diversos tipos de preconceito em relação à população negra, tratando-os até mesmo como bandidos e comparando-os aos japoneses, os estudantes se colocam diante dos fatos para eximir os negros de tudo que estão sendo acusados nos comentários.

Além disso, gostaríamos de salientar que, apesar da dureza dos comentários, em nenhum momento eles faltam com respeito e/ou exibem qualquer tipo de preconceito ao se posicionarem, confirmando assim os ideais do projeto de ensinar aos alunos que é possível escrever na internet, utilizando a linguagem da internet, sem precisar se valer de quaisquer discursos de ódio e/ou ofensas com outras pessoas.

Quadro 10: Comentário J

Gente, essas pessoas dos comentários leem notícias? Ou ao menos a matéria? Sério, a matéria fala do crescimento das mulheres negras no ensino superior e essa galera discutindo sobre algo que não tem nada a ver com a matéria e ainda por cima dizem coisas preconceituosas e racistas. De verdade, a falta de leitura está chegando a níveis alarmantes.

Fonte: Da autora, 2020.

O mais interessante no comentário J é a forma como ele começa. O questionamento que o estudante faz nos parece plausível, pois, como é possível perceber pela leitura da matéria, a reportagem trata do crescimento das mulheres negras dentro do ensino superior e os comentários selecionados retratam preconceito em relação à população negra, exaltando o povo japonês e fazendo comparações entre eles. Ao fazer esse questionamento o estudante dialoga não só com o

comentário ao qual ele se refere, mas com todo o enunciado ali mencionado, englobando a reportagem.

O estudante que produziu esse comentário se orientou em relação à matéria apresentada antes de ler os comentários de maneira isolada. Ele não apresenta uma argumentação relevante acerca do tema discutido, como grande parte dos comentários analisados, porém julgamos importante analisá-lo uma vez que a espontaneidade e a proximidade com o que vimos diariamente nas redes sociais nos chamou a atenção.

Quando o estudante finaliza seu texto e faz essa crítica diante do problema de falta de leitura, “*De verdade, a falta de leitura está chegando a níveis alarmantes*”, percebemos que ele abstraiu algumas das ideias que foram discutidas em sala de aula, durante os encontros no desenvolvimento do projeto, uma vez que a formação de um escritor capaz de escrever criticamente precisa possuir hábitos de leitura. No caso apontado podemos dizer que há um problema de falta de leitura, posto que, ao comentar um determinado assunto é substancial para o escritor possuir o mínimo de conhecimento sobre a temática tratada, para que os comentários não se tornem simples manifestações de opiniões infundadas e repletas de discursos de ódio e preconceito.

Quadro 11: Comentário K

Queria saber quais fontes você usou para escrever tanta coisa sem nenhuma noção?
Foram as vozes da sua cabeça?

Fonte: Da autora, 2020.

Quando o estudante faz o comentário acima, percebemos haver certa irritação de sua parte em relação aos comentários já postados e aos quais ele se refere. Ao fazer as perguntas entendemos que o estudante preza por enxergar a total falta de informação dos comentaristas, dado que apresentam diversos dados sem nenhum tipo de fundamentação. Questionar como forma de devolução de turno conversacional é uma estratégia discursiva que remete, no interdiscurso, a um posicionamento de crítica, de reiteração ou não de um posicionamento discursivo geralmente polêmico. Verificamos que, apesar de questionar a falta de informação, o comentário também

não apresenta nenhum novo argumento e tem o intuito único de fazer uma crítica a quem os escreveu. No dialogismo, contrapor-se é um exercício de diálogo interacional porque há o embate entre ideologias distintas que, no todo, explicitam discursos heterogêneos.

Em relação ao local de fala do comentarista, percebemos que, de alguma forma ele entende e se comove com a luta da população negra, uma vez que sai em seu favor. Dessa forma, podemos dizer que ocupa um local de fala favorável a eles, posicionando-se por meio do seu discurso.

Quando Orlandi (1999) alega, “as palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua” (ORLANDI, 1999, p. 32), ou seja, em algum momento da sua vida ele foi interpelado por outros discursos que o fizeram proferir os enunciados, sendo assim, algo o levou a escrever o que escreveu e da maneira que escreveu.

Além disso, a estudiosa expõe também que esse discurso não é pensado. Portanto, por mais que perguntemos o que o levou a dizer de determinada forma, este não conseguirá nos explicar; “o que ele sabe não é suficiente para compreendermos que efeitos de sentidos estão ali presentificados” (ORLANDI, 1999, p. 323).

Dessa maneira, entendemos que mais que interpretar os comentários acima, nosso papel aqui é compreender como o estudante se posiciona diante de determinados assuntos em voga na nossa sociedade.

Quadro 12: Comentário L

Senhor XXX, caso o senhor não saiba, o Japão é um país palco de diversas atrocidades SIM. Já ouviu falar da Yakuza? Dos diversos estupros e sequestros a mulheres? É controversa, mas acredito sim que fazem um monte de coisa ilegal no mercado negro. Dá uma antenada nas notícias aí. Descriminalizar uma etnia para criminalizar outra é estupidez! Abraços.

Fonte: Da autora, 2020.

Quadro 13: Comentário M

Quanta estupidez! Desmerecer um povo, uma luta, em favor de outros...

Fonte: Da autora, 2020.

Fiorin (2006) afirma que, para Bakhtin, as opiniões podem ser individuais ou sociais, sendo em sua maioria sociais. Ou seja, os indivíduos se manifestam, na grande maioria das vezes, para agradar a um destinatário maior, o qual ele chama de superdestinatário, ou seja, uma massa da sociedade reprodutora de um pensamento. “Na medida em que toda réplica, mesmo de uma conversação cotidiana, dirige-se a um superdestinatário, os enunciados são sociais” (FIORIN, 2006, p. 27).

Se observarmos os comentários acima podemos dizer que, de certa forma, mesmo sendo destinados aos comentaristas da reportagem postada, há um superdestinatário. Quando o primeiro estudante se refere aos estupros e sequestros das mulheres ele atinge um grupo social muito maior que somente aqueles ali envolvidos nesse processo dialógico.

Ao trazer para a discussão questões de segurança nacional, o estudante demonstra não estar fazendo simples constatações baseadas em achismos, mas que, em algum momento, buscou aquelas informações e tem o conhecimento para tratar sobre o assunto, tendo assim alguma base teórica que o auxiliou na construção de sua argumentação. Reiteramos que não buscamos as informações mencionadas no comentário; portanto, não discutiremos sobre o que é real ou não.

Um dos critérios que prometemos analisar também nos comentários é o fato da repetição de muitos deles, devido à influência que um discurso causa em outro, fato também já discutido aqui e delimitado por Fiorin (2006). Vemos que o comentário M acaba repetindo uma ideia já apresentada antes. Como os comentários foram postados e um aluno conseguia visualizar o que o outro havia postado, acredito que algumas informações possam ter sido enfatizadas por essa razão. O que não tira o mérito da escrita do estudante que escreveu, posto que o dialogismo é o modo real pelo qual a linguagem se manifesta, ela é viva.

Quadro 14: Comentário N

<p>Caro XXX, há tantos problemas em sua fala que mal consigo enumerar todos, você não entende nada de história, empatia e humanidade. Aprenda a se colocar no lugar do outro, conheça a história do seu país, seja consciente. Para de ser racista, essa é uma posição totalmente errada para em pleno 2019 estar, reveja seus conceitos. Se</p>
--

você entendesse algo de verdade, você enxergaria a dificuldade e a luta dessas mulheres vitoriosas.

Fonte: Da autora, 2020.

Observemos o comentário N acima. Para que possamos analisá-lo de maneira mais satisfatória, gostaríamos de discutir um pouco mais sobre o conceito de interdiscurso – já mencionado anteriormente pela visão de Charaudeau e Maingueneau (2004) – e intradiscurso discutido por Orlandi (1999). Consoante a autora, interdiscurso é a própria construção do sentido, ou seja, o próprio discurso, que é composto por algo que já foi dito ou ouvido em dado momento, mas que foi esquecido e outrora repetido; já o intradiscurso é a sua formulação, ou seja, o que se diz exatamente naquele momento, com base nas condições que nos foram fornecidas.

Sendo assim, a formulação de um dizer, como no caso do comentário acima, é definida pela junção do interdiscurso com o intradiscurso, pois só foi possível ser escrita pela união da memória à situação a qual houve a exposição e explanação das ideias. Obviamente podemos observar isso em todos os diversos comentários que analisamos. Porém, ressaltamos este justamente pelo fato de o estudante se remeter a questões históricas, evidenciando assim que a memória é parte constituinte do nosso ser, por isso parte de nós enquanto membros ativos de uma sociedade.

Verificando o conteúdo do comentário do estudante, entendemos um local de fala que compreende os problemas da sociedade negra e, principalmente, as mulheres. Observamos que ele direciona sua fala aos comentaristas da matéria, por isso é perceptível também certo tom de indignação em sua escrita, uma vez que, como já apontado anteriormente e como é possível ver no anexo, são extremamente preconceituosos e racistas.

Não existem muitos argumentos a serem discutidos, porém verificamos que o estudante consegue se posicionar sem proferir nenhum tipo de discurso de ódio e/ou preconceito para as pessoas as quais se refere. Ponto esse que julgamos positivo em um curso de formação de professores, conforme já explicitamos anteriormente.

Quadro 15: Comentário O

Aposto que votaram 17.

Bando de bolsominion.

Fonte: Da autora, 2020.

Temos no comentário O um retrato do que vemos todos os dias nas redes sociais. Vemos que, em relação ao seu tom, ele se difere dos outros relacionados aqui, mas se aproxima dos que foram retirados da página do jornal na rede social. O que queremos dizer com isso é que este é um típico comentário de uma pessoa que não teve preocupação nenhuma com o conteúdo da reportagem postada ou, podemos dizer, não teve nem mesmo o intuito de fazer algum tipo de retaliação aos comentários anteriores utilizando argumentos contundentes. O campo da polifonia instaura-se na polêmica, na condução do leitor para outros discursos, geralmente relacionados à política partidária sem sustentação discursiva consistente, apenas expressões comuns, banais, que retratam o discurso de superficialidade que em nada contribui para a construção crítica de um ponto de vista argumentativo ideologicamente embasado.

Entendemos que a função máxima do comentário acima é definir um estereótipo criado pela sociedade atual e decretar que as pessoas que se manifestam de tal maneira possuem todas um mesmo posicionamento político e ideológico, o que acreditamos não ser exatamente assim.

Dessa maneira, o autor do comentário acima apresenta uma opinião sua em relação aos demais comentaristas, criando uma representação social com base em seu próprio ponto de vista. Corroborando assim as concepções apresentadas por Silva (2014) ao afirmar, “[...] em via dessa adesão individual a uma determinada posição, a opinião manifesta-se de maneira pouco estável, considerando pontos particulares, admitindo a formação dos estereótipos e das atitudes, uma vez que seu caráter parcial é aceito por todos” (SILVA, 2014, p. 19).

Por meio desse comentário, fica clara a posição política e a ideologia que o estudante acima possui, porém o que acreditamos ser grave é o fato de seu posicionamento político ser capaz de fazer com que ele se manifeste de tal maneira.

É justamente esse tipo de comentário que nós, pesquisadores do gênero textual discursivo comentário em jornalismo on-line e desenvolvedores dessa pesquisa, não gostaríamos de encontrar na internet. É esse tipo de comentário que acreditamos que os professores em formação precisam banir de suas redes, para que seja possível levar aos estudantes da educação básica, futuros alunos desses professores em formação, à compreensão de que a ofensa só irá gerar mais ofensa e de que a opinião crítica, o desenvolvimento das ideias e a argumentação são essenciais para que o discurso de ódio na internet diminua.

Quadro 16: Comentário P

Penso que essa questão racial já está tão enraizada na nossa sociedade, que a fala de algumas pessoas parece até mesmo normal. É um absurdo que em pleno século XXI ainda sejamos obrigados a ler esse tipo de coisa! Noção passou longe dessa galera!

Fonte: Da autora, 2020.

No comentário P podemos observar que o estudante reproduz não somente um discurso seu, individual, mas fala em nome de toda sociedade, ou seja, é um discurso também social. Como dissemos anteriormente, com base nas concepções que Fiorin (2006) apresenta da obra de Bakhtin, existe um superdestinatário ao qual, muitas vezes o locutor deseja alcançar, mesmo que inconscientemente.

Em primeiro lugar, o filósofo mostra que a maioria absoluta das opiniões dos indivíduos é social. Em segundo, explica que todo enunciado se dirige não somente a um destinatário imediato, cuja presença é percebida mais ou menos conscientemente, mas também a superdestinatário, cuja compreensão responsiva, vista como correta, é determinante da produção discursiva (FIORIN, 2006, p. 27).

O autor do comentário P enuncia em favor de um povo, considerando a questão do racismo estar incumbido em nossa sociedade, discurso repetido inúmeras vezes por diferentes pessoas, de diferentes grupos sociais.

Por fim, observamos o tom de repulsa com o qual o estudante finaliza o comentário, compreendendo assim que seu discurso, como já afirmamos, é pautado

em um todo da sociedade, deixando assim pistas de sua ideologia e do papel que ocupa nela. Por isso, compreendemos o local de fala desse estudante, que se coloca em favor das mulheres negras que sofreram as retaliações dos comentários postados.

Quadro 17: Comentário Q

O racismo está incumbido na vida das pessoas de tal forma, que o cara fala que não tem japonês bandido, estuprador, mendigo e vitimista. Ou seja, OS NEGROS SÃO TUDO ISSO? Existem pessoas de mal caráter de qualquer cor, de qualquer raça. Isso não tem nada a ver com os negros!

Fonte: Da autora, 2020.

Corroborando mais uma vez as afirmações de Orlandi (1999), reiteramos que um discurso se dá a partir de uma relação de sentido construída a partir de um outro discurso, ou seja, [...] não há discurso que não se relacione com outros” (ORLANDI, 1999, p. 39). Sendo assim, ao analisar o comentário Q, verificamos que ele foi enunciado levando em consideração não somente os comentários da reportagem, mas também os comentários de vários colegas, já postado antes.

Observa-se que o discurso social é mantido aqui, como em vários outros comentários, e a defesa da raça negra é exaltada, assim como percebemos em praticamente todos os comentários. O comentarista acima se valeu não só dos comentários racistas, aos quais é perceptível que ele se opõe, mas ele usa como uma escada outros comentários já feitos por colegas e se ampara em argumentações parecidas para construir a sua fala. Além disso há um tom de indignação como já foi observado antes e, com isso, questionamentos e afirmações que deixam explícita sua ideologia.

Por fim, entendemos que ao usar as letras maiúsculas no questionamento apontado, ele quer justamente gritar para o mundo, ou quem sabe naquele momento, gritar para aquele grupo de pessoas que se encontram ali, dentro daquele ambiente virtual, o absurdo que várias pessoas negras vivenciam diariamente simplesmente por possuírem determinada cor.

Quadro 18: Comentário R

Parabéns a essas mulheres guerreiras que lutaram com toda a força para chegar onde chegaram. Só nós mulheres sabemos o quanto é difícil a conciliação de todas as responsabilidades atribuídas a nós pela sociedade. O quanto há cobrança em seguir padrões e o quanto o estudo e a pesquisa nesse país são desrespeitados.

Fonte: Da autora, 2020.

O último texto sobre a reportagem da ascensão das mulheres negras, comenta justamente a reportagem, diferente de grande parte dos outros que se preocuparam mais em responder os comentaristas. Entendemos que isso se deu pelo nível dos comentários selecionados, absurdos ditos em relação à raça negra e ideias completamente sem sentido em relação aos japoneses e que não tinham nada a ver com a reportagem postada.

A estudante, sabemos que é do gênero feminino justamente porque ela se identifica assim no texto acima, limita-se a parabenizar as mulheres da reportagem por tudo que fizeram e enuncia conforme o papel ocupado por ela na sociedade, de mulher, que possui infinitas responsabilidades e, muitas vezes, acaba tendo que escolher entre carreira e família para conseguir esse tipo de ascensão profissional.

Falando do lugar que ocupa na sociedade, ela coloca ainda os padrões cobrados das mulheres por toda uma sociedade e só quem vive entende do que se trata e da luta enfrentada todos os dias. Entendemos como esses padrões, a cobrança para que a mulher tenha um casamento bem-sucedido, seja mãe, dona de casa e tenha uma carreira e emprego estáveis.

Enfim, ela apresenta um discurso social, um discurso repetido por milhares de mulheres, ou estudantes, ou pesquisadoras, existentes em nossa sociedade, ela quer aqui atingir toda uma comunidade e fazer com que, de alguma forma, o seu discurso possa ser ouvido e, quem sabe, alguém possa, em algum momento, alentar essa mulher que passa por tudo isso e precisa se manter firme e buscar, assim como as mulheres da reportagem, conquistar seus objetivos na vida acadêmica.

Para finalizar as discussões sobre essa reportagem, aproveitamos esse momento para constatar que boa parte dos comentários dos estudantes analisados foram

direcionados aos comentaristas e não à matéria postada, o que nos faz pensar que houve certa indignação por parte dos estudantes, devido à maneira como os enunciados foram postos. São comentários de cunho preconceituoso e com pouca capacidade argumentativa, o que nos faz acreditar também que boa parte dos estudantes assimilou o abordado ao longo do desenvolvimento do projeto, uma vez que comentários infundados, sem argumentação coerente, capacidade crítica e que trazem consigo algum tipo de discurso de ódio ou preconceito foram duramente criticados ao longo de nossos encontros e discussões.

Posto isso, passamos agora a analisar comentários feitos pelos estudantes do curso de Letras em relação a uma outra reportagem. Esta também envolvia questões raciais, mas com menos comentários postados junto a ela. Salientamos que os comentários foram retirados do próprio portal de notícias da internet no qual também se encontrava a reportagem. Devido à grande repercussão que a primeira matéria causou, optamos por continuar na mesma temática para verificar se após a primeira discussão na plataforma os discursos continuavam seguindo o mesmo viés.

Como apresentamos no início desse tópico, a reportagem sobre a qual incidem os comentários analisados a partir de agora trata de um jovem, estudante de fotografia, negro e borracheiro que estava tirando fotografias em um bairro do interior de São Paulo e foi considerado suspeito pelos moradores. Conforme aponta a reportagem postada na Folha de S. Paulo on-line, o rapaz que estava fotografando a paisagem e algumas casas de João de barro, recebeu olhares intimidadores até descobrir que era pauta de um grupo de WhatsApp de moradores de um condomínio próximo. Nesse grupo, ele era apontado como suspeito e acusado de estar tirando fotos das casas e estar reproduzindo um comportamento duvidoso, correndo até mesmo o risco de ser denunciado.

Quadro 19: Comentário S

Vamos pensar sobre isso?

Provavelmente um jovem branco não receberia o mesmo tratamento que esse jovem negro. A polícia pediu que ele andasse com a nota fiscal da câmera, crachá e comprovante do curso de fotografia para que não houvesse problemas em caso de abordagem. Há sim preconceito, racismo envolvido tanto por parte da população que

fez os questionamentos quanto por parte da polícia. Aliás, quantos casos vemos de jovens negros e mortos pela polícia simplesmente porque pareciam suspeitos??? A grande maioria, não digo todos pois não busquei dados sobre o assunto, portanto não posso afirmar isso, são negros. Enfim, ser negro nesse país é difícil pra caramba!

Fonte: Da autora, 2020.

Observando o comentário S é possível compreender que o estudante faz um comentário extremamente consciente sobre a matéria postada no jornal e não fica preso somente aos comentários postados. Verificamos ainda que ele usa alguns argumentos para tentar mostrar à sociedade o quanto esse comportamento, repetido diversas vezes, é problemático, posto que o jovem é considerado suspeito e precisa provar que não cometeu, ou pretende cometer um crime, se resguardando de eventuais abordagens. O estudante questiona ainda o comportamento da polícia, afinal, são centenas de casos que acontecem diariamente em que uma pessoa negra é confundida com um bandido unicamente por sua cor.

Julgamos ainda que o estudante possui uma boa argumentação, uma vez que apresenta informações contundentes e admite em dado momento que não abordará mais profundamente uma informação, justamente por não ter feito uma pesquisa sobre ela. Fator que acreditamos ser de extrema relevância para esse projeto, posto que essa foi uma das discussões que tivemos em sala de aula, apresentação de uma informação sem buscar uma fonte fundamentada. Dessa maneira, compreendemos que uma pessoa que possui uma boa capacidade crítica precisa ter conhecimento sobre aquilo que fala para assim não reproduzir discursos infundados, irrealis ou discriminadores.

Entendemos ainda que o estudante, como já apontamos anteriormente, reproduz um discurso social, ou seja, com sua fala ele não pretende emitir somente uma opinião sua, algo intrínseco a ele. Assim, por meio de tal enunciado ele atinge uma diversidade de pessoas que possuem a mesma posição ideológica ou não. Sendo assim, corroborando Orlandi (1999), seu discurso é um símbolo repleto de significados e irá significar de maneira diferente para sujeitos distintos. Dessa maneira, “[...] o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeitos e sentido” (ORLANDI, 1999, p. 27).

Quadro 20: Comentário T

Será que se se tratasse de um jovem branco, com cabelos louros e olhos claros, haveria suspeita?

Fonte: Da autora, 2020.

O comentário T é simples, curto e faz um questionamento que, apesar da simplicidade diz muito sobre quem o escreve. Podemos dizer que o estudante entende que o que aconteceu com o jovem mencionado na reportagem foi um comportamento preconceituoso, obviamente, mas, principalmente, ele tem uma clareza de que esse tipo de situação só aconteceu pelo fato de o rapaz ser negro.

Ou seja, verificamos um posicionamento, um local de fala e uma ideologia, os quais emanam pelo discurso emitido pelo estudante. Com base em Fiorin (2006), há uma relação dialógica que faz com esse discurso - de que o negro possui caráter duvidoso e pode ser um bandido em potencial - circunde toda uma sociedade.

Quadro 21: Comentário U

Resposta ao primeiro comentário:

Você só pode estar brincando. Retrato da sociedade em que vivemos! Senso comum reinando na sua vida, amigão!

Fonte: Da autora, 2020.

Quadro 22: Estudante V

Resposta ao comentário 2: Pior que só de ler isso aqui já dá para ter uma ideia do seu posicionamento político... É mais fácil chamar de “mimimi” ou “nhenhezinho” quando não é você que está vivenciando na pele. Vamos nos colocar no lugar do outro um pouquinho. Se todos fizessem um pouco mais isso, viveríamos num mundo muito melhor...

Fonte: Da autora, 2020.

Aproveitando esse gancho, observemos também os comentários U e V, vindos logo em seguida. Entendemos que os estudantes, apesar do uso da ironia em partes dos comentários, são cidadãos conscientes de seu papel e de como os discursos racistas existem em praticamente todos os locais de fala nos quais nos encontramos.

O primeiro afirma que a sociedade na qual vivemos pensa exatamente como os comentaristas que discutiram a reportagem, uma vez que se ouve em diversos locais, e muitas pessoas reproduzem essa ideia de que o racismo não existe mais no Brasil. O segundo, seguindo o mesmo viés das ideias, corrobora a questão do posicionamento político dado pelo discurso e questiona a questão de estereotipar o racismo como algo banal, sem importância.

Ou seja, são discursos repetidos tantas e tantas vezes que acabam se tornando senso comum, clichês reforçados por uma gama de pessoas, as quais nunca vivenciaram na pele o que a população negra sofreu e sofre diariamente, tendo que provar a todo momento o quanto são bons no que fazem ou, como no caso da reportagem, tendo que provar que são cidadãos honestos mesmo que não estejam cometendo nenhum tipo de crime.

Sendo assim, entendemos que esses dois últimos comentários nos dão pistas do posicionamento ideológico dos estudantes que os reproduziram, bem como nos faz entender sobre o local de fala ocupado por eles e até mesmo o seus posicionamentos políticos.

Ancorados pelos autores cujas discussões apresentamos ao longo dessa pesquisa, entendemos que o projeto foi exitoso, posto que a maioria dos comentários apresentados refletiram sobre a temática das reportagens ou discutiram os demais comentários de maneira consciente. Além disso, percebemos que boa parte dos discursos são construídos com base em argumentos e de que é utilizada certa sensibilidade ao enunciar, pois estamos lidando com pessoas merecedoras de respeito, independente do posicionamento político ou ideológico que ocupam. No entanto, observamos que mesmo assim eles não deixaram de apresentar seus posicionamentos, ou seja, conseguiram discutir as propostas de maneira crítica com lucidez.

Constatamos, ainda, que muitos deles demonstraram empatia pelas causas discutidas e, com exceção de um, não propagaram discursos de ódio ou reproduziram preconceitos velados existentes em nossa sociedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho objetivou auxiliar os alunos do segundo período do curso de Letras de uma universidade pública do interior de Minas Gerais a trabalharem com o jornal em sala de aula para formação de cidadão críticos e capazes de produzir comentários sem a reprodução de preconceito, discurso de ódio e/ou estereótipos. Além disso, buscamos discutir com os alunos sobre o perfil das pessoas que comentam reportagens políticas em jornais de grande circulação on-line e mostrar a importância de se trabalhar com o jornal em sala de aula.

Para desenvolvimento da pesquisa optamos, inicialmente, por aplicar um questionário diagnóstico que buscou verificar o perfil dos sujeitos que aceitaram participar da nossa pesquisa. Esse questionário serviu como base para que pudéssemos desenvolver as atividades que deram sequência nessa investigação. Dentre os dados coletados com esse questionário, verificamos a idade dos participantes, sendo em sua maioria jovens com 62,5% na faixa dos 17 a 23 anos, 31,25% entre 24 e 30 anos e 6,25% acima de 40 anos. Com essa informação entendemos que apesar da tecnologia fazer parte da vida de todos, a população mais jovem tem mais facilidade em lidar com as inovações e, com isso, buscar mais acesso às informações utilizando as novas tecnologias.

Outro dado que nos pareceu relevante é o fato de 75% dos participantes dessa pesquisa ter realizado o ensino fundamental e médio em escolas públicas e 62,5% afirmar que nunca tiveram o contato com gêneros textuais da esfera jornalística na escola básica. Fato que nos leva a pensar na qualidade da educação de maneira geral e nos parece grave, uma vez que esses gêneros fazem parte da vida de todos e precisam ser discutidos.

Além desses, um outro fator que contribui para o desenvolvimento dessa pesquisa é que, as redes sociais apareceram em 44,12% das citações dos participantes, quando questionado o meio pelo qual mais buscam se informar, mostrando a grande visibilidade que as redes sociais possuem quando se fala em informação. Porém, os mesmos estudantes afirmaram em 81,25% das vezes que apesar de ter informações pelas redes sociais, estes também buscam outras fontes

de informação para se embasar, mostrando que os participantes estão conscientes de seu papel na sociedade e da necessidade de obter informações de qualidade.

O segundo momento da pesquisa foi voltado para discussões em relação aos gêneros textuais e a importância do trabalho com os diversos gêneros em sala de aula, mostrando assim a heterogeneidade que possuem. Já nosso terceiro encontro foi marcado por uma análise no perfil de pessoas que comentavam na internet, bem como uma verificação dos diferentes tipos de preconceitos disseminados na rede. Os dois foram momentos muito ricos de troca de informações e quando percebemos a evolução dos estudantes em relação ao primeiro encontro, no qual se mostraram mais tímidos e com “medo” de discutir um tema como esse.

A última etapa do desenvolvimento do projeto foi direcionada à plataforma EAD da universidade. Os estudantes foram inseridos no ambiente virtual de aprendizagem e convidados a discutir sobre reportagens publicadas em jornais on-line e que traziam junto a elas comentários bastantes preconceituosos. Com os comentários dos alunos postados observamos que a maioria dos participantes da pesquisa foi consciente e capaz de produzir seus textos sem a reprodução de preconceitos, discursos de ódio e/ou estereótipos. Além disso, grande parte conseguiu apresentar uma boa argumentação sobre os fatos apresentados e se posicionar de maneira crítica e lúcida.

Dessa maneira, compreendemos que uma pesquisa que englobe a formação de professores, o jornalismo on-line e o gênero textual / discursivo comentário possui relevância por ser um estudo novo, do qual não se encontram muitas investigações. No entanto, ela se justifica principalmente, pela relevância de mostrar aos futuros professores de língua portuguesa como é importante trabalhar com diferentes textos em sala de aula e associar isso à realidade e ao cotidiano dos alunos, pois, atualmente, em que a internet é nosso principal canal de comunicação, a interação por meio desse gênero textual / discursivo é realizada por quase todas as pessoas. Diariamente somos convidados a comentar diversos assuntos.

Assim, após a conclusão da pesquisa, acreditamos que essa abordagem nos possibilitou auxiliar na formação de cidadãos com postura ética, capazes de escrever suas opiniões observando não apenas a sua individualidade, mas sim o contexto social de maneira geral. Acreditamos que pudemos contribuir para a formação de futuros profissionais da educação que consigam elaborar comentários sem levar em consideração somente as falas do senso comum; comentários sem algum tipo de

fundamentação; e, por fim, reprodutores de diferentes tipos de preconceitos e discursos de ódio.

Compreendemos que o trabalho com gêneros textuais / discursivos é capaz de auxiliar os futuros professores a trabalharem com os diferentes gêneros em sala de aula, sendo assim capazes de apoiar a formação de cidadãos críticos que possam produzir comentários críticos e com uma boa capacidade argumentativa.

Com isso, verificamos que os alunos do curso de Letras foram capazes de compreender a relevância do trabalho pedagógico com os diferentes gêneros textuais digitais em sala de aula, não só por serem parte integrante da vida dos alunos com que irão trabalhar futuramente, mas também por constituírem o processo comunicativo e as relações dialógicas, além de ser exigido pela BNCC, que é hoje um dos principais documentos que norteia a vida dos profissionais da educação.

Sendo assim, concluímos que esta é uma pesquisa que pode contribuir e enriquecer a área de formação inicial de professores, principalmente os de língua portuguesa que possuem um contato maior com os diversos gêneros textuais / discursivos. Salientamos, no entanto, que esse tipo de trabalho poderia ser desenvolvido em qualquer outra área, posto que a linguagem está presente em todos os momentos de nossa vida, afinal é por meio dela que nos comunicamos com os outros e com o mundo.

6. REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, Francisco. **Gêneros jornalísticos**: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental. São Paulo: Cortez, 2011.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: **Cadernos de estudos lingüísticos**, Campinas, UNICAMP – IEL, n. 19, jul./dez., 1990. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636824/4545>>. Acesso em: 06 maio 2019.

BAKHTIN, Michael. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fonte, 2011.

BARTON, David; LEE, Carmem. Linguagem no mundo digital. In: BARTON, David; LEE, Carmem. **Linguagem online: Textos e práticas digitais**. Tradução Milton Camargo Mota. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. Cap. 1. p. 11-24.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Tradução de Judith Chambliss Hoffnagel. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2019.

BUENO, Luzia; BARRICELLI, Ermelinda Maria; PEREIRA, Maria Teresa Bapstistella. Educação infantil: letramento e gêneros jornalísticos em livros didáticos. In: BARROS, Eliana Merlin Deganutti de; STORTO, Letícia Jovelina. (Org.). **Gêneros do jornal e ensino: práticas de letramento na contemporaneidade**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017. p. 215-240.

CALDAS, Graça. **Mídia, escola e leitura crítica do mundo**. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v27n94/a06v27n94.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2019.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004. 500 p.

COSTA, Maria Cristina Rigoni et al. Linguagens e códigos: língua portuguesa. In: BARROSO, Marta Feijó; MANDARINO, Mônica (Org.). **Reorientação curricular**. Rio de Janeiro, 2006. p. 33-98. Disponível em: <http://www.limc.ufrj.br/site/arquivos/livro1_emf_linguagens_e_codigos.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2018.

DUARTE, Matheus Henrique. **As formações neológicas mais frequentes em comentários online [manuscrito]: contribuições para o ensino do português**. 2019. 125 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/30994/1/Disserta%20a7%20a3o%20-%20Matheus%20Duarte.pdf>>. Acesso em: 06 dez. 2019.

FARACO, Carlos Alberto. Criação ideológica e dialogismo. In: FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 45-97.

FERNANDES, José Carlos. A crítica dos sentidos. In: BORGES, Ana Gabriela Simões; ASSAGRA, Andressa Grilo; ALDA, Clarice Guterres. (Org.). **Leitura: o mundo além das palavras**. Curitiba: Instituto RPC, 2010. p. 32-48.

FIORELLI, Jaqueline de Moraes. **Práticas de letramento na rede: ações discursivas, agência e o papel do outro na construção da autoria.** 2009. 231 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USP_97a68d2a70fd8a2253fb2387c599010d>. Acesso em: 08 jul. 2019.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** São Paulo: Ática, 2006.

_____, José Luiz. Categorias de análise m Bakhtin. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (Org.). **Círculo de Bakhtin: Diálogos in possíveis.** Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 33-45.

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo, 03 jun. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2019/06/jean-wyllys-vai-processar-secretario-de-bolsonaro.shtml?origin=folha>>. Acesso em: 16 jun. 2019.

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo, 09 out. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/10/trajetoria-academica-e-marcada-pela-superacao-de-preconceitos.shtml>>. Acesso em: 12 out. 2019

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo, 10 out. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/10/jovem-negro-sai-para-praticar-fotografia-e-e-perseguido-como-suspeito-por-moradores.shtml>>. Acesso em: 12 out. 2019.

FORECHI, Marcilene. **Identidades femininas em comentários no Facebook: uma análise a partir dos estudos culturais em educação.** 2018. 254 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/182457>>. Acesso em: 06 maio 2019.

GRUBLER, Luiz Carlos. **A utilização do jornal como um importante recurso pedagógico nas escolas.** Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/95677/000916585.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 04 maio 2019.

JM ONLINE. Uberaba, MG, 15 jun. 2019. Disponível em: <<https://jmonline.com.br/novo/?noticias,2,CIDADE,180772>>. Acesso em: 16 jun. 2019.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Tradução: Freda Indursky. Campinas, SP: Pontes. Ed: Universidade Estadual de Campinas. 3. ed. 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucena, 2005, p. 19-36.

_____. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 17-31.

MEDINA, Jorge Lellis Bomfim. Gêneros jornalísticos: repensando a questão. **Symposium**, Pernambuco, v. 1, n. 5, p.45-55, 2001. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/3196/3196.PDF>>. Acesso em: 16 dez. 2019.

MELO, C. T. V. Deslocamento de sentido do enunciado “O petróleo é nosso”. **Revista Letras**, Curitiba, n. 37 p. 251-269. jan./jun. 2002. Editora da UFPR.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso: a gênese da disciplina. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003. Cap. 4. p. 101-142.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

POSSENTI, S. **Os limites do discurso**: ensaios sobre discurso e sujeito. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

REBS, Rebeca Recuero; ERNEST, Aracy. Haters e o discurso de ódio: entendendo a violência em sites de redes sociais. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 6, n. 2, p.24-44, ju./dez. 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/332693924_Haters_e_o_discurso_de_odi_o_entendendo_a_violencia_em_sites_de_redes_sociais>. Acesso em: 11 nov. 2019.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. 191 p. Disponível em: <<http://www.ichca.ufal.br/graduacao/biblioteconomia/v1/wp-content/uploads/redessociaisnainternetrecuero.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Como se organizam os gêneros. In: _____. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 85-113.

SANTAELLA, Lúcia. Gêneros discursivos híbridos na era da hipermídia. **Bakhtiniana** Revista Estudos do Discurso. Vol. 9. N. 2. São Paulo: julho/dez 2014. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/bak/v9n2/a13v9n2.pdf> >. Acesso: 30 abr. 2019.

SANTOS, Sonia Sueli Berti. Pêcheux. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral (org.). **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, p. 209-233.

SILVA, Denise Barros da. **Uma análise semiótica dos comentários de leitores de Blog e Facebook: tipos de comentários e questões de intolerância na internet**. 2017. 113 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/3128/5/Denise%20Barros%20da%20Silva.pdf>>. Acesso em: 06 dez. 2019.

SILVA, Elizabeth Maria da; ARAÚJO, Denise Lino de. Letramento: um fenômeno plural. **Rbla**, Belo Horizonte, v. 12, n. 4, p.681-698, 18 set. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/2012nahead/aop0812>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

SILVA, Lucas Rodrigues. **O gênero comentário on-line na esfera jornalística: especificidades de seu funcionamento, construção identitária do comentador e emergência de representações sociais**. 2014. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <<https://www.pucminas.br/pos/letras/Paginas/default.aspx>>. Acesso em: 05 jul. 2019.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, [s.l.], n. 25, p.5-17, abr. 2004. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782004000100002>. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782004000100002>>. Acesso em: 09 jul. 2019.

_____. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação & Sociedade**, [s.l.], v. 23, n. 81, p.143-160, dez. 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-73302002008100008>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002008100008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 09 jul. 2019.

STEIN, Marlucci; NODARI, Cristine Hermann; SALVAGNI, Julice. Disseminação do ódio nas mídias sociais: análise da atuação do social media. **Interações**, Campo Grande, v. 16, n. 1, p.43-59, jan./mar. 2018. Trimestral. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/inter/v19n1/1518-7012-inter-19-01-0043.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

TOLEDO, Renata Ferraz de; JACOBI, Pedro Roberto . Pesquisa-ação e educação: compartilhando princípios na construção de conhecimentos e no fortalecimento comunitário para o enfrentamento de problemas. **Educação & Sociedade** (Impresso), v. 34, p. 155-173, 2013.

TOMÁS, Renata Nobre. **A violência contra a mulher nas tramas dialógicas dos comentários on-line da Folha de S. Paulo**. 2019. 239 f. Tese (Doutorado) - Curso de Língua Portuguesa, Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/21962/2/Renata%20Nobre%20Tom%c3%a1s.pdf>>. Acesso em: 06 dez. 2019.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

VARGENS, Dayala P. de Medeiros; FREITAS, Luciana M. A. Ler e escrever: muito mais que unir palavras. In: Barros, C. S. e Costa, E. G.M. (Orgs.) **Espanhol: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação Secretaria da educação básica, 2010, 292 p. (Coleção Explorando o ensino, v. 16); p. 191-220.

APÊNDICES

Apêndice I

Questionário Diagnóstico

1. Qual a sua idade?
 17 a 23 24 a 30 31 a 40 Acima de 40

2. Você fez o ensino fundamental em escola pública ou particular?
 Todo em escola pública Todo em escola particular Parte em escola pública e parte em escola particular

3. Você fez o ensino médio em escola pública ou particular?
 Todo em escola pública Todo em escola particular Parte em escola pública e parte em escola particular

4. Você estudou sobre os gêneros da esfera jornalística no ensino fundamental e/ou médio?
 sim não

5. Na faculdade de Letras você já estudou sobre os gêneros da esfera jornalística?
 sim não

6. A partir de qual meio de comunicação você costuma se informar sobre os acontecimentos da sua cidade e do seu país?
 Jornal on-line Redes sociais
 Televisão Rádio

7. Se você tem o hábito de acessar as redes sociais para se informar, como é a frequência disso?
 Só me informo pelas redes sociais
 Acesso as redes sociais para me informar, no entanto busco também outras fontes de informações
 Não acesso redes sociais

8. Em relação ao acesso a jornais on-line e redes sociais, se você os faz, tem o hábito de ler a seção de comentários feitos nas notícias e reportagens?

Sim Não Não acesso redes sociais nem jornais on-line

9. O que você pôde observar nesses comentários? Marque mais de uma resposta, caso necessite.

- Eram fundamentados e embasados em fatos reais;
- Apresentavam discurso preconceituosos;
- Não tinham relação com o que o conteúdo da notícia ou reportagem apresentava;
- Reproduziam ideias do senso comum;
- Eram agressivos;
- Eram compreensivos com a situação e/ou pessoa apresentada.

10. Ainda sobre os comentários, você costuma fazê-los na internet?

Sim Não

Se sua resposta foi sim, comente sobre os comentários que você costuma fazer. De que maneira você os organiza e os pensa? Baseado em quê?

ANEXOS

Anexo I

Com manifestação menor, greve atingiu alguns setores na cidade

Com adesão maior do setor educacional, movimento teve ainda participação de bancários, estudantes e técnicos administrativos

Com número menor que nas duas manifestações anteriores, estudantes, professores e sindicalistas fizeram ato de protesto na praça Rui Barbosa

A sexta-feira (14 de junho) foi marcada por paralisações e atos públicos. A adesão, no entanto, foi menor que nas outras duas manifestações realizadas no mês de maio. Apesar de ter sido anunciada como greve geral, o movimento teve maior adesão de entidades ligadas ao setor educacional. O **Jornal da Manhã** acompanhou as movimentações no centro da cidade desde o início do dia.

Na praça Rui Barbosa, local que também recebeu outros protestos, os manifestantes começaram os atos por volta de 9h. Em cima de um pequeno trio elétrico, os militantes discursaram contra a reforma da Previdência, bloqueio de verbas no orçamento das universidades e, mais uma vez, contra a reitora pro tempore da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Ana Lúcia de Assis Simões.

A adesão do Sindicato dos Educadores do Município de Uberaba (Sindemu) resultou na interrupção total de aulas em uma unidade de ensino e paralisação parcial de outras seis escolas.

Marcos Mariano, ativista do Fórum dos Trabalhadores de Uberaba, e Rolando Malvásio, do Sindicato dos Trabalhadores Técnicos-administrativos em Educação das Instituições Federais de Ensino Superior, comandaram novamente as ações.

O Sindicato dos Bancários também participou dos atos, e pelo menos seis agências permaneceram fechadas, apenas com atendimento por meio de caixas eletrônicos no período da manhã.

Houve adesão de estudantes da UFTM, do Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM) e do Sindicato dos Trabalhadores em Hospitais e Casas de Saúde de Uberaba (Sindisaúde).

Maria Helena Gabriel, coordenadora regional do Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação (SindUTE) em Uberaba, estima que mais de 40% das escolas estaduais aderiram à paralisação ao longo desta sexta-feira. "Os cortes na educação são ruins para todos", disse Maria Helena.

As manifestações foram acompanhadas por agentes de fiscalização de trânsito da Secretaria de Defesa Social, sem registro de ocorrências. Por volta de 11h30, os militantes deixaram a região central e transitaram por algumas vias da cidade.

Deixe sua risada, pra os pão com mortadela

kkkkk

Curtir · Responder · 1 d



↪ 1 resposta

Adesão dos vagabundos da área da educação, bancário, transportes ...

Curtir · Responder · 1 d



Que greve meu.... so tinha VAGABUNDO....

Curtir · Responder · 1 d



A turma da mortadela

Curtir · Responder · 1 d

O Bozo que fassa uma manifestação num dia Útil para vê sé os gado dele vão...

Curtir · Responder · 1 d



Jacò Dias não vai pois não tem vagabundo

Curtir · Responder · 1 d



Sal se fufu

Curtir · Responder · 1 d

fassaa 🤔🤔🤔🤔🤔🤔

Curtir · Responder · 1 d



vc teve vergonha de aderir a "greve"?!
Nó!

Curtir · Responder · 1 d



Gentalha da esquerda escreve "fassaa" mesmo. Efeito mortadela estragada. 🤔🤔🤔🤔

Curtir · Responder · 1 d



Nós que somos gado
kkkkkk,ele que escreve "fassaa" é o que? 🤔🤔🤔🤔🤔🤔

...

Anexo II

Jean Wyllys vai processar secretário de Bolsonaro

Ex-deputado diz que Manuela D'Ávila também entrará com ação contra Edilásio Barra, futuro secretário do Audiovisual, por espalhar fake news

O ex-deputado federal Jean Wyllys diz que irá processar o jornalista e apresentador Edilásio Barra, que será o novo secretário do Audiovisual do governo de Jair Bolsonaro.

Em sua conta do Instagram, Barra compartilhou uma publicação na qual afirma que "Jean Wyllys e [a ex-deputada] Manuela D'Ávila são os principais mandantes no crime contra Bolsonaro" e que esse seria o motivo da renúncia do ex-deputado. O post é acompanhado de fotos de Wyllys, Manuela e de Adélio Bispo, autor da facada em Jair Bolsonaro durante a campanha eleitoral de 2018.

A publicação foi deletada depois que a coluna entrou em contato com Barra.

"Ele espalhou deliberadamente uma fake news contra duas pessoas públicas, uma mentira abjeta que colocou nossas vidas em risco. Sob suas mãos, o audiovisual vai se transformar numa fábrica de mentiras para destruir vidas alheias", diz Wyllys.

"Ele terá que se retratar publicamente e pagar pelos danos à nossa imagem", completa. "Além de ser um criminoso, ele é um incompetente e um cafona".

Segundo o ex-deputado, ele e Manuela irão processar Barra conjuntamente, assim como os partidos, PSOL e PCdoB, irão tomar providências.

A Secretaria Especial de Cultura, vinculada ao Ministério da Cidadania, e Edilásio Barra não irão se pronunciar. A nomeação de Barra ainda não foi efetivada.

3.jun.2019 às 21h34

Ara! Cafona eu não posso perdoar! Kkk

RESPONDA  1

DENUNCIE

4.jun.2019 às 2h47

Esse via do ainda está vivo?

RESPONDA  0

DENUNCIE

Anexo III

Trajetória acadêmica de negras é marcada pela superação de preconceitos Elas relatam o desafio de se provarem em dobro, para si mesmas e para os outros

Depoimentos: perseverança, apoio da família, ajuda de amigos e professores. Muitas pesquisadoras negras com competência reconhecida, que fazem carreiras em instituições de ensino e centros de pesquisa, no Brasil e no exterior, precisaram superar barreiras raciais, sociais e financeiras para seguir adiante.

UM PROFESSOR COLOCOU O CARTÃO DE CRÉDITO DELE NA MINHA MÃO

Jaqueline Oliveira, 37, doutorado na Universidade Yale e professora em Rhodes College

Eu fui a primeira da família, tanto materna quanto paterna, a completar curso superior. Minha irmã e eu somos as únicas com mestrado e doutorado. O que explica uma pessoa de família sem muitos recursos financeiros e sem exemplos acadêmicos a serem seguidos se tornar Ph.D. e professora de economia?

Eu diria sorte. Tive sorte de ter pais que, apesar de nunca terem colocado os pés numa universidade, colocaram a educação das filhas em primeiro lugar.

Sorte de ter acesso a universidade gratuita e de qualidade, já que meus pais, apesar de valorizarem educação, não teriam condições de financiar uma faculdade privada. Sorte de ter tido uma orientadora de graduação que reconheceu e valorizou os meus esforços durante o período em que cursei a faculdade de economia na UFMG, e me incentivou a fazer mestrado na USP.

Sorte de, na USP, ter tido um professor que me apresentou a possibilidade de fazer o doutorado na Universidade Yale, algo que eu nunca imaginei estar ao meu alcance.

Esse mesmo professor [o economista Denisard Alves] que colocou nas minhas mãos seu cartão de crédito para que eu pudesse pagar, em dólares, pelas taxas associadas aos processos seletivos das universidades norte-americanas.

Óbvio que trabalho duro e muitas horas de estudo ajudaram, mas todo esse esforço provavelmente não teria resultado em carreira acadêmica sem o apoio dos meus mentores.

Felizmente, dentre os desafios que encontrei, não figuram discriminação de gênero e raça. Todas as dificuldades foram impostas pela situação socioeconômica.

ALISEI O CABELO DESDE OS 12 ANOS PORQUE ACHAVA ELE RUIM

Thaiza Loiola Silva, 23, estudante de Economia no Insper e do programa Dn´A Women (do Goldman Sachs e outros bancos de investimento)

Venho de uma família muito humilde em Fortaleza. Meu pai é autônomo, vendedor de carros, e minha mãe é professora.

Queria muito ter uma experiência internacional e consegui outra bolsa para terminar o ensino médio na Alemanha, em um colégio internacional. Fui para lá com 17 anos. Não falava nada de inglês, aprendi tudo lá.

Lá, descobri minha identidade étnica. As pessoas dos grupos com quem eu mais me identifiquei, minhas melhores amigas, eram do continente africano. Achava interessante a forma como elas lidavam com o cabelo. Eu alisava o meu desde os 12 anos, porque achava que meu cabelo era ruim. Na Alemanha, resolvi descobrir como é meu cabelo natural.

Nessa época, ocorreu um episódio muito marcante. Quando voltei, em meados de 2015, era uma época muito ruim, meu pai não estava vendendo carros. Minha mãe estava sustentando a casa. Ela tinha um Fiat Uno caindo aos pedaços, avaliado nuns R\$ 4 mil, que ela usava para ir trabalhar.

Ela cogitou vender esse carro para pagar minha passagem de volta para a Alemanha. Minha bolsa incluía moradia, alimentação, mas a passagem, não. Acabamos dando um jeito, pegamos empréstimos com minhas tias.

Nessa época, a gente estava enfrentando uma recessão muito aguda. Decidi, ali, que queria trabalhar com Economia no futuro. Consegui bolsa integral do Insper que me paga auxílio moradia em São Paulo, me dá dinheiro para me manter, computador. Tenho esse privilégio gigantesco.

Muitas vezes, as pessoas dizem que sou extremamente esforçada. Sim, sou, mas tive muita sorte também. Meu primo, filho do irmão do meu pai, teve morte cerebral, por envolvimento com drogas, no mesmo dia em que recebi a notícia que tinha passado no programa de bolsas do Insper.

CONFORME FUI SUBINDO NA CARREIRA, FUI FICANDO MAIS NEGRA

Ana Paula Melo, 32, estudante de doutorado na Universidade de Wisconsin-Madison

Estive no Brasil recentemente e, quando você olha para a universidade, não tem como negar que a cara dela mudou.

Minha geração representa mais ou menos uma transição. Entrei na universidade em 2008. Fiz faculdade em um contexto muito branco, excludente. Acho que deveria ter mais discussão no Brasil sobre isso.

Li uma reportagem aqui nos Estados Unidos, recentemente, que mostrava uma diminuição do hiato entre os salários de mulheres e homens, mas isso não ocorria em relação aos salários de mulheres negras.

Não tenho certeza sobre as estimativas do Brasil, mas imagino que, além de a mulher estar atrás, a mulher negra esteja ainda mais atrás e fico pensando: será que o mercado de trabalho está preparado para receber essa nova leva de mulheres negras, economistas e de outras áreas, que vão sair das universidades?

Há iniciativas de mentoria sendo tomadas aqui nos Estados Unidos, que podem ser muito boas.

Sei que há um choque quando você chega em um espaço e ninguém se parece contigo. Minha mãe é branca e meu pai é negro. Tenho uma pele relativamente clara, o que é um grande privilégio. Diferentes tons de pele, realmente, influenciam o racismo.

Mas conforme foi subindo na carreira, fui ficando mais negra do que a média. É quando vai ficando mais óbvio o quanto a questão racial é importante no Brasil.

Nós, mulheres negras, não somos a cara do economista. Os programas de mentoria podem ajudar nisso, porque te ajudam a ver que outra pessoa parecida com você chegou lá.

A identificação com uma minoria, na minha vida, foi algo mais retrospectivo. Olho para trás e penso: ah, está aí por que eu achava que tinha que alisar meu cabelo ou por que fiz várias escolhas. Eu tive muitos privilégios, de ter oportunidade de fazer cursos, de pessoas que acreditaram em mim.

Minha mãe é professora e diretora de escola pública, meu pai era músico e, hoje, cuida de uma terra que meu avô deixou. Eles nunca tiveram muito dinheiro. Mas o Brasil é tão desigual que, obviamente, minha condição era muito melhor que a de muitas pessoas.

Minha família estendida é de mulheres muito fortes, todas elas com carreira. Minha mãe se formou em matemática em uma época e em uma região em que mulheres não iam para a faculdade.

Para fazer o curso preparatório para a prova de mestrado em Economia da USP, morei na casa de uma tia no Rio de Janeiro. Consegui bolsa porque conversei com o professor e ele entendeu a minha solicitação e me deu desconto. E por aí vai.

PENSEI EM DESISTIR POR ACHAR QUE NÃO ME ENCAIXAVA NA PROFISSÃO

Vilma da Conceição Pinto, 29, pesquisadora do Ibre

Sou de família pobre. Minha mãe é gari, meu pai era pescador. Nunca estudei em escola particular. Todo meu ensino foi público ou com bolsa.

Comecei a estagiar com 16 anos, pelo CIIE (Centro de Estudo Empresa-Escola). Fiz auditoria num shopping. Com o dinheiro da bolsa, comprei computador, paguei curso de inglês.

Quando fazia cursinho pré-vestibular comunitário, via, normalmente pela tevê, economistas falando, fazendo análises. Passei a me interessar, pesquisar sobre o tema e gostei. Passei para a UERJ em 2009, com cota. Comecei a trabalhar num call center e, com o dinheiro do salário, pagava passagem.

Achei que ia ter dificuldade por ter estudado na escola pública e por estar trabalhando e estudando, mas não tive. Mas, depois, tive dificuldade para conseguir estágio em economia. O único que consegui foi no IBGE. Eu não tinha experiência com nada, só boas notas na faculdade. Acredito que muita gente não queira o estágio lá, talvez porque paga-se mal.

Mas eu aceitei. Sou muito grata porque lá aprendi realmente sobre economia. Vi o quão importantes e sérias são as estatísticas produzidas pelo instituto.

Aí, decidi que queria continuar trabalhando com pesquisa econômica e contribuir para o desenvolvimento econômico do país.

Surgiu uma vaga de estágio na FGV-Ibre para trabalhar com índice de preços, me candidatei e passei. Mas, na época, o [economista] Gabriel Barros estava desesperado precisando de um estagiário para a área fiscal do Ibre e, como minha prova tinha sido muito boa, ele conversou com o pessoal da inflação e eles concordaram em me ceder.

Fiquei com medo, porque era uma área muito difícil. Acabei me dando bem, gostando muito. Estudava o tema e entregava muita coisa. Consegui a bolsa no mestrado [profissional] na EPGE [paga pelo Ibre], e acabei ficando na área fiscal após a saída do Gabriel do Ibre.

Meu objetivo inicial era fazer um mestrado acadêmico. Precisaria me preparar bem e juntei dinheiro para pagar o cursinho preparatório. No último ano de faculdade, meu pai teve um problema de saúde, ficou internado e faleceu, e, nesse período, gastei todo o dinheiro que tinha economizado.

Sempre tento me superar, mas a gente tem deficiências. Quando fiz estágio, paguei o curso de inglês mais barato que encontrei e não o melhor. Tenho dificuldade com a língua inglesa. Isso é uma barreira que estou tentando superar agora.

São coisas que te deixam para trás em relação a outras pessoas, mas é difícil definir se é racial ou social, provavelmente uma combinação de ambos.

Quando quis ser economista, nunca havia me imaginado na posição em que estou hoje. Durante o curso, pensei em desistir, por achar que não me encaixava na profissão, mas desistir é muito difícil, quando tudo se conquista com dificuldades.

Sou muito grata a meus pais e a Deus por tudo que conquistei.

É PRECISO ENTENDER QUE JÁ FIZEMOS O SUFICIENTE

Carolina Alves, 38, pesquisadora na Universidade de Cambridge e uma das fundadoras do D-Econ

Acho que o meu caminho foi mais fácil que o do meu irmão, porque ele tem uma cor mais escura do que a minha, e eu passei muito tempo escondendo meu cabelo afro. Isso com certeza me ajudou a evitar muitas barreiras.

Também me ajudou ter o exemplo da minha mãe, uma mulher muito forte, trabalhadora e independente. Ela sempre disse: “você precisa fazer e ponto”. Eu persisti bastante, acho que isso veio dela.

Sempre evito olhar para passado, porque isso pode nos impedir de caminhar para frente. Mas, se pudesse fazer tudo de novo, aconselharia minha versão mais jovem a ter mais orgulho de si mesma, da sua origem de miscigenação racial. Isso teria me ajudado a construir uma autoestima, algo fundamental na vida, e que a constante discriminação de gênero, renda e raça pode destruir.

Também me aconselharia a falar mais sobre racismo e sexismo e a dividir essas inquietações com amigos. Cresci no interior de São Paulo nos anos 1980 e fui para universidade nos anos 2000. Naquele tempo, a discussão sobre gênero e raça era muito silenciosa ou não existia. Arriscaria dizer que muita coisa mudou desde então. Apesar de vivermos um momento de reacionarismo global, temos mais instituições apoiando esse tipo de causa e mais informação disponível.

A gente precisa saber de forma clara o que somos e como as pessoas nos veem. A minha falta de entendimento disso provavelmente fez com que eu tivesse trabalho extra e carregasse um fardo maior.

Contribuiu para deteriorar a minha confiança, porque eu reduzia as críticas a uma sensação de que eu não era boa o suficiente, que não deveria estar lá, que precisava ler mais ou ter mais treinamento.

Claro que as críticas são importantes para o nosso progresso intelectual. Mas há momentos em que é preciso entender que já fizemos o suficiente. Aumentar o número de negros e mulheres na academia não vai ser tão efetivo se a universidade não reconhecer o racismo institucionalizado e mudar seu currículo eurocêntrico.

As Japonesas fugiram da guerra, traumatizadas e na pobreza trabalharam nas lavouras, comércio. São tão discretas, e superaram todos seus obstáculos.

Curtir · Responder · 21 h · Editado



também tu não entende nada em japonês.

Curtir · Responder · 21 h

Os japoneses nunca foram escravizados ou considerados inferiores 🙌

Curtir · Responder · 21 h



E aí animal, aprenda a usar vírgulas, depois a gente conversa, seu acéfalo.

Curtir · Responder · 21 h



você estudou história do Brasil? Ou será que a história do Brasil que é mentirosa?

Curtir · Responder · 21 h



houve apenas um período de hostilidade na época da segunda guerra...

Curtir · Responder · 21 h



Hedder Braga Já viu Japonês

Bandido?

Vítimista?

Mendigo?

Estuprador?

E nem verás, os japoneses por onde passam deixam um rastro de trabalho, dignidade e caráter, sem mi mi mi.

Vieram em porões de navios do outro lado do mundo, fugindo de uma guerra, trabalharam em lavouras, comércio, e não reclamam de nada.

É uma raça superior, fato.

Curtir · Responder · 19 h · Editado

Anexo IV

Jovem negro sai para praticar fotografia e é perseguido como suspeito por moradores

Gabriel Souza trabalha como borracheiro e virou alvo de grupos de WhatsApp de Jundiaí (SP)

Guilherme Seto

SÃO PAULO

As borracharias são comumente associadas a uma estética da vulgaridade, composta de fumaça de escapamento, graxa e pôsteres de mulheres nuas. O jovem borracheiro Gabriel Souza, 17, não poderia estar mais distante desse clichê.

Morador de Cabreúva, no interior de São Paulo (a 89 km da capital), ele trabalha com seu pai, José Mendes, na borracharia da família em Jundiaí, no bairro Eloy Chaves. Há aproximadamente três anos ele passou a se alimentar afobadamente na hora do almoço para ter um tempinho para praticar a fotografia, pela qual pegou gosto.

Gabriel prefere as cores vivas ao preto dos pneus e o metálico dos motores, e elas ganham primazia nos registros de flores, plantas e animais que ocupam suas redes sociais (no Instagram, seu usuário é o @souza_dk). Seu domínio do metiê tem evoluído, e após ter começado a fotografar com seu celular, ele adquiriu há um ano uma câmera semiprofissional. Há um mês, complementou a coleção com uma Canon EOS 70D, máquina profissional.

Em uma de suas primeiras saídas com o equipamento novo, no entanto, ele se tornou alvo de grupos de moradores do bairro Eloy Chaves.

Na segunda-feira, 30 de setembro, comeu rapidinho e correu para treinar fotografia em uma praça próxima à borracharia. "É bastante arborizada, rende muitos cliques", diz Gabriel à **Folha**.

No dia seguinte, saiu para comprar um refrigerante nas redondezas da loja do pai e sentiu que estava recebendo olhares de reprovação. Imaginou que fossem por causa da roupa suja de graxa e de óleo e deixou para lá.

De volta à borracharia, encontrou-se com um cliente que mostrava uma lista de mensagens do grupo de seu condomínio. Nele, estavam fotos em que aparecia Gabriel fotografando, acompanhadas de mensagens em que ele era tratado como alguém com "comportamento suspeito".

"Quem encontrar esse rapaz por favor ligar para o 153 [Guarda Municipal], esse indivíduo está tirando foto das casas", dizia uma delas.

Um áudio atribuído ao vereador Antonio Carlos Albino (PSB) reforçava o coro: "Se vocês virem esse indivíduo pela rua, já liguem para o 153 porque a viatura da guarda já está tentando achá-lo pelo bairro. É um suspeito de estar filmando e tirando foto das casas aí."

Publicadas posteriormente, as fotos de Gabriel revelam que em sua mira não estavam as moradias dessas pessoas, mas a casa de um João-de-Barro na árvore.

Gabriel começou a perceber movimentação incomum na vizinhança. Segundo ele, viaturas da guarda passavam e olhavam para dentro da borracharia, como se o estivessem procurando. Moradores miravam de soslaio. Um deles chegou a postar no grupo que havia visto "o suspeito" no ponto de ônibus.

Preocupado, ele foi a duas delegacias na companhia do pai e de seu professor de fotografia, Anderson Kagawa, 32. Em nenhuma delas conseguiu registrar um boletim de ocorrência.

"Eles disseram que não havia crime e se negaram a tomar providências. Em uma delas, sugeriram que eu tirasse uma foto com uma folha de papel sulfite com o meu nome escrito por extenso, para evitar problemas no futuro. Queriam me fichar", diz.

"Em outra delegacia, disseram que eu deveria ficar uma semana sem fotografar. Depois disso, deveria andar com um certificado de algum curso de fotógrafo, um crachá, nota fiscal da câmera, e andar acompanhado", afirma Gabriel.

"Tem preconceito envolvido, sim, na minha visão. O Eloy Chaves é um bairro que tem muitos fotógrafos, conheço vários deles, estão sempre pela rua, e isso nunca tinha acontecido, e eles são brancos."

Na visão de Kagawa, eles foram às delegacias para fazer o boletim de ocorrência de um crime e foram "tratados como bandidos."

Formado em administração de empresas e de mudança para o Japão para investir no mercado de cafés especiais, Kagawa diz que sabia, claro, que existe racismo no Brasil, mas nunca tinha visto nada do tipo de maneira tão próxima.

Foi ele quem vendeu a câmera profissional a Gabriel, há cerca de um mês. "Meu pneu furou e fui até a borracharia do pai dele. O José me disse que o filho dele gostava de tirar fotos. Rolou uma empatia muito grande, e empatia é tudo nessa vida. É uma família muito boa, honesta, são inteligentes", diz.

Ele então vendeu a câmera a um preço camarada para o garoto e colocou no pacote lentes, baterias, cartões de memória, um tripé e outros complementos. Passou uma semana ensinando as manhas da atividade para Gabriel.

"Agora que eu estava empolgado, porque veria cada vez mais o resultado do que fizemos juntos, eu tive que ir para a delegacia com ele. Tive medo que aparecesse um justiceiro e fosse lá resolver com as próprias mãos na borracharia. Ou que ele fosse preso e enfiado em um camburão e eu estivesse já no Japão sem ter como explicar que ele tinha comprado a câmera de mim", explica Kagawa.

Nesta quarta-feira (9), Gabriel viajou para a capital para conversar com advogados e pensar em que providências tomar. Ele e seus familiares ainda estão decidindo o que fazer judicialmente nesse caso.

Procurado pela reportagem, o vereador Albino diz que a recorrência recente de crimes no bairro Eloy Chaves fez com que as pessoas ficassem assustadas e agissem assim. Segundo ele, não houve racismo.

"Ninguém fala em momento algum da cor dele. Ninguém diz que ele é branco, azul, rosa, verde ou qualquer outra coisa", afirma. De acordo com ele, imputar racismo a

essas ações é obra de um adversário político seu na região que tenta "desconstruir" suas obras devido à proximidade das eleições de 2020. Ele diz que tomará as providências cabíveis na Justiça contra quem o acusar de racismo.

Segundo Albino, o garoto era um "desconhecido" que não mora no bairro e que, por tirar fotos das casas das pessoas, estava gerando temor. Sobre sua mensagem de áudio, ele diz não ter acionado a guarda, mas apenas sugerido que uma das moradoras, que estava muito assustada, fizesse isso.

Em nota à **Folha**, a Guarda Municipal de Jundiáí afirma que não fez nenhuma abordagem referente a Gabriel no bairro Eloy Chaves no dia 30 de setembro. A corporação também diz que a central 153 não registrou ligações sobre o caso. O texto também informa que duas ocorrências foram atendidas no bairro nesse dia.

A Secretaria de Segurança Pública afirmou, em nota, que "os fatos serão apurados" e que Gabriel "compareceu à seccional de Jundiáí, onde foi orientado quanto ao registro da ocorrência e sobre a disponibilidade do 1º DP da cidade."

Qualquer fato que acontece tudo é racismo, mero desvio de foco e para vender manchetes.

 RESPONDA  0

 DENUNCIE

Há 8 min

Classifico o texto como "nhe-nhézinho policamente correto-ideologicamente dirigido pra ganhar clicks&comentarios". Ganhou +1 comentario.

 RESPONDA  0

 DENUNCIE
